Mauro Teixeira Guatelli

RESIDÊNCIAS EM ALPHAVILLE, NOS MUNICÍPIOS DE BARUERI E SANTANA DE PARNAÍBA

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Projeto de Arquitetura

Orientadora: Profa. Dra. Helena Ayoub Silva

São Paulo
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL: mmguatelli@gmail.com

Guatelli, Mauro Teixeira
G918r Residências em Alphaville nos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba / Mauro Teixeira Guatelli. -- São Paulo, 2012.
160 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração : Projeto de Arquitetura) – FAUUSP.

Orientadora: Helena Ayoub Silva

1. Casas – Barueri (SP) 2. Condomínios fechados – Barueri (SP) 3. Loteamentos residenciais fechados 1. Título

CDU 728.1(816.12)B295

“Todo verdadeiro acontecimento muda a configuração do possível. Isso porque tal configuração já estava modificada anteriormente pelo pensamento que desempenhou sua verdadeira tarefa.”

Vladimir Safatle[1]

[1] SAFATLE, Vladimir. Revista Cult, n.163, Editora Bregantini, São Paulo, 2011, p. 59.

Agradecimentos

Aos meus muito queridos:
Mazé, Leninha e Zé Salles

Aos professores e colegas do curso de pós graduação da FAU, arquitetos que receberam de braços abertos este engenheiro.

Sumário

Resumo (Abstract) VII

Apresentação IX

Introdução 1

Capítulo 1: Fortuna Crítica 4

1: Introdução 4

2: A Conformação Metropolitana 6

2.1: A ocupação da metrópole por grupos sociais 9

2.2: Espaço urbano e as classes de renda mais alta 11

2.3: Uma nova geografia para a cidade 14

2.4: Violência Urbana 15

3: O Loteamento Residencial Fechado 17

3.1: Legislação, irregularidade legal 20

3.2: A descontinuidade do tecido urbano 21

3.3: Situação fundiária 22

3.4: Ordem dentro dos muros 23

3.5: Espaço privado e espaço público 23

3.6: Paisagem, sistema de espaços livres urbanos, públicos e privados 25

3.7: A arquitetura residencial 26

4. Pelo Mundo 27

Capítulo 2: Alphaville: A História Relatada 30

1. Apresentação do testemunho 30

2. O depoimento 31

Capítulo 3: Análise de Projetos 47

Capítulo 4: Residências construídas 87

1. As primeiras construções 87
2. Os anos iniciais 88
3. Residências maiores, implantadas em lotes múltiplos 91
4. Residências com referências históricas 92
5. Residências com referências clássicas 94
6. A busca por outras formas 95
7. Arquitetura contemporânea 96
8. Arquitetura representativa do luxo de mercado 97
9. Construções recentes 99
Considerações Finais 100
1. O mal estar de nossos dias 100
2. Individualismo, hedonismo e hiperconsumo 101
3. A sociedade intramuros 103
4. A arquitetura residencial 104
5. Possibilidades 106
Referências Bibliográficas 109
Relação de Fotos 113
Relação de Figuras 116
Anexos 117

Resumo

Os loteamentos residenciais fechados tem sido objeto de crítica acadêmica pelos seus aspectos de segregação e isolamento social, de interrupção do traçado urbano e de privatização do espaço de natureza pública entre outros.

Entretanto esse tipo de ocupação tem se expandido pelo país, alterando a característica de nossas cidades.

Esta dissertação analisa a arquitetura residencial produzida em Alphaville, no município de Barueri, considerando o contexto em que se insere esse modelo urbano, incluindo hábitos e práticas particulares no desenvolvimento de suas relações sociais.

Para isso são apresentadas as análises críticas de oito projetos residenciais que antecedem um acervo de imagens de aproximadamente trinta residências, além de um relato histórico elaborado a partir de informações obtidas em entrevistas com moradores.

A unidade habitacional é tomada como célula básica para esse estudo, discutindo-se o projeto de arquitetura das residências como elemento revelador de hábitos familiares e de relacionamento social. Estendendo a cognição desses costumes para a coletividade chegamos então a um melhor entendimento discursivo a respeito da população que opta pelos enclaves fortificados.

A contribuição aqui pretendida é pleitear subsídios para melhor compreensão do fenômeno no meio acadêmico, permitindo a evolução da discussão sobre a coexistência dos modelos, cidade aberta e cidade de muros, buscando o pensamento que promova verdadeiros acontecimentos transformadores e assim novas possibilidades para esse quadro.

Palavras Chaves: Loteamentos fechados, condomínios, arquitetura residencial, residências.

ABSTRACT

Housing estates have been aimed at by academic criticism owing to, among others, their aspects of segregation and social isolation, the halt to urban layout and the privatization of public area.

However, this kind of occupation has been sprawling throughout the country, tweaking our cities' features.

This paper analyzes the residential architecture devised at Alphaville, in Barueri County, taking into consideration the context in which this urban standard is located, embracing both habits and exclusive customary activities in fostering its social relations.

For such matter, critical reviews of eight dwelling projects are introduced; they forego an image heap of approximately thirty houses, apart from a historical account drafted from information gathered in the interviews with local habitants.

For this particular study, the housing unit is taken as a basic cell, deliberating the project of the housing architecture as an apprising feature of family customs and of social relationship. Protracting the acknowledgement of such traditions to the community we, then, reach a better comprising understanding concerning the population who opts for the strengthened jurisdictions. The contribution which here is aspired is to plead subsidies to enhance the awareness of the phenomenon in the academic environment, by allowing the discussion over the concurrence of archetypes, vigilant city and walled city, seeking the concept which triggers true shifting therefore new possibilities to this panorama.

Key Words: Housing estates, condominiums, residential architecture, residences.

Apresentação

Morei em Alphaville por vinte e seis anos. Fui para lá nos seus anos iniciais, precisamente em 1980, quando o empreendimento ainda estava por se consolidar. A escolha do lugar tinha como objetivo prioritário oferecer espaço mais amplo e uma vida mais próxima à natureza para a minha família.

A essa época eu estava com 27 anos, casado e com dois filhos bem pequenos e com situação financeira que não me permitiria algo mais confortável que um apartamento pequeno na cidade de São Paulo. Dessa forma Alphaville surgiu como alternativa possível para que eu pudesse oferecer aos meus uma vida mais próxima das referências que eu imaginava como ideal.

Trazia comigo a experiência de ter passado a infância entre uma cidade do interior, no oeste do Estado de São Paulo e a vida rural numa fazenda no Mato Grosso. Oriundo de duas famílias de naturezas bastante distintas, fui educado para apreciar o lado matuto e encantador da vivência de meus avós maternos e de outro lado a cultura das artes, especialmente do desenho e da música transmitida pelos meus avós paternos.

Nessas circunstâncias Alphaville parecia perfeito. Trago vivas as recordações dos primeiros anos do lugar, com muita alegria lembro-me do convívio com os queridos vizinhos, da construção de um cotidiano inédito nas experiências alternantes entre a metrópole, a periferia e uma zona semi campestre a essa época.

Muita coisa mudou ao longo dos anos com a expansão desse empreendimento da Construtora Albuquerque Takaoka. Seu caráter comunitário se perdeu, seus limites foram expandidos para além do que poderia ter se imaginado, com a explosão de seu crescimento a partir de incentivos fiscais concedidos pelos municípios sedes e ainda considerando o quadro de transformações metropolitanas, a história de Alphaville foi redirecionada pela exploração dos agentes do mercado imobiliário.

No decorrer do tempo, as histórias do lugar e o meu próprio processo pessoal criaram um distanciamento de intenções, uma ruptura de identidade com o local. A partir dessa constatação, meu retorno à cidade foi inevitável, e com olhos à distância a observação passa a ser mais nítida e abrangente.

Com a oportunidade de participar deste programa de mestrado assumi a responsabilidade de elaborar uma pesquisa científica associada ao conhecimento pessoal adquirido com o objetivo de acrescentar algum subsídio para o entendimento da arquitetura residencial desenvolvida em Alphaville e por extensão nos loteamentos fechados, a cada dia mais presentes em nossas cidades.

Acreditando na evolução do entendimento e do pensamento como fatos que antecedem uma nova realidade, venho desta forma buscar dar alguma contribuição.

Introdução

Neste trabalho estuda-se os espaços residenciais projetados nos loteamentos residenciais fechados, através dos empreendimentos Alphaville Residenciais 1 e 2, no Município de Barueri, SP.

Os Alphavilles residenciais não foram os precursores desse novo modelo de ocupação urbana na Região Metropolitana de São Paulo, mas seu sucesso imobiliário apontou um novo padrão de implantação para tantos outros que vieram surgir nas grandes e médias cidades brasileiras. Inaugurados em 1975 e 1976, esses residenciais sediaram uma nova experiência na forma de morar e nas relações sociais de seus habitantes.

Na possibilidade de uma vida protegida dos conflitos da cidade, após um período de baixo desempenho da economia nacional e consequentemente de grande aumento da violência urbana, esses empreendimentos conquistaram o mercado de forma não imaginada. Assim surgiram os Alphavilles Residenciais 3, 4, 5 e outros tantos numa sequência ainda em expansão avançando para o município de Santana de Parnaíba.

A imagem difundida por esses residenciais passou a significar modelo desejado pelas classes sociais privilegiadas, multiplicando-se e assim passou a modificar a estrutura das cidades, deslocando para as suas periferias parcela de população de rendas mais elevadas, produzindo assim inéditas questões urbanas.

O padrão implantado pela Construtora Albuquerque Takaoka nesses loteamentos passou a ser referência de qualidade, e o nome Alphaville, inspirado num filme do cineasta francês Jean Luc Godard, se tornou marca comercial de alta rentabilidade. Posteriormente seus direitos foram transferidos à Alphaville Empreendimentos que soube muito bem explorar a “marca” implantando vários outros “Alphavilles” pelo país.

Verificada a importância desse modelo urbano, estuda-se aqui como a arquitetura trabalha as questões para as moradias inseridas nesses loteamentos e os elementos modificadores pertinentes à dinâmica transformadora ao longo de mais de trinta anos de sua existência.

O trabalho desta dissertação de mestrado pretende contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre os loteamentos residenciais fechados e sua arquitetura, para que através de um exame mais rigoroso esclareça percepções ou ideias, buscando conhecimento que gere novas possibilidades.

No desenvolvimento do trabalho com foco na arquitetura desenvolvida dentro desses enclaves, apresento primeiro uma reflexão e estudo sobre as articulações do referido modelo urbano com a cidade, com a metrópole, e ainda uma abordagem sobre o meio social que propiciou o seu surgimento. Considerados os pressupostos, a arquitetura produzida em seus espaços passa a ser analisada como objeto deste estudo.

A partir desses objetivos, a elaboração desta dissertação discorreu por algumas etapas cujos resultados são apresentados em cinco capítulos.

O primeiro capítulo trata da apresentação e discussão do que já foi publicado sobre o tema no meio acadêmico. Uma síntese comentada a que chamamos de “Fortuna Crítica”. Os vários trabalhos pesquisados abordam o tema sob os vários aspectos: históricos, geográficos, econômicos, legais além das relações sociais desenvolvias em seus domínios e algumas considerações sobre a arquitetura observada.

No segundo capítulo é relatada a história de Alphaville desde a sua implantação. Aos acontecimentos registrados soma-se o depoimento pessoal, dada a própria condição de morador do local por um período que se aproxima do recorte temporal analisado (1975 a 2010), além de informações obtidas em entrevistas realizadas com outros moradores. Para conferir valor científico a esses depoimentos recorreu-se à nova historiografia desenvolvida por intelectuais ligados à revista francesa “Annales”.

O capítulo três apresenta a análise de oito projetos residenciais incluindo o processo de escolha dos arquitetos, a situação de entorno aos lotes à época de sua concepção além da própria discussão dos espaços construídos e conclui refletindo sobre a ocupação dos mesmos. Para essa análise foram escolhidas residências com áreas construídas dentro de um padrão médio verificado nos residenciais.

As soluções arquitetônicas, os programas e as articulações espaciais criadas a partir do modo de vida dos habitantes locais são ilustrados através de imagens, fotografias e projetos. A apresentação desses projetos segue ordem cronológica, permitindo assim uma avaliação das transformações do local através das alterações das características de suas construções. Algumas dessas residências passaram por um processo de ampliação ou reforma como resposta às novas necessidades familiares ou mesmo numa adaptação aos padrões impostos pelo mercado imobiliário.

O quarto capítulo apresenta um acervo com imagens de trinta residências implantadas nesses dois loteamentos residenciais, montando um quadro iconográfico que as subdivide em suas diferentes tendências formalistas. Dessa forma o terceiro e quarto capítulo fornecem informações de como se caracteriza a arquitetura que deu concretude ao empreendimento.

No quinto e último capítulo desta dissertação estão às considerações finais seguindo um raciocínio que parte da análise das dificuldades globais de nossos dias como consequências dos sistemas econômicos, culturais e da natureza humana. Segue buscando situar e particularizar as relações sociais desenvolvidas nos loteamentos fechados e a partir de suas peculiares características comenta a arquitetura produzida no local. Busca por fim possibilidades de transformações para melhorar as condições de sua coexistência e equilíbrio com a cidade.

Após as considerações finais acrescenta-se um anexo com entrevistas feitas com moradores de Alphaville.

CAPÍTULO 1 - FORTUNA CRÍTICA

> Os condomínios fechados são a versão residencial de uma categoria mais ampla de novos empreendimentos urbanos que chamo de enclaves fortificados. Eles estão mudando consideravelmente a maneira como as pessoas das classes média e alta vivem, consomem, trabalham e gastam seu tempo de lazer. Eles estão mudando o panorama da cidade, seu padrão de segregação espacial e o caráter do espaço público e das interações públicas entre as classes. (CALDEIRA, 2000, p. 258)

1. Introdução

Alphaville ainda que não tenha sido o primeiro loteamento residencial fechado no país, estabeleceu um padrão para a implantação desse modelo imobiliário que tem sido verificado nas grandes e médias cidades brasileiras.

Mesmo recente (Alphaville Residencial 1 foi implantado em 1975), esse fenômeno tem sido objeto de análise no meio acadêmico, tendo resultado na publicação de livros, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Neste capítulo, que chamaremos de “Fortuna Crítica” procuro fazer um relato apoiado no pensamento expresso pelos professores e alunos de pós-graduação em trabalhos pertinentes ao tema: uma abordagem multidisciplinar, com seus aspectos sociais, políticos, geográficos, culturais e a articulação do modelo com a cidade.

A essa apresentação associo comentários que assumem o significado do meu próprio modo de ver as questões em pauta.

Muito embora os autores tenham desenvolvido as análises sob o enfoque de suas respectivas áreas de atuação, essas se entrelaçam e produzem um pensamento quase que único, de críticas pelo distanciamento do que se pensa da cidade como lugar para as trocas sociais.

Cabe primeiro analisar as condições sociais que promovem a produção desses espaços: o mercado imobiliário que explora os anseios das classes de maior poder aquisitivo na ausência de soluções para os problemas de uma sociedade que se sente ameaçada, passando a buscar um refúgio através de barreiras, se isolando, na tentativa de que se garanta um lugar seguro.

A produção do espaço, segundo Mark Gottdiener (1997), em seu livro “A Produção Social do Espaço Urbano”, compreende a organização sócio-espacial

como consequência direta das relações entre processos econômicos, políticos e culturais.

Em sua tese de doutorado, Eleusina L. H. de Freitas (2008) apresenta a narração histórica da ocupação de áreas distantes dos centros urbanos, desde o assentamento das populações de baixa renda, em loteamentos legalizados ou não, até a inclusão das classes de rendas mais altas, nos loteamentos residenciais fechados, transformando a estrutura desses espaços e com isso a dispersão regional das cidades.

> Se no passado a periferia era o local de destino da moradia de pobres, ela hoje convive com a presença de moradias da classe média e da classe alta. Estabelecimentos comerciais, de serviços, industriais e residenciais buscam localizar-se ao longo de eixos viários, distantes das áreas centrais. (FREITAS, 2008, p. 13)

Em sua dissertação de mestrado, Auro Moreno Romero (1997) analisa o surgimento de loteamentos residenciais fechados como Alphaville em função do rápido crescimento urbano de São Paulo que levou a uma deterioração da qualidade de vida de seus moradores, em função principalmente do aumento da violência, do trânsito insuportável e de uma degradação ambiental sem precedentes. E que a esses motivos somou-se a falta de áreas para a expansão de novos empreendimentos imobiliários em bairros nobres, tornando assim necessária a criação de um novo modelo de urbanização.

Quanto à falta de áreas para novos empreendimentos imobiliários para as classes de rendas mais altas podemos acrescentar a observação de que a ação empresarial do setor não inclui em suas políticas, ações de recuperação de imóveis em áreas decadentes, porém dotadas de infraestrutura e com proximidade ao centro urbano da cidade, o que diminuiria custos sociais e deslocamentos. A exemplo disso temos o bairro de Higienópolis, situado na região central da cidade, e que na história recente, por ação da iniciativa pontual de moradores, procedeu-se a recuperação de amplos apartamentos consolidando a qualidade e o valor imobiliário do bairro, evitando assim um possível processo de decadência, como o verificado em tantas outras áreas centrais.

Podemos perceber nesta análise que a degradação dos centros urbanos tradicionais é inevitável, como se a cidade por si só estivesse fatalmente destinada a transformar-se em

local de populações mais pobres e onde se concentrariam os maiores índices de criminalidade, assim as camadas mais ricas da população sempre tenderiam a habitar áreas mais afastadas do centro. (ROMERO, 1997, p. 34)

Hoje podemos concluir que esse “novo modelo de urbanização” citado por Romero em 1997, alcançou um sucesso muito maior que o imaginado por seus idealizadores. O fenômeno dos loteamentos residenciais fechados longe dos centros urbanos, com suas forças de segurança privatizada, já faz parte da estrutura espacial de muitas de nossas grandes e medias cidades. Numa demonstração de como a elite sonha retomar antigos paradigmas de moradia distanciando-se dos problemas urbanos. Enfim surge uma sociedade voltada para si mesmo, para seus iguais, e que bombardeada pela febre consumista se torna cada vez mais vítima de uma cultura hedonista.

2. A Conformação Metropolitana

Juergen Richard Langenbuch (1971) em sua tese de doutorado “A Estruturação da Grande São Paulo: Estudo de Geografia Urbana”, afirma que as primeiras vocações suburbanas de polarização industrial e de povoamentos residenciais foram determinadas em função das rodovias, e que o período entre 1815 e 1915 se observou a evolução pré-metropolitana dos arredores paulistanos.

A quase totalidade das teses e dissertações pesquisadas descreve o processo histórico da evolução da Metrópole Paulista em sua expansão geográfica através dos processos sócio-econômicos, com o objetivo de situar no processo histórico a implantação dos loteamentos residenciais fechados nas periferias da cidade.

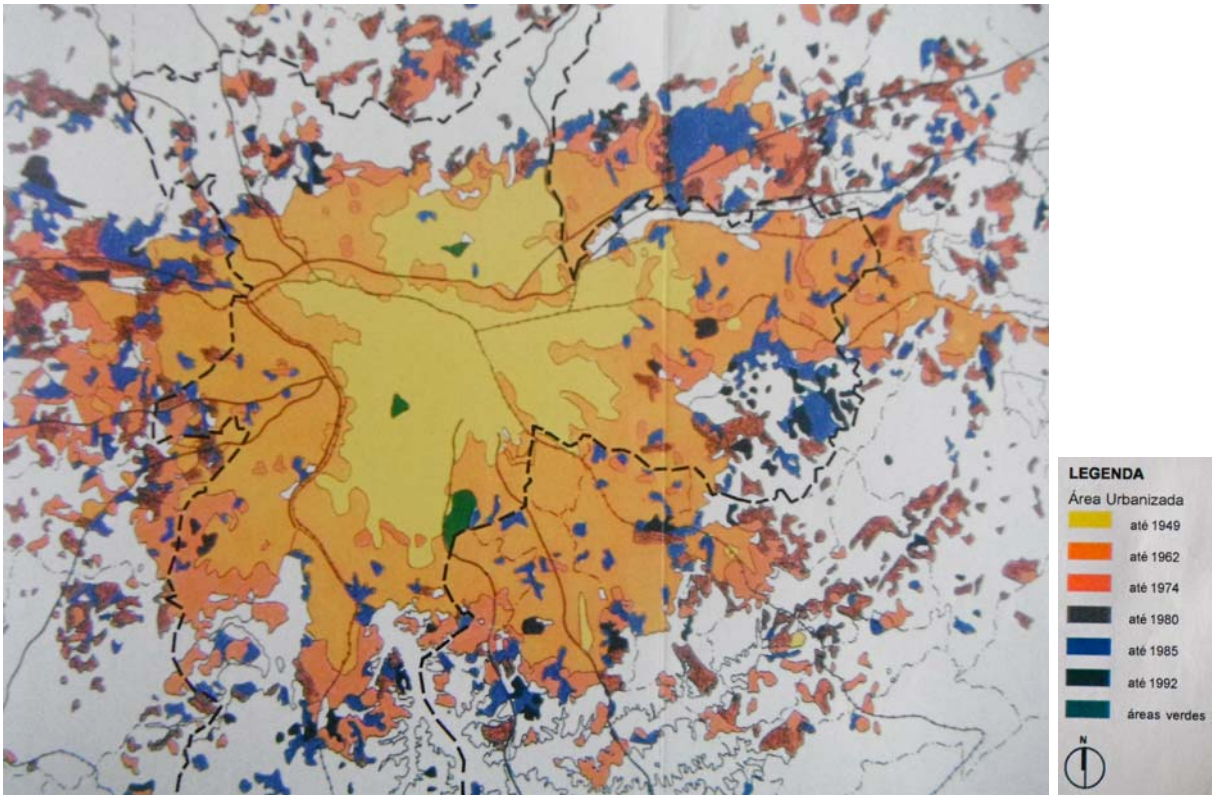
Um breve relato histórico: em 1940 a população da cidade de São Paulo ultrapassou um milhão de habitantes, e a partir de 1950 o processo de industrialização intenso trouxe consigo uma expansão periférica com assentamento de população de baixa renda. Nessa década verificou-se a imigração de uma população sem qualificações profissionais do campo para os grandes centros. O mercado de trabalho cresceu, com seus subempregos e baixos salários. O centro da metrópole paulista, antes restrito às regiões da Sé e República, passou a incorporar o Brás, Pari, Santa Cecília e Consolação, e na sequência, na década de 1960,

passou a se expandir para a direção sudoeste: Avenida Paulista e Faria Lima, de forma descontínua, para além de bairros residenciais criando novos centros com comércio e serviços, provocando a fragmentação do espaço urbano. A população metropolitana já se aproximava dos dez milhões de habitantes.

Na política, o autoritarismo da ditadura militar (após 1964) impediu a organização de forças de oposição, excluindo a participação das massas e concentrando as riquezas.

O centro metropolitano continuou a se expandir atingindo as marginais dos rios Pinheiros e Tietê, e surgiram novas centralidades metropolitanas: Guarulhos a nordeste, os municípios do ABC a sudeste e a oeste Osasco, posteriormente Alphaville em Barueri, como polo de atividades industriais e terciárias.

Da década de 1950 à década de 1970 a área metropolitana foi multiplicada por três, atingindo todos os municípios da grande São Paulo. A metrópole paulista se tornou uma grande mancha urbana descontínua, *"como se ela tivesse explodido em milhares de partículas que vão se localizar nos espaços mais longínquos*". (SALGADO, 2000, p. 100)



Fonte: Emplasa – Plano Metropolitano da Grande São Paulo 1993/2010

APUD : Salgado, 2000 prancha 02

Figura 1: Expansão da Área Urbanizada, Região Metropolitana de São Paulo

Mudanças no ambiente urbano com a reestruturação econômica dos anos 1970, conforme cita Eleusina de Freitas (2008), num processo de expansão da periferia, as atividades produtivas e serviços dando origem a núcleos isolados, vizinhos à periferia pobre, ao que ela chama de *"novas periferias metropolitanas"*.

A esse processo de "dispersão urbana" devemos associar o fenômeno da globalização que promoveu a reorganização dos setores produtivos e a desconcentração geográfica da produção.

A essa nova periferia vieram se somar os loteamentos residenciais fechados, ocupando espaços na mesma periferia pobre e precária resultante do processo de industrialização. Nos anos 1970 já tínhamos na periferia da metrópole, uma parcela da população, ainda que pequena, com forte poder econômico, influência política e social, uma sociedade elitista, contrastando com a imensa população de pobres.

Em 1979, a Lei Federal nº 6.766/79 (Lei Lehmann) trouxe instrumentos jurídicos para o controle de loteamentos e cumprimento da legislação, representando uma evolução da legislação urbanística para enfrentar os desafios dos empreendimentos imobiliários clandestinos nas periferias.

A década de 1980 no contexto internacional foi marcada pela crise gerada a partir da decisão dos países árabes pelo embargo das exportações de petróleo para o Ocidente. Para nós, apresentou uma forte recessão econômica com altos índices de inflação, baixo desempenho econômico e conseqüente empobrecimento da população.

Na década seguinte um sentimento de frustração e descrença tomou conta dessa população de baixa renda que era já injustiçada historicamente. A miséria social inflou nos centros urbanos, e como uma resposta natural seguindo os princípios de ação e reação, fez explodir a violência urbana, ampliada pela deficiência do sistema judiciário, pelo abuso do poder e da polícia.

Na década de 1990 cresceu a produtividade industrial, mas o incremento de emprego se manteve quase nulo. Em 1996 a população metropolitana atingiu a marca dos 16 milhões de habitantes, conforme dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E o Brasil sofria os efeitos intensos pela sua inserção numa economia globalizada.

2.1 A Ocupação da Metrópole por Grupos Sociais

Desde o final do Século XIX, entre 1886 e 1900, São Paulo passava por um processo de industrialização, a cidade agregava diferentes grupos sociais numa restrita e pequena área urbana e a segregação era observada pelos tipos de moradias.

Um contingente de novos habitantes, entre imigrantes e ex-escravos, chegou à cidade que não oferecia infraestrutura e uma oferta de moradia incapaz de atender à demanda. Assim surgiram as "mútuas", companhias privadas que administravam carteiras previdenciárias e que foram responsáveis pelas construções das primeiras vilas operárias conforme descreve Ricardo Marques Trevisan (2006).

Havia dois tipos de vilas: as rentistas, empreendimentos privados para locação e as construídas por empresas, como a Vila Cerealina (1923-1924) no Bairro do Belém, para os trabalhadores das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, com unidades de 66 ou 90m^2, conforme dados da dissertação de mestrado de Denise Mônaco dos Santos (2002).

Na década de 1940 difundiu-se a ideologia da casa própria afastada do centro com políticas de incentivo de ocupação das periferias. E para isso foi criada a Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos (CMTC)*: "A explosão do número de loteamentos periféricos executados sem o devido planejamento e cuidado produziu grandes regiões de baixa qualidade urbanística".* (TREVISAN, 2006, p. 11)

> O processo de lotear zonas distantes e baratas, desconectadas do tecido urbano existente visando a posterior valorização das regiões intermediárias, por exemplo, será característico da ocupação de São Paulo no século XX e responsável pela desarticulação de seu desenho. (WOLFF, 1998, p. 48)

No decorrer do século XX a forma urbana centro-periferia separava os grupos sociais por grandes distâncias, com as classes média e alta nos bairros centrais, legalizados e bem equipados, e os pobres na periferia, precária e quase sempre ilegal.

Com a industrialização verificou-se uma intensa migração de trabalhadores sem qualificação do campo para a cidade onde seriam remunerados com baixos

salários não conseguindo se estabelecer em áreas com infraestrutura urbana e assim passaram a habitar em favelas, cortiços e loteamentos clandestinos. Essa periferia nos anos 1980 já crescia mais que os bairros centrais, conforme cita Eleusina de Freitas (2008) seguindo a linha de pensamento de Maria Ermínia Maricato (1982).

Podemos reforçar aqui este pensamento, lembrando que as políticas nacionais de industrialização nunca incluíram a demanda habitacional gerada. Nesse processo proliferaram as favelas e as agressões ao meio ambiente. Os investimentos públicos em infraestrutura urbana foram reduzidos, ampliaram-se as invasões de terras para moradia, os loteamentos ilegais, tornando a autoconstrução em áreas distantes do centro, a única forma de acesso à habitação para a população de baixa renda.

Recentemente, após o aparecimento dos loteamentos residenciais fechados também em áreas remotas, aproximaram geograficamente os diferentes grupos sociais, porém separados por muros e tecnologias de segurança.

Auro M. Romero (1997) discute sobre a conceituação da realidade espacial desses loteamentos residenciais afastados dos centros urbanos: pensou-se no termo "*nova periferia*", mas esse indicaria uma região pobre, pois o conceito periferia teria perdido o seu caráter de localização assumindo as características de locais desprovidos de infraestrutura urbana. O mesmo problema se expressa quando é utilizado o conceito de subúrbio, pela associação ao conceito de periferia, apesar dos empreendedores imobiliários tentarem identificar esses produtos com os subúrbios americanos. Alphaville por exemplo está espacialmente no subúrbio, mas não se identifica com ele.

Para qualificar as regiões remotas dos centros urbanos como áreas de habitação desejáveis às populações de renda mais alta, com designações diferentes das apresentadas por Romero (1997), o *marketing* imobiliário importou o rótulo "*edge cities*", que consistiria na integração de bairros residenciais, áreas de lazer, centros comerciais e edifícios de escritórios para promover uma excepcional qualidade de vida. Para isso contratou-se a visita do jornalista Joel Garreau (1992), para apresentar aqui esse modelo urbano de sucesso nos Estados Unidos.

2.2 Espaço Urbano e as Classes de Renda Mais Alta

> Entre 1872 e 1886, a população estrangeira da capital elevou-se de 8% para 25%. Os imigrantes estavam comprometidos com ocupações técnicas e comerciais […] esses artífices passaram a dominar cada vez mais o ramo da construção e a definir um padrão característico de estrutura básica para residências e prédios públicos […] São Paulo estava presa ao círculo vicioso do crescimento rápido, desordenado e sem qualquer planejamento ou presença antecipatória do Estado. (VILLA, 2009, p. 88)

Para situar historicamente o surgimento dos loteamentos residenciais fechados na periferia de São Paulo, vamos voltar ao final do Século XIX: quando São Paulo desde cerca de 1870 já crescia de forma acelerada e na virada para o século XX, com a possibilidade de circulação e comercialização da sua economia cafeeira através das ferrovias e do porto de Santos. Assim grandes contingentes populacionais foram atraídos para o estado.

O imigrante europeu que veio para São Paulo era urbanizado, e assim a elite ou aristocracia paulista se mantinha no centro da cidade, e quando se afastava carregava consigo os serviços de educação, saúde, lazer, o comércio, e até mesmo as sedes da administração pública, deslocando o próprio centro da cidade.

Os limites da cidade tradicional foram rompidos. Viadutos permitiram que a cidade transpusesse os vales, ampliando o traçado existente e ocupando áreas descontinuadas da trama urbana.

> Através da ideologia, a classe dominante vai passando ao restante da cidade, o que é a cidade. A cidade no seu entender é a parte por ela utilizada. Em se tratando da outra parte, ela se exime de qualquer responsabilidade em relação ao que ocorre ou possa ocorrer. (SALGADO, 2000, p. 31)

Fica claro hábito cultural de que aqui as classes dominantes optam por abandonar áreas que sinalizam algum rumo à decadência, e sem apoio do poder público, sem incentivos para o restauro urbano, abandonam o centro, deixando prédios vazios que passam a ser ocupados, de forma legal ou ilegal, pela população das rendas mais baixas, provocando o envelhecimento ou deterioração do espaço.

> Viver distante dos núcleos urbanos por si só não configuraria um problema social ou urbano grave. A questão é a escala atingida por esses empreendimentos e seu desenvolvimento desarticulado, com implicações sociais e ambientais, com desperdício de recursos gerados pela sociedade. E em âmbito mais amplo, a construção da cidadania. (CAMPOS, 2008, p.27)

Voltamos à questão da opção exclusiva por um novo modelo urbano de dispersão, não associada as alternativas de investimentos imobiliários para as classes de renda mais alta em áreas com infraestrutura já consolidada, esvaziando os centros, obrigando grandes deslocamentos numa escala que os investimentos no sistema viário não conseguem atender o novo padrão de ocupação urbana.

Em São Paulo, embora as diversas classes mantivessem uma certa proximidade com as classes mais pobres, ocupando as áreas de cotas mais baixas às margens dos rios Tamanduateí e Tietê e próximos às linhas ferroviárias, enquanto os mais ricos seguiam em direção às áreas mais altas como espigão da Avenida Paulista. Seguindo esse mesmo vetor de ocupação das elites, no início do século XX, a Cia City loteou o primeiro bairro-jardim, o Jardim América, sob a influência das cidades jardins inglesas: os primeiros subúrbios residenciais voltados à classe média.

> A empresa introduziu padrões de loteamento dos terrenos referidos às experiências dos subúrbios ajardinados anglo-americanos e às cidades-jardins britânicas. Sua versão destes modelos, porém, era despida dos intens utópicos que conformaram as realizações de Ebenezer Howard na Inglaterra. (WOLFF, 1998, p.45)

A Cia City seguiu loteando outros bairros destinados às classes de rendas mais altas: Pacaembu, Alto da Lapa, Alto de Pinheiros e Butantã. O padrão se estendeu para o Morumbi e Ibirapuera. A exclusividade do uso residencial foi precursora dos bairros jardins e só implantado na legislação municipal posteriormente.

Focando no tema desta dissertação, podemos afirmar que a experiência da Cia City e os subúrbios americanos, com as "*GATED COMMUNITIES*" (comunidades residenciais) foram modelos para a criação dos loteamentos fechados que surgiram aqui na década de 1970, principalmente nas proximidades das rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares. Esses produtos imobiliários foram

apresentados como solução para a população de maior poder econômico que buscava uma vida mais tranquila, mais próxima à natureza. Esses empreendimentos evidenciavam a negação do urbano, de seus problemas, convocando uma parcela da população ao distanciamento dos problemas urbanos.

Os prédios de apartamentos de classe média passaram a ser construídos cada vez mais distantes do centro e principalmente na direção SUDOESTE da cidade. Em 1973 foi inaugurado o primeiro grande condomínio de apartamentos residenciais, um empreendimento da Construtora Albuquerque Takaoka, o "Condomínio Ilhas do Sul", composto por seis edifícios, totalizando 480 apartamentos que oferecia comodidades como um clube de mais de 10 mil metros quadrados com instalações esportivas, restaurante e teatro, além de segurança privada.

Em seguida surgiram outros na região do Morumbi, como o Portal do Morumbi, dentro das mesmas características: murados, com extensas áreas de lazer, serviços exclusivos para seus moradores. O enclausuramento foi uma opção de marketing imobiliário que se tornou dominante a partir de então.

Pela primeira vez na história de São Paulo a população de renda mais alta passou a ocupar regiões distantes, onde o principal tipo de habitação era inserido em loteamentos residenciais fechados, "numa evidente inspiração nos conceitos de cidades jardins", como descreve Clovis Chiezzi Seriacopi Ferreira (2006), em "A Casa dos Sonhos", sua dissertação de mestrado.

Assim surgiu Alphaville, que definiu uma tendência para a implantação do modelo de loteamento fechado ao longo das Rodovias Castelo Branco e Raposo Tavares, na Região Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo e se tornou fonte de inspiração para os projetos urbanísticos e arquitetônicos desse produto imobiliário que se espalhou no entorno de tantas cidades brasileiras.

> […] o que se afirmou foi a possibilidade de certa camada da população habitar em casa unifamiliares, isoladas, e protegidas da violência urbana [...] Um novo padrão de assentamento urbano destinado às classes mais privilegiadas, ressaltando uma negação da esfera pública e de sua diversidade [...] Pode-se dizer que há uma crise urbana e que os muros contemporâneos são o reflexo dessa crise. (SANTOS, 2002, p.185)

2.3 Uma Nova Geografia para a Cidade

A geografia de nossas cidades vem se transformando pela ação de grupos sociais que incluem mecanismos de defesa, controle, repressão e exclusão, criando assim novos lugares, fragmentando a cidade, desarticulando ainda mais as interações urbanas, desalinhando o território, ignorando sua história e cultura, criando enfim uma cidade sem cidade, isto é uma cidade sem as qualidades desejáveis para as relações socais.

> Na medida em que a cidade vai crecendo, centros secundários de serviços vão surgindo em bairros, que formam novos focos de valorização do solo urbano. O crescimento urbano implica necessariamente uma restruturação do uso das áreas já ocupadas. Assim, por exemplo, o centro principal tem que se expandir à medida que aumenta a população que ele serve. Esta expansão esbarra nos bairros residenciais finos que o circundam, determinando o deslocamento de seus habitantes para novas áreas residenciais exclusivas, providencialmente criadas pelos promotores imobiliários. (MARICATO, 1982, p.29)

Os novos espaços urbanos destinados às atividades terciárias, carregando consigo habitações e comércio, configurando novas manchas urbanas, se reproduzem aqui num processo semelhante ao processo verificado nas cidades americanas descrito por Rem Koolhaas (1995) sob o conceito de “Cidade Genérica”, em seu texto no livro S,M,L,XL, são as cidades contemporâneas com suas novas formas de arquitetura, onde se verifica um deslocamento do centro para a periferia, um processo espontâneo em curso, sob novas regras urbanísticas, assim como um “fractal[2]”.

Em São Paulo esse processo pode ser descrito com o deslocamento verificado do centro para a Avenida Paulista, em seguida para a Avenida Faria Lima, e posteriormente com os edifícios de escritórios para as margens do Rio Pinheiros e na mesma direção novos loteamentos residenciais levando consigo shoppings centers e hipermercados.

[2] fractal: objeto fracionado em partes, cada uma das quais semelhantes ao objeto original

"*Viver em uma metrópole como São Paulo é combinar a esquizofrênica condição de estar contíguo, mas se querer distante. A realização deste dúbio princípio encontra a sua resposta nos enclaves fortificados"*. (XAVIER, 2007, p. 175)

Para Koolhaas (1995), o entendimento da cidade contemporânea " demanda uma nova percepção sociológica, e deixa em aberto: "ela ainda está por concretizar-se, suas possibilidades ainda não estão claras".

2.4 Violência Urbana

"A violência e o medo combinam-se a processos de mudança social nas cidades contemporâneas, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social". (CALDEIRA, 2000, p. 19)

Nas grandes cidades, em todo o mundo, a cultura do medo, promove as novas tecnologias de segurança, de exclusão social, legitima a privatização da segurança, ignorando as instituições da ordem legal, enfim cria um poder paralelo que só faz produzir mais segregação e isolamento social, ignorando os direitos de cidadania e assim realimentando a criminalidade, como num círculo vicioso.

Durante o período da ditadura militar no Brasil, a resistência à redemocratização ficou evidente com a criação de forças de segurança privatizadas e com o padrão violento de ação da polícia, culminando com a organização do "Esquadrão da Morte" (justiceiros dentro da própria força policial). Essas formas ilegais de se fazer justiça ganharam o apoio da população que já estava descrente da eficiência do poder judiciário.

São Paulo no início do século XX começava seu processo de industrialização, na segunda metade do mesmo século já se apresentava como maior polo industrial do país. O que de uma forma se apresentava como progresso e desenvolvimento também tornava a metrópole paulista mais vulnerável às crises econômicas com suas consequências sociais.

O baixo desempenho econômico dos anos de 1980, o empobrecimento da população e a falta de esperança, associados ao processo de adaptação à economia globalizada fizeram explodir a violência urbana que em São Paulo se tornou a principal causa de mortes para a população entre 15 e 39 anos. (SALGADO, 2000)

> Nas décadas de 1980 e 1990, as mortes por causas violentas ou externas sofreram considerável aumento de importância em São Paulo e no Brasil […] Em 2003, só a capital paulista respondeu por cerca de 40% de todos os homicídios (no Estado) e a região metropolitana, por 68%. (VILLA, 2009, p. 184)

A pobreza cresceu para níveis elevadíssimos nesse período de altas taxas de inflação, desemprego e recessão. O crescimento do crime violento verificado em nossas cidades e o conseqüente medo da população aliados ao desrespeito dos direitos da cidadania promoveram um modelo que teve sua resposta no isolamento das classes de renda mais alta, na segregação social cada vez mais declarada.

A indústria do medo, altamente lucrativa, fez surgir inúmeras empresas de segurança e vigilância com policiais ou ex-policiais em seus quadros, atingindo altos níveis de sofisticação com o desenvolvimento de tecnologias de vigilância. A expansão dos serviços de segurança privada não é exclusividade nacional, mas é observado de forma ampla no mundo ocidental.

> O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e esteriotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros. (CALDEIRA, 2000, p. 27)

Dentro dos muros, uma justiça especial, ignora o poder judiciário, oculta atos ilegais e crimes e promove distorções no comportamento da sociedade desses “enclaves fortificados”.

> Esses enclaves fortificados são a materialização da demarcação dos espaços de ricos e pobres, a segregação residencial que estabelece os espaços de distinção como instrumento de poder promovendo status, privatização e negação da cidade. (FREITAS, 2008, p. 2)

Essa demarcação além da definida pelos muros e portarias fica evidenciada por acordos de associações de moradores desses loteamentos fechados com o poder público, fazendo com que a presença da polícia dentro dessas áreas residenciais passa a causar desconforto e parecer estranha.

3. O Loteamento Residencial Fechado

A partir de 1940 surgiram os primeiros loteamentos destinados à recreação longe do centro, "*focos suburbanos de residências finas*", como cita Elizabeth de O. Salgado (2000). A Vila Balneária, à margem da Represa Billings, o Parque Petrópolis na Serra da Cantareira e na sequência surgiram outros loteamentos em todos os setores no entorno da capital.

Na década de 1960 se verificou a ocupação das áreas relativas aos bairros do Morumbi e da Cidade Jardim, com grandes lotes, a ocupação periurbana, ou seja, na periferia imediata da cidade.

Nessa mesma década foram construídas as rodovias Regis Bittencourt, a Raposo Tavares e a Fernão Dias (as duas primeiras sendo retificações e alargamentos de estradas pré-existentes). Essas rodovias passaram a ser de maior importância na estruturação dos subúrbios.

A região oeste da capital se destacou para a implantação dos loteamentos residenciais fechados, loteamentos residenciais cercados por muros e com acesso controlado, e com vigilância particular patrulhando a área.

Já nas décadas de 1950 e 1960, essa região apresentava loteamentos para a moradia de lazer, a segunda residência. Também as áreas da Serra da Cantareira em Mairiporã e a seguir em Arujá apresentavam a mesma tendência para a segunda residência, mas que por motivos de proteção ambiental tiveram seu desenvolvimento bloqueado.

Para a região sul da capital, os loteamentos destinados ao lazer tiveram um destino diferente, foram transformados para outros fins ou abandonados em decorrência da aproximação da população de baixa renda.

A implantação de Alphaville, na década de 1970, às margens da Rodovia Castelo Branco, modificou o padrão de loteamento residencial fechado, indicando esse modelo como alternativa de moradia para as classes de alta renda. Esse empreendimento atingiu grandes proporções integrando áreas residenciais, industriais, comerciais e de prestação de serviços.

Assim os loteamentos residenciais fechados começaram na metrópole paulista nessa década, nos municípios adjacentes à capital, em regiões tradicionalmente ocupadas pelas populações mais pobres.

Diferentemente do que se observa nos Estados Unidos, a idéia de comunidades (*Gated Communities*) aqui não é verificada. "*Na verdade os moradores brasileiros parecem desprezar bastante essa idéia de comunidade*". (CALDEIRA, 2000, p. 262)

No Brasil embora esses empreendimentos sejam destinados a uma determinada classe social, a homogeneidade não é invocada como nos condomínios americanos, como qualidade, mas tratada dentro de um espírito de competitividade e de demonstração de status.

Os empreendimentos para a elite longe do centro da cidade se tornaram um modelo no final da década de 1970, depois da implantação de Alphaville em Barueri e que se estendeu para Santana de Parnaíba, com suas áreas residenciais cercadas por muros de 3,5m de altura e acessíveis por uma portaria de controle, um Centro Empresarial e dois centros comerciais.

Loteamentos fechados como Alphaville "*configuram uma outra cidade, onde as pessoas podem, se quiserem viver alheias a tudo que se passa do outro lado dos muros".* (ARAGÃO, 2000, p. 23)

As proporções atingidas (tamanho, população e receita) deram aos habitantes a sensação de independência ou mesmo de superioridade em relação aos municípios onde estão inseridos. Independência, superioridade econômica e uma forte tendência para ignorar os conflitos urbanos, compõem o quadro de alienação social de seus moradores. Isso fica claro pela percepção de uma cultura local própria, refletida em hábitos comportamentais que permitem distinguir seus habitantes: vestuário, acessórios de grife, carros luxuosos, relatos de viagens, …

Já em 1990 Alphaville tinha uma população fixa de 20 mil habitantes e uma população flutuante de 75 mil pessoas (não moradores). Nessa data os impostos municipais recolhidos em Alphaville, na área relativa ao município de Barueri significavam 55% da receita desse município, dados citados por Ana Cecília M. A. Campos (2008).

Atualmente (2011) a população fixa é de 35 mil habitantes e a flutuante, estima-se em 150 mil habitantes, arrecadando mais de 70% da receita de Barueri,

receita essa que já supera a de várias capitais de estados do Brasil, conforme dados fornecidos pela Associação Residencial e Empresarial de Alphaville (AREA).

A escala atingida e a receita proporcionada por Alphaville lhe conferem poder junto aos órgãos públicos municipais e às instituições públicas, e fazem com que suas associações representem uma espécie de força de governo paralelo, como o descrito por Joel Garreau (1992) para as "*Edge Cities"* que ele chamou de *"Shadow Government".*

> Esse novo conceito de moradia articula cinco elementos básicos: segurança, isolamento, homogeneidade social, equipamentos e serviços. A imagem que confere o maior status é a da residência enclausurada, fortificada e isolada, um ambiente seguro no qual alguém pode usar vários equipamentos e serviços e viver só com pessoas percebidas como iguais. (CALDEIRA, 2000, p. 265)

Esses condomínios negam a realidade das cidades e se comportam como um universo destacado. Além da idéia de segurança, a exclusividade, ou seja, a homogeneidade social representa uma segunda atração, o que demonstra a cultura da segregação desenvolvida pelas classes dominantes.

A consolidação do bairro foi conquistada por entender tão bem os anseios da população das rendas mais altas no mercado imobiliário. E com o sucesso imobiliário de Alphaville, esse bairro passou a representar um modelo a ser seguido para esse tipo de empreendimento, que se expandiria para muitas cidades grandes e médias do Brasil.

Fotografia Caio Guatelli

Foto 1: Alphaville Residencial 1 (2009)

O fenômeno transformou a situação urbanística de tantas cidades e que apresenta força para continuar a se repetir e expandir, e por isso tanto preocupa os pensadores da cidade no meio acadêmico.

3.1 Legislação: Irregularidade Legal

> O loteamento é a principal tipologia de parcelamento do solo urbano brasileiro. Desde 1979, todo parcelamento de solo urbano é regido pela lei federal nº 6.766. A lei federal define que o parcelamento do solo urbano poderá ser feito mediante loteamento ou desmembramento de glebas. Todos os parcelamentos de solo devem incluir vias públicas e áreas livres e de lazer também públicas. (D'OTTAVIANO, 2008, p. 81)

A Lei Federal nº 6.766, de 1979, denominada Lei Lehmann, depois alterada pela Lei nº 9.785, de 1999, que dispõe sobre o parcelamento do solo estabelece que 35% da gleba será destinada ao sistema de circulação, à implantação de equipamentos urbanos e comunitários e aos espaços livres de uso público.

O artigo 2º da Lei Federal 6.766/79 define o loteamento com "*subdivisão de gleba em lotes destinados à edificação, com abertura de novas vias de circulação, de logradouros públicos ou prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes*".

A Lei Federal nº 4.591, de 16 de Dezembro de 1964, estabelece que a definição de condomínio vale para onde em um único lote existam várias unidades habitacionais de uso exclusivo, convivendo com áreas de uso comum, ou seja, um conjunto de edificações e não de lotes. O loteamento fechado é uma figura híbrida que mescla características do loteamento convencional (Lei 6.766/79), com a figura do condomínio horizontal de casas (Lei 4.591/64).

Assim se verifica uma situação bastante complexa, pois essas áreas públicas inseridas nos loteamentos fechados ficam inacessíveis à população comum, caracterizando-se na privatização do espaço público.

"A distinção entre o público e privado tem sido constantemente obscurecida, por meio de concessões públicas e privatização de áreas de uso comum do povo, inclusive à revelia da lei". (FREITAS, 2008, p. 97)

Elisabeth Salgado assim expressa sua indignação, "*É inadmissível obter-se melhorias na qualidade do espaço urbano restritas a uma minoria, à custa de um*

grande prejuízo para a cidade como um todo". (SALGADO, 2000, p. 106) Continuando a autora cita três momentos de omissão pelo poder público:

> - no ato do pedido de diretrizes à municipalidade por parte do empreendedor
> - na aprovação do projeto, que embora possa atender a Lei Lehmann, não consideram com a devida responsabilidade que convém à defesa do interesse público.
> - a omissão frente ao fato de se manter fechadas as áreas públicas. (idem, p. 161)

Na publicação "O Loteamento Fechado: Precedentes, Conflitos e Solução por Lei Especial", de Almeida e Associados (2009), escritório de advogados especializados em direito territorial, Renato Darcy de Almeida confronta a legislação vigente e as soluções jurídicas aplicadas, invocando a incapacidade do poder público no gerenciamento da segurança, nos cuidados adequados às áreas dos municípios, e em muitos casos na impossibilidade de oferecer infraestrutura como iluminação ou abastecimento de água e esgotos, o judiciário se omite no cumprimento da lei *stricto sensu* e julga as ações por jurisprudência.

A cobrança das taxas condominiais embora seja ilegal, pois não existe a figura jurídica do condomínio em loteamentos fechados, o que desobrigaria os proprietários ao pagamento, é contornada com o artifício da obrigatoriedade da contratação para a prestação de serviços pelas associações residenciais, sem os quais as transações imobiliárias não conseguem registros junto aos cartórios.

Em sua tese de doutorado, Eleusina L. H. de Freitas (2008) chama a atenção para o fato de que essa irregularidade legal traz consigo a confusão do significado do espaço público dentro dos muros, ou seja, a privatização dessas áreas públicas que passam a ter uso excludente.

3.2 A Descontinuidade do Tecido Urbano

A Lei Municipal de São Paulo nº 2611, de 1923, submete aos loteadores à solicitação de diretrizes viárias à Prefeitura, no sentido de dar continuidade à malha viária secundária garantindo a implantação do sistema viário estrutural que cabe à Prefeitura.

A Lei Lehmann, citada anteriormente, exige que os loteadores definam as diretrizes para o uso do solo, traçado dos lotes, do sistema viário, dos espaços livres e das áreas destinadas a equipamentos públicos. Essa mesma Lei estabelece que "*as vias do loteamento deverão articular-se com as vias adjacentes oficiais, existentes ou projetadas e harmonizar-se com a topografia local*". (Lei Federal nº 6766/79)

As ruas internas do loteamento fechado nunca se integram à malha urbana evidenciando a interrupção do traçado urbano.

> As ruas internas de um condomínio residencial fechado, pelo contrário, nunca se integrarão à malha urbana do município a que pertencem essas ruas começam e terminam dentro do loteamento, tendo como única finalidade, ligar cada residência à portaria, único ponto de comunicação com o meio urbano exterior. (FERREIRA, 2006, p.101)

A própria justaposição dos loteamentos residenciais em Alphaville, ao longo de uma única via de penetração (Avenida Alphaville), e cada um deles com acesso único através de portaria, determinam um sistema viário insuficiente sujeito a constantes congestionamentos. A descontinuidade do tecido urbano criada impossibilita o planejamento de uma malha viária capaz de resolver a fluidez local.

3.3 Situação Fundiária

A Aldeia de Barueri, criada no Século XVIII, como outras aldeias indígenas da região foram extintas e em 1759 passaram aos bens da "coroa real". Pelo Decreto-Lei nº 9.760, de 1946, foram incorporados aos bens da União. Pela prática do *"aforamento"* foram cedidas a particulares caracterizando o regime de *"efiteuse"*, onde a propriedade é do Estado e o uso do solo fica sujeito a taxas de laudêmio, que incide em cada negociação de compra e venda, e de foro anual, administrado pela Secretaria de Patrimônio da União (SPU).

A Construtora Albuquerque Takaoka adquiriu no início da década de 1970 os direitos de uso do solo das áreas onde foram implantados os loteamentos residenciais Alphaville 1, 2, 3 e 4, além das áreas do Alphaville Empresarial, nos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba, gleba essa, parte da Fazenda Tamboré, anteriormente cedida à Família Ulhoa Penteado pelo regime de "efiteuse" .

3.4 Ordem Dentro dos Muros

Com a negação da cidade e a valorização do que é privado e exclusivo, a organização social dentro dos muros, nos loteamentos residenciais fechados parece bastante complicada.

Com o sistema de autogestão, as sociedades residenciais privatizam segurança, excluem as instituições públicas e criam suas próprias regras, e passam a enfrentar grandes dificuldades para organizar a vida entre essa população homogênea e poderosa que se sente acima da legislação. Os delitos ocorridos dentro do loteamento são ocultados do poder público agravando o comportamento agressivo. Somente os casos extremos são levados ao sistema judiciário. Assim não se promove a vida pública a partir de princípios democráticos de responsabilidade pública e civilidade.

Em "Cidade de Muros", Teresa Pires do Rio Caldeira, ainda ressalta a dificuldade de se chegar a regulamentos consensuais e fazer cumprir regras, e conclui, "*cuja expressão mais dramática é a criminalidade de adolescentes, especialmente o vandalismo e os acidentes de automóvel causados por jovens dirigindo sem habilitação*". (CALDEIRA, 2000, p. 258)

Com a polícia mantida à distância, os moradores se sentem no direito do descumprimento da lei. Os adolescentes tratam os seguranças como seus empregados e não como agentes reguladores da ordem, o que ainda fica agravado pela permissividade de alguns pais. Menores dirigindo automóveis e o uso de drogas são problemas comuns.

3.5 Espaço Privado e Espaço Público

Romero (1997) em sua análise cita Lefebvre para quem o espaço vai muito além de uma questão de localização, ele é um campo das relações sociais e que pode ser visto como propriedade. O espaço passa a ser um signo de consumo, símbolo de status.

O espaço é anunciado pelos agentes imobiliários como lugar exclusivo, onde as pessoas da mesma classe social podem viver o pleno significado da cidade sem

seus inconvenientes. Uma composição social monolítica, dentro de uma seleta classe de renda e estilo de vida semelhante.

Embora na tentativa de fugir da grande cidade e seus problemas, a procura desse espaço não representa a busca de um estilo de vida não urbano.

> O que está em jogo em um projeto como Alphaville é criar um espaço público dentro de um ambiente privado [...] o espaço público ganha uma nova dimensão, já que não é produzido do conflito, mas elaborado de maneira artificial […] pois o que está em jogo é a busca do isolamento […] já que o espaço perde sua função de lugar das relações e movimentos produzidos pela sociedade. (ROMERO, 1997, p. 83)

Esse espaço torna-se uma apologia do consumo e do espetáculo, a vida gira em torno de bens materiais e valores elitistas. Sobrepõem-se os valores individuais evidenciados pelos símbolos de status: estilos das casas, carros luxuosos… Estabelece-se uma competição velada entre os indivíduos e a satisfação nunca é atingida, pois novos elementos para estimular a disputa sempre surgem.

À medida que os moradores da cidade se recolhem para dentro de seus muros abandonando os espaços públicos, a interação dos grupos sociais tende a não acontecer.

A vida urbana perde seus valores cívicos, o que se observa é um empobrecimento cultural, uma alienação da realidade, uma despreocupação com a ordem urbana, a negação plena da cidade.

É o fim das relações entre os diferentes grupos sociais, onde se poderia buscar a compreensão da diversidade social e a ampliação do conhecimento humano. O espaço público é cada vez mais abandonado pelas camadas de renda mais alta.

A convivência com as desigualdades e injustiças promove a discussão e nela uma possibilidade para a formulação de novas alternativas, caracterizando o verdadeiro espaço público como tenso e produtivo. Mas essa tensão e discussão são evitadas e vistas como perigosas para a parcela que se refugia dentro dos muros, contribuindo para a corrosão da cidadania.

Agravando ainda mais essa situação a circulação de pedestres é desestimulada pela ausência de calçadas adequadas, estimulando o deslocamento

com automóveis, e o comércio é mantido à distância, fatores que prejudicam a integração dos moradores.

Considerando a segurança conseguida pelo controle de acesso e pela vigilância particular, as residências poderiam abrir suas fachadas para as vias de circulação, mas ao contrário se fecham em mundos particulares. Não promovem o encontro, mas buscam exibir materiais ostentatórios para exibir a individualidade de seus moradores.

3.6 Paisagem: sistema de espaços livres urbanos, públicos e privados

"Espaços livres de uso público (praças e parques) se prestam à fruição, à percepção da realidade e do outro: são espaços de conflito. Não são espaços neutros e carregam o potencial da transformação". (CAMPOS, 2008, p. 24)

Os espaços livres de uso público definidos por Ana Cecília Mattei de Arruda Campos (2008), como espaços de conflito, de discussão, perdem essas suas funções nos espaços dos loteamentos fechados, onde são de uso exclusivo de seus moradores, descumprindo o papel da *polis*, um lugar destinado às funções públicas, de ajuntamento civil, livre, um espaço que prescinde do que é privado e se opõe a ele. O que se observa, nas praças vazias dos loteamentos é que seu papel fica restringido à contemplação, quase sempre com vegetação exuberante, porém sem bancos para fruição do local ou caminhos para percorrê-los. Não agregam a população, e assim essas populações não desenvolvem o exercício da cidadania em suas discussões, e, portanto fortalecendo o individualismo.

Ruas e praças são espaços vazios.

"Discutir a paisagem implica em debater o panorama estrutural brasileiro". (CAMPOS, 2008, p.42)

Em Alphaville-Tamboré os morros, a cobertura vegetal e a rede hídrica foram drasticamente alterados. Mesmo atendendo a legislação no que se refere à preservação de espaços livres, esses não são incorporados como espaços de lazer. Não há integração de Alphaville com o Parque Ecológico do Tietê, em sua imediata vizinhança.

No entanto o espaço intramuros se apresenta cidadosamente ajardinado e tratado, mas a homogeneidade da paisagem construída é artificial, muitas vezes com jardins europeus ou ainda mais estranhos às nossas paisagens naturais.

A ausência de muros ou gradis nas residências incorpora a fluidez visual dos subúrbios americanos, mas permanecem isolados pelos limites impostos à livre circulação e acesso ao território.

3.7 A Arquitetura Residencial

Observa-se dentro dos loteamentos fechados um grande número de residências de estilo indefinido, obras vinculadas às tradições do século XIX e início do século XX, símbolos de nobreza ou tradição, e que refletem o modo de vida dessa parcela da sociedade que trata a construção como objeto de consumo, como um indexador de status social.

Essas residências apresentam ornamentos de forte apelo popular, convencionais, anônimos e via de regra, nitidamente orientados a um simbolismo não genuíno, como descreve Clovis C. S. Ferreira (2006).

Grandes áreas construídas para famílias constituídas por poucos elementos, residências compartimentadas, prioridade para áreas de lazer privativas e incluem uma sala de televisão dentro da área social para evitar o acesso dos visitantes à área íntima.

Revela-se uma obediência aos padrões estabelecidos pelo mercado e expõem um individualismo crescente. *"A moda banaliza, mediocriza, enfraquece nossa capacidade de escolha. Fala-se demais de estilo, tendências, mas pouquíssimo de algo fundamental como a interpretação do próprio espaço"*. (ROIPHE, 2007, p.127)

Separando bem as áreas sociais, íntimas e de serviço, as residências revelam particularidades: salas e mais salas, um maior número possível de suítes, acesso somente através de imensas garagens. Um programa que se repete como o citado por Ricardo Marques Trevisan, *"garagem para três automóveis, sala de dois ambientes, escritório, lavabo, adega, piscina com churrasqueira privativa, copa, cozinha, lavanderia. No pavimento superior, quatro suítes com uma sala íntima".* (TREVISAN, 2006, p. 45)

4. Pelo Mundo

Para a sua tese de doutorado, Paulo Adeildo Lopes (2010) pesquisou a proliferação dos condomínios horizontais e loteamentos residenciais fechados pelo mundo onde descreve o fenômeno com o subtítulo ”em outros países”.

Após o surgimento das *GATED COMUNITIES* (comunidades de bairros residenciais fechados), esse produto imobiliário foi tão aceito pelos americanos que já em 1997 oito em cada dez projetos urbanos nos Estados Unidos eram de condomínios fechados. *“Em 1997 cerca de 8,5 milhões de norte-americanos viviam em condomínios fechados e aproximadamente 40% das novas residências na Califórnia eram construídas em condomínios fechados (behind walls)”.* (XAVIER, 2007, p. 175)

Não somente empreendimentos de luxo, mas também voltados para a classe média americana, incluindo projetos destinados especificamente para aposentados.

No Oriente Médio o conflito entre as etnias e a violência decorrente foi condicionante para o aparecimento desses empreendimentos fechados. A princípio no Egito, década de 1980 na costa mediterrânea e nos anos 90 na periferia do Cairo, e na sequência para a costa do Mar Vermelho e no Sinai. Nos arredores de Damasco, na Síria, na Periferia de Istambul, Turquia, e no Líbano os condomínios surgiram na década de 1980.

Na África do Sul, pós-apartheid, no final da década de 1980, mesmo com o desenvolvimento econômico resultante da integração internacional desse país, as tensões socias continuaram e as desigualdades persistiram, condicionando o aparecimento de áreas de acesso restrito autorizadas pelo poder local em favor da segurança. Na periferia de Johanesburgo foram denominados “*Walled Communities*” ou “*Security Villages*”.

Já em 1950 os núcleos residenciais fechados existiam na Rússia para os altos funcionários e colaboradores do regime. Na década de 1990, após as mudanças políticas da União Soviética, a crise econômica fez crescer a violência urbana e surgiram novos espaços residenciais fechados, condomínios com infraestrutura e segurança privada.

Na China, as grandes metrópoles como Xangai e Pequim, e as zonas especiais ligadas a Hong Kong e Macau que apresentam uma parte da população extremamente rica surgiram os condomínios nos mesmos moldes americanos. E cabe lembrar a existência milenar da “Cidade Proibida” isolada por muralhas e guardas armados com o objetivo de proteger a natureza divina do imperador.

Esse modelo urbanístico também se expandiu em países onde se verifica o regime político autoritário e as grandes desigualdades sociais, com elevado número de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza como Venezuela, Colômbia, Bolívia, Filipinas, Indonésia, Chile, México e dentro dessa mesma realidade, o Brasil.

Nas principais capitais dos países da América do Sul, o fenômeno é posterior ao do caso norte americano, e o discurso do medo e da insegurança motivou a expansão dessa tipologia.

Na Argentina os condomínios surgiram com os *Country Clubs* ou *Countries*, depois com os *Barrios Cerrados* ou Quintas Residenciais, como residência de veraneio. E a partir da década de 1980, com a crise econômica e o aumento da criminalidade os condomínios residenciais fechados passaram a ser opção das classes média e alta não exclusivamente portenha, mas em toda a Argentina, não mais como residências de veraneio, mas como residências definitivas. Esse modelo expandiu-se intensamente na região de Buenos Aires na década de 1990 numa faixa de 40 a 60 Km do centro. (D’OTTAVIANO, 2008)

No Chile, a partir da ditadura de Pinochet, a crise econômica e as desigualdades sociais colocaram boa parte da população abaixo da linha da pobreza. Com isso a violência urbana e a criminalidade tornaram o Chile um lugar comum dentro da América Latina, pronto para repetir o fenômeno desses enclaves urbanos.

A partir da década de 1990 os bairros fechados se multiplicaram ainda de forma moderada e a partir do ano 2000 surgiram os grandes empreendimentos na região metropolitana de Santiago, destinados aos segmentos médios da população atraídos pela expansão das novas rodovias expressas com destaque para uma estrada privada, Camino Andino, destinada exclusivamente para o atendimento de alguns condomínios fechados. (D’OTTAVIANO, 2008)

A proliferação mundial dos condomínios residenciais gera discussões, pois são um produto de sucesso imobiliário com grandes opositores pelos seus aspectos

negativos de segregação social, administração privada tomando lugar da administração pública, interrupção do traçado urbano…

CAPÍTULO 2 - ALPHAVILLE: A HISTÓRIA RELATADA

1. Apresentação do Testemunho

Para justificar esse relato sobre a "História de Alphaville" recorro aos princípios da Escola dos Annales[3], e mais precisamente ao testemunho histórico relatado por um de seus fundadores, o historiador Mark Bloch em "A Estranha Derrota". Em seu livro Bloch tenta compreender os motivos que levaram a França a sucumbir diante das forças alemãs na Segunda Grande Guerra, a análise de uma história que se desenrolou diante de seus olhos.

Diz o historiador: "*um testemunho precisa de estado civil. Antes mesmo de relatar o que vi, seria conveniente dizer com que olhos vi*". (BLOCH, 2011, p.11) E mais adiante: "*Com certeza, não fiquei sabendo tudo o que se passava ali…..Mas pude observar, no cotidiano, os métodos e os homens….é forçoso recorrer, antes de tudo, a outros testemunhos que minha posição me permitiu colher e sopesar….De todo modo, ninguém poderia pretender tudo ter observado ou conhecido*". (BLOCH, 2011, p.31)

Cheguei a Alphaville, como morador, já em seus primeiros anos, precisamente em 1980. Eu, então com 27 anos, casado e com dois filhos. Permaneci ali como morador até o ano de 2006. Acompanhei as várias fases desse núcleo urbano, bebi na fonte de sua cultura (ou de sua não cultura), fiz da sua história, a minha história. Se na época não imaginava, um dia fazer este relato histórico, posso ter perdido o frescor das informações, mas percebo que posso recuperá-lo através de tantos outros depoimentos dos que também tiveram o privilégio desse olhar. E será o olhar do interesse "pela vida" que trará as qualidades para este relato.

[3] Escola dos Annales: movimento intelectual associado à revista francesa ANNALES. Historiadores que deram as diretrizes para essa nova forma de historiografia; A "História Nova", uma nova abordagem para a História que estava reduzida a um simples jogo de poder entre grandes, ignorando que além desses se situavam outros campos de forças coletivas ou individuais que de outra forma poderiam desenvolver o relato histórico.

2. O Depoimento

Tínhamos consciência ou pelo menos alguma percepção de que éramos protagonistas de um plano alternativo para a consolidação do empreendimento imobiliário da Construtora Albuquerque Takaoka no Município de Barueri, bem às margens do Rio Tietê.

De alguma forma o plano inicial para um loteamento exclusivamente industrial já fora inviabilizado, e durante o curso de seu desenvolvimento, o tamanho dos lotes foi reduzido para abrigar também escritórios administrativos ou empresas de serviços. A criação de uma área residencial teria vindo para atender as empresas que ali se instalariam. O que não tinha sido imaginado, é que uma parcela da população que habitava a cidade grande sonhava com uma melhor qualidade de vida para suas famílias, e que seria esse o público conquistado pelo novo produto imobiliário.

Nem a Construtora, nem nós, os primeiros moradores, poderíamos imaginar naqueles primeiros anos, que esse loteamento residencial fechado atingiria tamanho sucesso e se multiplicaria, ocupando áreas que para nossos inocentes olhos eram colinas e campos, que de alguma forma representavam a promessa de uma vida mais próxima da natureza. E ainda nem aos mais otimistas empreendedores esse modelo de loteamento residencial poderia ser pensado como modelo a ser seguido em tantas outras cidades brasileiras.

Os terrenos vazios, os campos, as montanhas faziam parte da nossa morada, uma paisagem apropriada indevidamente, uma visão irreal para os que pretenderam locar suas “casas de campo” em terrenos de 560 a 800 metros quadrados. Aos que naquele momento ingênuo tiveram uma percepção um pouco além do senso comum, a sabedoria os levou a aquisição a baixos custos de um lote duplo, ou triplo, podendo afastar os limites de seus domínios como garantia de preservar as áreas verdes no entorno de suas residências.

Fonte: Sacchi, Even p.164

Foto 2: Alameda Rio Negro, 1976

Estávamos nos distanciando da cidade, nos afastando de seus conflitos, da insegurança de suas ruas, da sua feiura, mas a queríamos próxima, precisávamos nos servir de suas qualidades, de seus equipamentos. Os núcleos urbanos mais próximos nesse começo, final dos anos 1970 e início dos anos 1980, ainda mantinham suas características singelas. Barueri, uma cidade dormitório, de pessoas humildes prontas para servir aos novos habitantes que traziam um "eldorado" de oportunidades e Santana de Parnaíba um sítio histórico para completar o cenário dos sonhos.

Logo no início, como estratégia de *marketing*, a construtora escolheu por volta de 20 lotes para os quais foram construídas residências cujos projetos foram delegados aos colegas dos arquitetos Reinaldo Pestana e José de Almeida Pinto, os responsáveis pelo traçado do loteamento e pela elaboração de seu código de edificações. Essas residências além de atrair os compradores puderam desempenhar papel fundamental para definição do padrão social de ocupação. Logicamente, não conseguiriam se impor como padrão de qualidade arquitetônica para os projetos que seriam ali executados.

Yojiro Takaoka e Renato de Albuquerque, sócios da Construtora, perceberam que a estratégia de se incluir essa área residencial poderia representar a consolidação do empreendimento como um todo, e utilizaram de artifícios para garantir o sucesso que incluía o projeto de um clube para atender o residencial e com a mesma atenção de quem cuida de filhos pequenos, prestou grande assistência aos primeiros moradores.

Fotografia Caio Guatelli

Foto 3: Alphaville Tenis Clube

Estranhávamos na primeira manhã, que se seguia ao dia da mudança para o local, a presença de pão e leite em nossas portas com cartão de boas vindas e a oferta de serviços dessa natureza. Os empreendedores tinham reservado para si mesmos lotes onde implantariam suas próprias residências, o que afiançava seus propósitos.

As ruas com pequenas mudas de espatódias (árvores de grandes flores vermelhas), alinhadas em suas calçadas, prometiam um futuro arborizado. Imensos gramados e algumas palmeiras estrategicamente locadas revelavam a atenção com o paisagismo, e para os que chegaram primeiro, foram doadas a grama e algumas árvores frutíferas para seus jardins, como cortesia dos empreendedores.

O que se percebia era um meio ambiente devastado na construção dessa nova topografia, e a busca de um novo eco-sistema. A vastidão inóspita só era aliviada pela expectativa do crescimento da nova vegetação. A natureza e a população tentavam ali um novo recomeçar. Para abrandar ou ocultar a imensa intervenção, os lotes resultantes da terraplanagem receberam o plantio de eucaliptos, que em muito pouco tempo estariam imensos, a despeito dos danos que causariam no solo, já tão pobre para o suporte vegetal.

Fonte: Sacchi, Even p.162

Foto 4: Rotatória de acesso ao Alphaville Residencial 1 , 1976

Para aqueles anos, o empreendimento significava um avanço qualitativo em relação ao que se oferecia no mercado imobiliário. Hoje não pensaríamos mais assim, pois não foi pensado na preservação de seus recursos hídricos (os fundos de vale foram aterrados e seus riachos canalizados), de seus morros (o projeto ignorava a topografia original com seus cortes e aterros), nem tampouco em reservas biológicas ou florestais. Com o passar do tempo essa postura seria revista pelos empreendedores.

No início alguns construtores, os mais criteriosos que tomavam o cuidado pesquisando o solo, foram surpreendidos pelo resultado das sondagens de seus terrenos. Em alguns pontos os aterros elevavam as cotas dos lotes em até 20 metros do perfil natural, obrigando assim para o apoio de suas construções a utilização de estacas pré-moldadas de concreto que ultrapassassem as camadas de saibro compactadas dessa nova topografia. Para esses, o custo inicial de suas obras eram alterados drasticamente e para alguns inviabilizavam seus orçamentos. Observou-se algumas interrupções de obras com abandonos e devoluções de terrenos.

As devoluções dos terrenos se deram de forma tranquila. A Construtora ressarcia os pagamentos efetuados sem criar dificuldades, pois o sucesso de vendas já garantia que o terreno devolvido voltaria como estoque para futuras vendas a um preço que não parava de subir.

Outros construtores, menos cuidadosos, habituados com as construções simples de nossas cidades, apoiavam suas casas sobre baldrames corridos, os tradicionais “alicerces”, que levou ao surgimento das casas marcadas pelas trincas, resultantes da acomodação da construção ao terreno. Fato que passou a ser uma espécie de síndrome dos anos iniciais. Com conhecimento dessas ocorrências, os lotes situados em áreas resultantes de cortes de morros, isto é, em áreas não aterradas, passaram a ser valorizados em relação aos lotes de aterro.

A ausência de qualidade orgânica do saibro utilizado nos aterros atribuia uma desqualificação da terra para o crescimento vegetal. Uma grossa camada de terra vegetal para o plantio de forrações, gramados ou arbustos e uma cova com a substituição do solo do aterro por terra de qualidade era determinante para o desenvolvimento de jardins sadios. Para os moradores esse tema estava incluído no dia a dia da comunidade.

A população em seus primeiros anos poderia sim ser definida como uma comunidade, pelas necessidades de se discutir as questões locais, com muitos atributos desejáveis e também repleta de problemas na falta de escolas para seus filhos, no difícil abastecimento doméstico, pela mão de obra desqualificada para os serviços domésticos, na quantidade excessiva de insetos, principalmente pernilongos e com a umidade verificada que propiciava um meio ideal para o desenvolvimento de fungos e mofo.

A comunidade se fortaleceu, organizando compras comunitárias na Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP) para o abastecimento das famílias, influenciou os empreendedores no apoio à iniciativa privada para a criação da primeira pré-escola local, que logo se transformaria num instituto de educação de níveis fundamental e médio, e se organizou para assumir a auto-gestão do loteamento residencial.

Por meio de cláusula vinculada à própria escritura de compra e venda do terreno, ou melhor, do direito de uso do solo (posto o caráter de “EFITEUSE”), os proprietários deveriam submeter os projetos a um código de restrições próprio do

loteamento mais rigoroso que os da prefeitura. Recuos maiores, ocupação menor dos terrenos, regulamentação de altura máxima das construções e número de pavimentos reduzidos a dois, proibição de muros e gradis dentro do recuo frontal, regulamentação das cotas de acesso à construção em relação ao perfil natural do terreno, restrições de cortes e aterros, enfim um rigor para se garantir o padrão de ocupação projetado. Assim como todos os códigos restritivos, esse também estaria impossibilitado para a garantia da qualidade arquitetônica dos projetos.

O que se observava era um ecletismo que denunciava os costumes dessa nova população, com tendência ao consumo de valores importados e modismos. A forma tripartida das residências confirmava um tradicionalismo formal da casa burguesa paulistana já muito conhecido. Em geral casas assobradadas, com seus três setores (social, íntimo e de serviços) independentes, mas comunicantes. Nesse início ainda não se verificava o fenômeno de muitas suítes, salas de TV e espaço para muitos carros nas garagens. Com a temperatura no local sempre abaixo da verificada na cidade de São Paulo, dada à posição entre as Serras do Japi e da Cantareira, o uso de lareiras era comum, e se difundiu a prática local da criação da "sala da lareira", quase sempre em cota rebaixada em relação à sala de estar. Excepcionalmente observava-se alguns projetos característicos da arquitetura contemporânea paulista, que utilizavam o concreto aparente, demonstravam seus processos construtivos, grandes vãos além de outros preceitos da "escola paulista".

A princípio os empreendedores montaram um escritório para a aprovação dos projetos e fiscalização de obras, a equipe composta por arquitetos e técnicos orientados a seguir rigidamente o código construtivo local. Para alguns casos em que os projetos apresentavam características com alguma dificuldade para sua interpretação, eram barrados em sua aprovação. Para esses casos os empreendedores sempre se mostraram receptíveis para a discussão, demonstrando novamente a atenção e os cuidados dos incorporadores em busca do sucesso do empreendimento.

Os empreendedores estimularam a organização dos moradores para a criação de uma sociedade que passaria a assumir a gestão do loteamento. Os recursos necessários para essa administração, que passaria a cuidar da aprovação e fiscalização de obras, e também da segurança do loteamento com seus acessos, da limpeza dos lotes e da ordem local estavam garantidos em cláusula nas

escrituras de compra e venda, nos cartórios de registro de imóveis, por acordo com o poder público.

Como o loteamento residencial fechado não se enquadrava como um condomínio, se tratando de uma nova forma de ocupação ainda não prevista na legislação, verificou-se um sem número de ações de cobrança e recursos, e muita discussão que perdura aos dias de hoje. Com troca de favores, poder, e em nome do desenvolvimento municipal, foram elaboradas leis municipais de exceção para a consolidação dos loteamentos residenciais fechados. A figura jurídica ainda permanece confusa e frágil, e como o modelo se expandiu para tantas outras cidades, o modelo atualmente é defendido por jurisprudência confrontando a crítica dos urbanistas e ações da procuradoria pública.

Revista Viver A Vida Alphaville , setembro 2003, p.13

Foto 5: Portaria do Alphaville Residencial 1 , 1975

Nos primeiros anos, o afluxo de novos moradores era cadenciado, o que de certa forma dava tempo ao fortalecimento para os laços da população moradora, que se mostrava satisfeita com o processo em curso. Esses moradores, embora nem imaginando, estavam criando uma nova forma de relacionamento social. Uma sociedade de indivíduos com padrão econômico homogêneo, protegida entre muros, livre dos conflitos urbanos, com uma forte inclinação à fruição da vida, e que

demonstrava alto grau de cooperação entre seus membros, como reflexo do próprio isolamento. Parecia tudo correr muito bem.

O sucesso de vendas da área residencial levou a implantação de uma segunda área, que viria a ser denominada Alphaville Residencial 2, passando a primeira a agregar o número 1, ao seu antigo nome, Alphaville Residencial. E na sequência vieram tantos outros, ao longo da Avenida Alphaville que já ultrapassava os limites do Município de Barueri avançando para Santana de Parnaíba.

Após oito anos de negociações com posseiros e batalhas jurídicas, a Construtora Albuquerque Takaoka conseguiu a reintegração de posse de uma área situada entre os primeiros residenciais e a área empresarial. Nesse momento, o empreendimento já sinalizava sua consolidação, e apontava a necessidade de um local para o comércio. Assim, para atender a população moradora, os empreendedores lançaram em junho de 1980 o Centro Comercial.

O projeto desse loteamento comercial definiu pequenos lotes de 32 metros quadrados, com 4 metros de frente, e múltiplos desses. Um sistema para circulação exclusiva de pedestres em calçadões, com jardins que interrompiam o traçado das calçadas e uma área de estacionamento de veículos em seu entorno. O projeto buscava promover a separação dos pedestres e veículos, criava várias pequenas praças na intenção de transformar suas calçadas em caminhos agradáveis e aguardava na multiplicidade de estilos de suas futuras construções um bom resultado estético.

Fotografia Caio Guatelli

Foto 6: Centro Comercial (2009)

Ao longo de sua ocupação, verificou-se nos costumes locais, algo similar ao comportamento da população dos Estados Unidos, uma não disposição a percorrer caminhos de distância superior a 300 ou 400 metros. Assim esse sistema de caminhos exclusivos aos pedestres deixou desertas suas áreas centrais, e consequentemente desvalorizadas, demonstrando o insucesso projetual. Não tardou para que se permitisse o acesso de veículos em suas estreitas calçadas, e o que era para separar pedestres e veículos, tornou sua convivência mais próxima e conflitante. Os calçadões foram divididos com obstáculos físicos de concreto definindo acanhados caminhos de pedestres e vias confusas para os veículos, as quais exigiam qualidades de malabaristas para seus condutores. Muitos estudos e projetos posteriormente foram tentados, persistindo ainda hoje o quiproquó.

Para os moradores dos residenciais já implantados, o centro comercial trouxe prestadores de serviços e comércio para o atendimento de necessidades diárias. Mas além desses previsíveis benefícios à população, o Centro Comercial trouxe também a oportunidade para alguns moradores, especialmente para mulheres já cansadas do tédio de suas rotinas, a possibilidade de empreenderem algum negócio e incrementar renda às suas famílias, ou ainda para a legalização de atividades de comércio ou serviços desenvolvidas clandestinamente dentro dos residenciais.

Verificou-se muito amadorismo entre poucos casos de organização profissional, evidenciado pelo “abre e fecha” de estabelecimentos. O local se tornou um centro de experimentos. Ressalva para alguns casos de sucesso, e a transformação positiva nas trajetórias desses empreendedores como indivíduos. Buscava-se assim promover as qualidades de uma vida quase urbana.

Em 1983, foi inaugurado o Cine Teatro Alphaville dentro do Centro Comercial, e por iniciativa de um funcionário cinéfilo da própria administração do centro comercial, a sala de cinema passou a apresentar sessões dos filmes comuns ao circuito comercial das cidades.

Com o crescimento da população já em vários loteamentos residenciais que se sucediam, e com a chegada de empresas em Alphaville, favorecidas pelos incentivos fiscais do Município de Barueri, o comércio local se profissionalizou de fato, foi criado um primeiro “*Shopping Center*“, lojas franquiadas, filiais de estabelecimentos da capital, e assim já não haveria mais espaço para amadores.

Nos anos seguintes, 1985/1986, já se vislumbrava um crescimento incontrolável, com a preocupação de seus moradores que temiam a incapacidade de suporte desse espaço que havia sido projetado para um número restrito de residências e empresas.

Nesse instante Alphaville assumia diferentes significados: para os pioneiros a satisfação e o desejo que o tempo parasse para os empreendedores imobiliários um horizonte promissor de lucros, para o poder municipal a promessa de receitas crescentes, para novos moradores a ilusão de se poder usufruir a vida no paraíso.

Se no início da história de Alphaville, a via de ligação com a Cidade de São Paulo, a Rodovia Castelo Branco, com tráfego não significativo até se mostrava temerosa para seus moradores, e que carentes de proteção se valiam da proteção de viaturas da segurança dos próprios residenciais, já no final dos anos 80 apresentava congestionamentos frequentes, e expandia o tempo de viagem para uma hora ou até mais.

As administrações dos residenciais em suas portarias passavam a informar o tempo previsto de viagem até as marginais dos rios Pinheiros e Tietê. Muitos executivos obrigados a esse deslocamento diário, se viram obrigados a alterar suas rotinas atrasando os horários de ida e retorno ao trabalho, o que de alguma forma impunha outra dinâmica familiar. Muitos desses passaram a deixar suas residências por volta das 10 horas da manhã retornando doze horas depois.

Podemos assinalar o início da década de 1990 como ponto de inflexão na história de Alphaville. Se alguns já sonhavam em voltar para a cidade, de outro lado à violência urbana e outros conflitos da cidade fizeram com que o valor dos imóveis em Alphaville tivesse alcançado alta valorização. A arquitetura de suas residências passava a evidenciar maior demonstração de status, com áreas cada vez maiores e tendências formalistas em busca de padrões luxuosos. Também passaram a ser observadas demolições, que denunciavam a obsolescência precoce de alguns imóveis para ceder espaço à nova arquitetura do lugar.

O perfil da população passou a incluir um número crescente de ascendentes sociais afirmando a facilidade de adaptação desses aos costumes locais e vice-versa. Entre os novos moradores estavam artistas de televisão, jogadores de futebol e gente que ganhou dinheiro muito rapidamente. Assim as construções passavam a

exibir suas referências em modismos, no gosto das revistas, nos símbolos de status, na demonstração de poder.

A “sociedade do espetáculo” se impôs com suas regras, criando vítimas da ostentação, escravos de uma imagem a ser exposta através do luxo: carros, viagens, vestuário e tantos outros símbolos de consumo que exigiam para tanto uma receita privilegiada, nem sempre compatível com a realidade desses indivíduos.

Ítalo Calvino (1990, p.44) em seu livro intitulado “As Cidades Invisíveis”, diz que “*As cidades, como sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa*”.

Já no início dos anos 2000, as novas residências apresentavam um programa mais complexo, com um número cada vez maior de suítes, garagens para muitos carros e com áreas construídas cada vez maiores, independentemente do tamanho das famílias. Os programas de necessidades para essas novas moradias evidenciavam cada vez mais um individualismo na forma de convívio familiar, para cada integrante uma suíte equipada com telefone, TV e computador, e usualmente um veículo para cada membro adulto da família. Passou-se a observar intervenções radicais para as casas construídas nos primeiros anos dos loteamentos, ampliações para atender os novos costumes e substituição dos materiais de acabamento, com muitas dessas reformas desconsiderando o partido arquitetônico original, levando a resultados diversos.

O trânsito local se tornara mais um problema, além do acesso da Rodovia às áreas empresariais, o acesso para os outros tantos residenciais implantados sobrecarregaram o sistema viário precário dada a imposição desse modelo de ocupação com as descontinuidades urbanas impostas por muros e bloqueios das áreas residenciais. Além da precariedade desse traçado viário, os hábitos para o deslocamento nunca incluíram o transporte coletivo como alternativa, localmente aceito somente para os empregados de residências ou funcionários das empresas. Para agravar essa situação, um crescente número de atividades corporativas na região, favorecidas por incentivos fiscais do município, corroborava para um trânsito cada vez pior, fazendo surgir imensos congestionamentos nos horários de pico, no início da manhã e final da tarde, na chegada e saída da população flutuante. A falta de planejamento para esse crescimento ficou evidente com a falta de espaços de

estacionamento de veículos privados e ônibus fretados, que passaram a lotar as vias vicinais, terrenos ainda livres ou qualquer espaço possível, determinando assim o estreitamento dos caminhos.

Fotografia Caio Guatelli

Foto 7: Alphaville (2009)

O problema do trânsito interno de Alphaville tende ainda hoje a um agravamento, pois a legislação municipal de Barueri atendendo as ambições dos empreendedores imobiliários e com vistas ao incremento de receita cada vez maior concedeu um aumento nas taxas de ocupação e aproveitamento dos lotes empresariais, sem, contudo exigir estudos de impacto ambiental e de vizinhança, ou um programa de readequação de transportes. O que se verifica timidamente é a criação de uma segunda via de ligação da rodovia aos residenciais situados no município de Santana de Paranaíba, a Via Parque, que avança contornando muros de loteamentos às margens do Rio Tietê.

A intenção para a implantação de transportes coletivos eficientes a partir de bolsões de estacionamento logo na entrada de Alphaville, ainda hoje são ideias que não recebem a atenção dos órgãos de planejamento municipal e que não atendem interesses imediatos. Essa atuação inescrupulosa dos agentes imobiliários,

e descuidada do poder público, pode significar o golpe mortal às fontes de largos lucros e receitas.

A Rodovia Castelo Branco que apresentava congestionamentos diários no trecho entre Barueri e São Paulo, com a adoção do regime de concessão de sua administração para a CCR Via Oeste, teve o acréscimo de pistas com as marginais implantadas (pedagiadas) que desafogariam o tráfego no trecho, principalmente visando os usuários de Alphaville. Os motoristas com origem ou destino em Alphaville, caso preferissem utilizar a via principal, a princípio isenta de taxas de pedágio, deveriam fazer um trajeto maior, ir de São Paulo até Barueri e retornar a Alphaville ou o inverso, aumentando o percurso o que criou um conflito temporário com a população local e usuários.

O valor do pedágio era considerável de forma a alterar o orçamento das famílias. Cumprindo o contrato com o Governo do Estado, a CCR Via Oeste realizou as obras previstas para a melhoria das pistas centrais, incluiu comunicações entre essas pistas e as marginais, pedagiando todo o sistema e baixando os custos das passagens pelo trecho. Hoje o trânsito flui bem nesse trecho da rodovia, apresentando congestionamentos somente nos trechos próximos ao acesso de Alphaville nos primeiros horários da manhã.

Depois da implantação de mais de uma dezena de “Alphavilles Residenciais”, a Construtora Albuquerque Takaoka fez expandir o modelo para além da Região Metropolitana de São Paulo, projetando o Alphaville Campinas em 1994. Nessa mesma época a morte do Engenheiro Yojiro Takaoka, fez com que o outro sócio da Construtora, o engenheiro Renato de Albuquerque viesse a tomar novos rumos e constituiu a empresa Alphaville Urbanismo, que levaria o conceito desses loteamentos residenciais para tantas outras grandes cidades de todo o Brasil: Goiânia, Curitiba, Salvador, Fortaleza, Londrina, Maringá…

Para os mais recentes “Alphavilles” os projetos deveriam atender as restrições ambientais já mais rigorosas e atualizadas à cultura de preservação ecológica em busca das demandas de um mercado mais atencioso. Os cuidados com o meio ambiente, paisagem, recursos naturais e a garantia da proximidade de seus moradores com a natureza foram intensificados. E o Arquiteto Marcelo Willer, Diretor de Projetos da Alphaville Urbanismo SA, em entrevista concedida em agosto de 2006, para Sandra Regina Roiphe, por ocasião de sua dissertação de mestrado

na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), afirma que "*o padrão do Alphaville Campinas, assim como boa parte do Alphaville Curitiba, é muito aquela casa espelhada na casa americana. Quer dizer, um modelo que comercialmente é visto como casa de cinema, de revista americana*". (ROIPHE, 2007, p.164)

Voltando ao foco do nosso tema: os Alphavilles implantados em Barueri/Santana de Parnaíba, somados aos outros loteamentos residenciais fechados apoiados na mesma infraestrutura, como os residenciais Tamboré, empreendimentos da família Penteado de Ulhôa Rodrigues, proprietários originais da Fazenda Tamboré, e outros empreendimentos como Melville, Alpha Sítio e Gênesis, além dos condomínios horizontais tipo vila, e muitos prédios residenciais implantados em áreas adjacentes determinaram o adensamento da área construída ocupando os vazios e com isso definiram uma nova paisagem.

Enquanto esses empreendimentos imobiliários destinados às camadas sociais de renda mais alta avançavam sobre o verde remanescente, os bairros periféricos com ocupação das classes de renda mais baixa, incluindo as favelas e os bairros com infraestrutura urbana deficitária, também continuaram a se expandir, criando frágeis fronteiras para os enclaves fortificados dada a aproximação geográfica de populações distintas, de alto contraste sócio-econômico.

Muito grande foi a transformação nesses primeiros trinta anos de Alphaville, além da expansão territorial não imaginada, os ideais e o perfil da população, com seus sonhos de tranquilidade, de uma vida mais ligada à natureza, passando aos ideais de fruição e status, continuaram a sofrer fortes alterações. Para alguns o lugar tinha se tornado estreito, limitado para seus objetivos e o retorno à cidade passou a ser uma possibilidade a analisar. O que também representava uma ameaça face às dificuldades para adaptação a uma vida há muito tempo esquecida, ao abandono de um universo construído, à adaptação a outras grandezas espaciais, à substituição dos hábitos culturais, tantos desafios para uma decisão difícil em confronto com a possibilidade resignada de permanecer ali, sob a proteção dos muros, na tranquilidade consolidada mesmo que confinada ao espaço de suas casas ou no máximo aos limites do próprio loteamento, num universo restrito que surge após a transposição de suas portarias. Se no passado se afastar dos problemas da cidade

tivesse sido uma opção, agora se fazia necessário se isolar em limites ainda menos largos.

Alguns partiram, outros ficaram. Mas sobressai o fato marcante da permanência no local verificada por número expressivo de filhos dos primeiros moradores, uma segunda geração de Alphaville, indivíduos ansiosos para repetir uma história conhecida, numa demonstração de satisfação e prazer com as possibilidades do lugar, ou talvez temor dos conflitos urbanos.

Com a grande oferta de novos imóveis, novos loteamentos, e muitos apartamentos, o mercado imobiliário passou a partir de 2006 por um desequilíbrio de oferta e procura. O estoque de imóveis a venda superava muito a procura, e nessa relação comercial, os valores de seus produtos sinalizavam queda constante.

A crise econômica de 2008/2009 veio reforçar essa tendência de queda nos valores imobiliários, modificando o alvo dos empreendedores. Os espaços empresariais, com edifícios para escritórios, ainda continuaram atraindo empresas interessadas nos incentivos fiscais, embora parte delas já passasse a avaliar os riscos e as dificuldades de se transferir para a região.

Fotografia Caio Guatelli

Foto 8: Edifícios corporativos (2009)

Os novos prédios de apartamentos passaram a oferecer unidades mais econômicas, buscando um novo público: funcionários das empresas locais, antigos

moradores de Barueri ou Santana de Paranaíba, ou mesmo a segunda geração já citada.

De forma geral, o que se passou a observar foi o incremento de outra faixa sócio econômica, de menor poder aquisitivo. Se o afluxo da classe média de menores rendas colabora para uma diversidade social, essencial para o desenvolvimento de relações sociais mais saudáveis e equilibradas, o *glamour* dos sonhos de projeção social decepciona parte dos que chegaram ali em outros tempos.

A própria necessidade de equipamentos sociais que se impõe, demonstrada por extensa lista de pretendentes em vagas nas escolas públicas locais e também a verificação da utilização dos postos de saúde ou hospitais municipais pelos moradores de Alphaville, revela uma nova realidade que torna menos distante o conceito desse núcleo com os conceitos de cidade. De alguma forma observam-se situações de conflitos sociais, seus habitantes improvisam seus *ágoras* na falta de espaços públicos projetados. Enfim o que para muitos parece ser um empobrecimento, de outra forma pode significar alguma transformação, ainda que limitada para esse núcleo urbano, num novo momento para relações sociais mais equilibradas, essenciais para o desenvolvimento sadio dos cidadãos.

De qualquer forma, uma história que se relata sobre fatos em curso pode se equivocar, manifestar estranhezas para fatos que poderão se constituir como habituais ou bizarros no futuro.

O comportamento humano surpreende com sua capacidade de adaptação, cria novas formas de relações, pode reconhecer enganos em suas criações no anseio da solução de suas angústias, ou ainda insistir em sua alucinada busca de garantias improváveis.

Essa história ainda está por acontecer.

Ainda não se sabe.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE PROJETOS

Neste capítulo são apresentadas oito análises de projetos de residências construídas em Alphaville entre os anos de 1976 a 2010, organizadas cronologicamente.

A seleção dos projetos seguiu critérios para que o conjunto de residências aqui apresentado demonstre a evolução do projeto de arquitetura em Alphaville ao longo do período analisado, incluindo as transformações promovidas por reformas de algumas dessas unidades. Também foi considerada a facilidade para acessar os projetos e os relatos de como se desenvolveu a vida nesses espaços habitados.

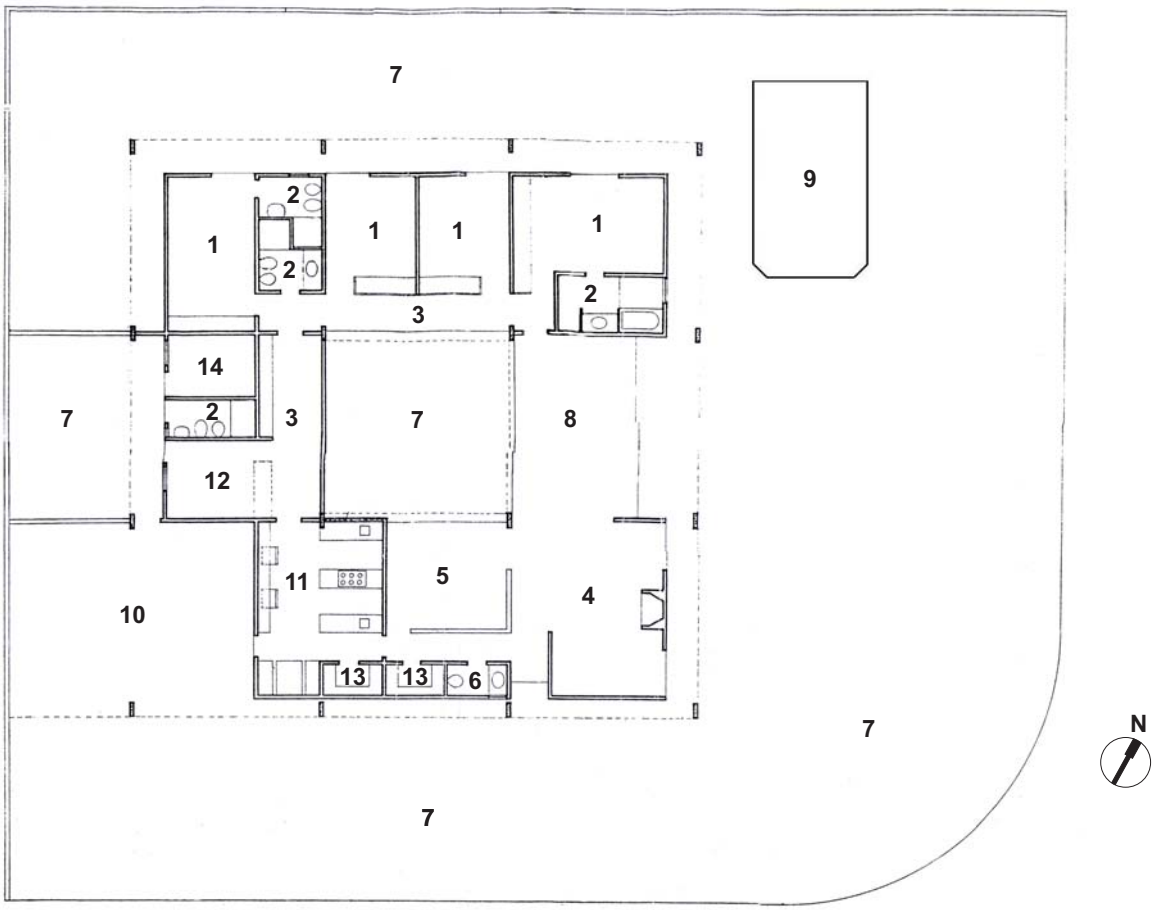
As construções analisadas são de tamanho médio das casas dos Alphavilles Residenciais 1 e 2, com áreas variando de um pouco menos de 300 metros quadrados até pouco mais de 400 metros quadrados.

A descrição inclui o processo de escolha dos arquitetos, o entorno à época do projeto, a implantação, os materiais utilizados e também como o espaço construído atendeu as necessidades de seus ocupantes ao longo do tempo.

Residência construída como referência na implantação do loteamento
Empreendimento da Construtora Albuquerque Takaoka
Alphaville Residencial 1
Barueri

Ano : 1976
Alameda Alemanha 141
Projeto de Arquitetura: Carlos Bratke Renato Lenci S/C Ltda
Responsabilidade Técnica de Obras: Construtora Albuquerque Takaoka
Área do Terreno : 1.011 m2
Área Construída: 349 m2
Fotos: Martin Szmick

Como estratégia para o sucesso no empreendimento do loteamento residencial, a Construtora Albuquerque Takaoka, selecionou alguns lotes de posicionamento estratégico e construiu aí residências como referência para o padrão do empreendimento.
A Construtora Albuquerque Takaoka buscando qualidade para a arquitetura do lugar e diversidade nos projetos convocou os arquitetos Reinaldo Pestana e José de Almeida Pinto para a escolha dos autores para esses projetos residenciais.
Para a casa da Alameda Alemanha foi escolhido o escritório Carlos Bratke Renato Lenci S/A Ltda para a elaboração do projeto.
Mais adiante, neste mesmo capítulo, esta casa volta a ser analisada na intenção de apresentar as transformações no padrão de ocupação do loteamento, após as intervenções para seu *retrofit* 30 anos depois.



Planta **Legenda**

1. Dormitório	4. Living	7. Jardim	10. Garagem	13. Despensa
2. Banheiro	5. Jantar	8. Estar	11. Cozinha	14. Dorm. Empr.
3. Hall	6. Lavabo	9. Piscina	12. A. Serviço	

Autor do Projeto:

Arquiteto Carlos Bratke, graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (FAUM) em 1967, pós graduado em Planejamento e Evolução Urbana pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAUUSP) em 1969, professor da cadeira de projeto da FAU Mackenzie e da Faculdade de Arquitetura Belas Artes. Veio a ser presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) no biênio 1992/1993.

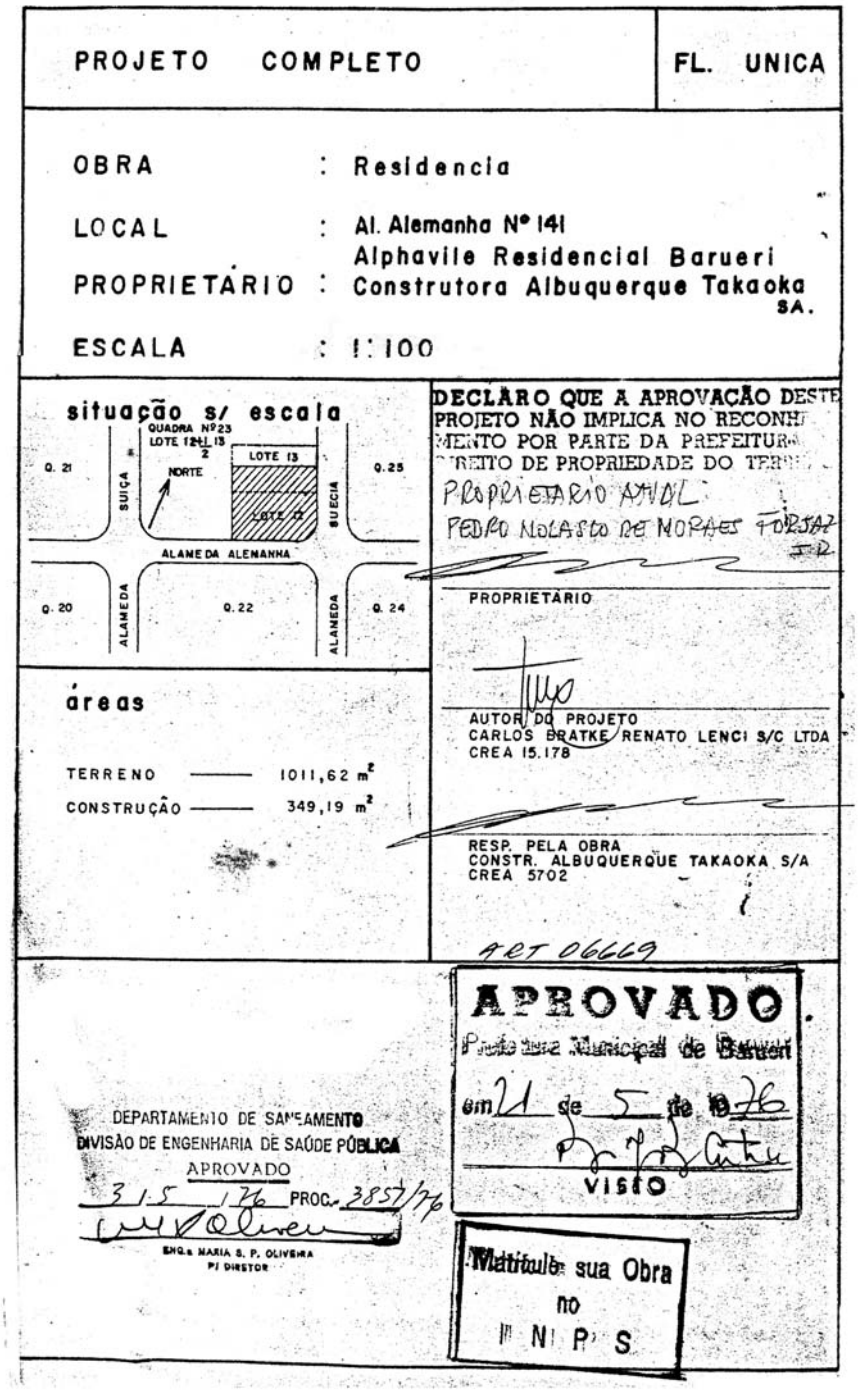
Entorno:

O lote escolhido para este projeto, na esquina da Alamedas Alemanha com a Alameda Suécia, representa um ponto de alta visibilidade. Essas duas alamedas, com largura maiores que as outras vias , fazem parte de um segundo caminho arterial no acesso interno do loteamento (a outra via de acesso principal seria a Alameda Itália) .

Para o projeto foram destinados um lote e meio (lotes 12 mais metade do lote 13 , da quadra 23), totalizando uma área de 1.011metros quadrados, localizados num fundo de vale aterrado nas obras de terraplenagem.

Como pode ser visto na etiqueta do projeto de aprovação para a Prefeitura de Barueri, o loteamento ainda recebia o nome de Alphaville Residencial , único à época, que depois passaria a ser designado Alphaville Residencial 1.

Na implantação dessa residência fica clara a intenção de valorização das áreas verdes nos primeiros anos do empreendimento. Assim os 349 metros quadrados projetados representam uma taxa de aproveitamento de aproximadamente 34%, abaixo dos limites regulamentados.

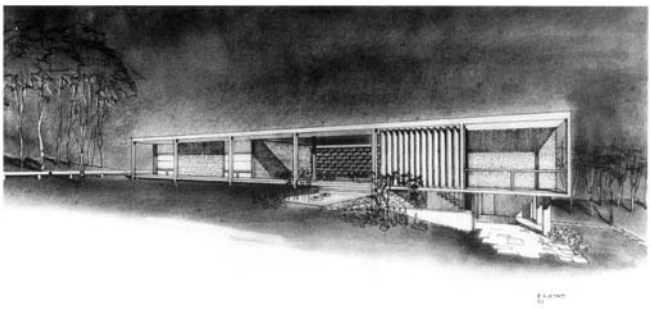


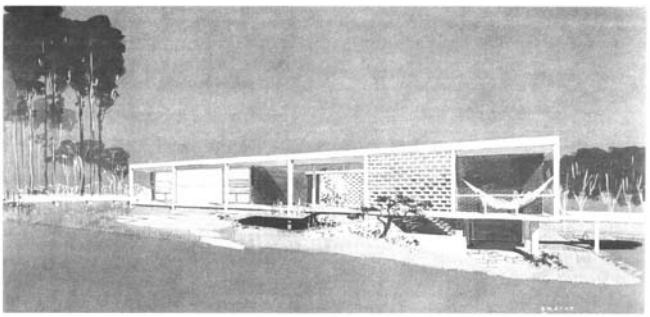
Além do jardim interno, como uma área descoberta no centro da construção, temos externamente um amplo jardim circundando a casa. Na lateral alinhada com a Alameda Suécia o recuo fica ainda maior (12,30m) privilegiando as áreas de lazer para as quais se abre a sala de estar.

A topografia do terreno, resultante dos movimentos de terra na urbanização dos lotes, se apresenta totalmente num plano horizontal, sem desníveis. O projeto valorizou a horizontalidade do lote com a definição de um único pavimento apoiado imediatamente sobre o solo, com todos os cômodos abertos para os jardins do entorno e com circulação aberta para o jardim interno.

Espaço:

A contratação desse projeto deixou os arquitetos sem as imposições de clientes, permitindo liberdade projetual para a concepção de uma arquitetura que se integra à paisagem com a articulação dos espaços em torno do vazio criado para o jardim central e de suas aberturas para as áreas verdes externas.
O resultado ainda veio a admitir uma flexibilidade em sua utilização, mobilidade permitida pelos espaços abertos ou semi abertos, aproximando-o de uma implantação como " tábula rasa", permitindo a transformação de seus espaços no decorrer do tempo.
O conjunto estrutural definido por pilares, vigas e laje poderia permitir a qualquer tempo alterações nas posições das paredes divisórias, ou eventualmente a exclusão de alguma delas.
A cobertura projetada a princípio com telhados foi substituída pela laje plana, que conferiu uma maior elegância à sua volumetria.
Embora com a grande amplitude das aberturas projetadas, o pé direito baixo e a vegetação que viria a ser incorporada aos jardins, conferiram à casa uma relação de luz e sombra responsáveis pelo conforto ambiental (visual), à exemplo de uma casa japonesa.
Essas pecularieddades somadas atribuem modernidade à residência, atendendo às intenções dos empreendedores para a disseminação dos conceitos modernistas à arquitetura do lugar, cabendo aqui lembrar a data do projeto (1976).
A setorização funcional dos ambientes, definida nitidamente em sua planta baixa garante acessos e atividades com independência, privacidade nos espaços onde se faz necessária, e não fica denunciada em suas fachadas.
Fica clara a influência exercida pelo próprio pai de Carlos Bratke, Oswaldo Arthur Bratke, um dos principais arquitetos da moderna arquitetura brasileira, e se torna possível a comparação de alguns elementos dessa casa , como a integração coim a paisagem, a lógica construtiva racional, a composição de espaços abertos e semi-abertos, a volumetria criada com a cobertura plana, elementos e pecularieddades também verificados na " Residência e Estúdio no Morumbi", projeto de 1951 do veterano Bratke , residência de sua família.

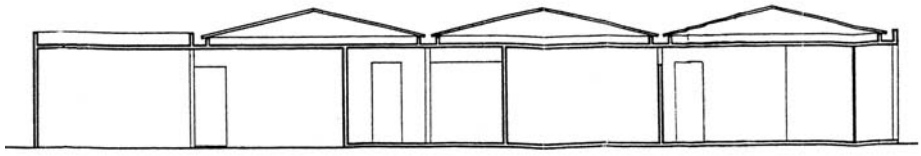




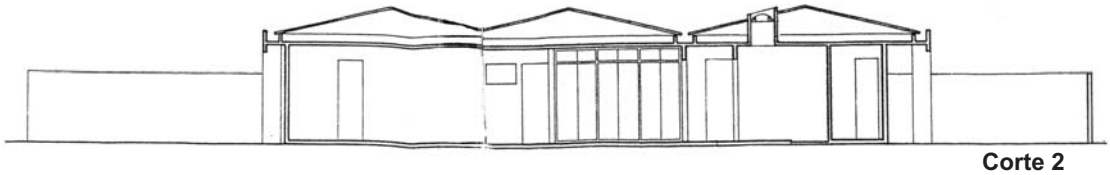
Fonte das fotos: F Albuquerque do livro:
Oswaldo Arthur Bratke
Hogo Segawa / Guilherme Mazza Dourado,
São Paulo: ProEditores,1997

Materiais Usados:

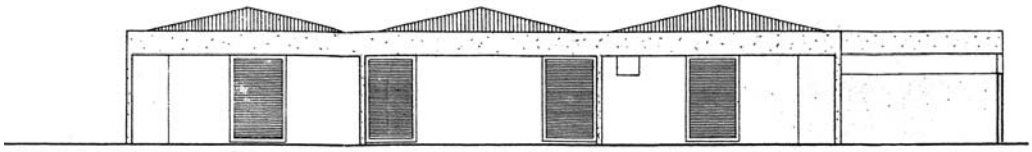
A combinação dos materiais empregados na construção produz o efeito de incorporar a residência na paisagem. Tijolos aparentes em suas fachadas, as aberturas que permitem a luz moderada perpassar do vazio interior para fora ou em sentido inverso numa transparência equilibrada, as diferentes texturas dos revestimentos, a estrutura revelada em sua forma natural, são elementos que resultam em luz e sombra que fazem confundir os limites de seu espaço construído com a vegetação do entorno.
Com rigor na busca da simplicidade dos materiais empregados, isenta de artifícios, e no respeito à racionalidade construtiva, o projeto buscou sua valorização conceitual , assumindo valores modernistas e se firmando como referência no loteamento.



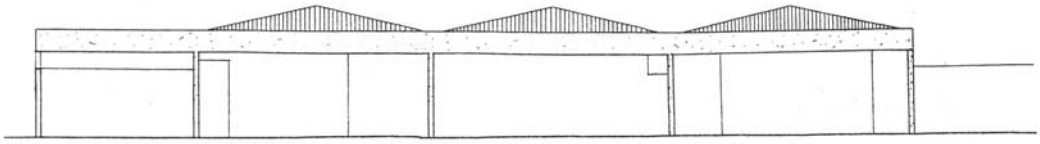
Corte 1



Corte 2



Fachada Frente



Fachada Fundos

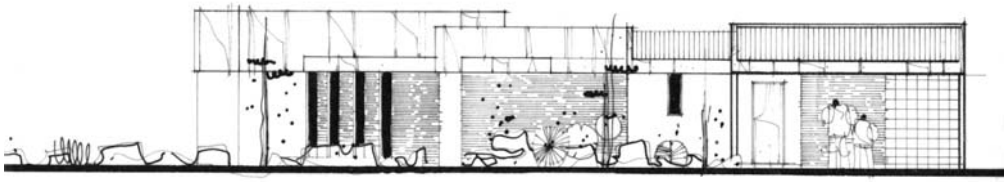
Espaço Habitado:

Ao projetar uma casa para estabelecer referência no loteamento mas sem a determinação do perfil de seus futuros moradores, o arquiteto pode desenvolver suas idéias sobre as relações entre as contemporâneas formas de viver e sua maneira de projetar o espaço doméstico. Assim o destino dessa moradia, poderia naturalmente abrigar seus ocupantes ou de outra forma os forçaria a uma adaptação a seus espaços.
O resultado criado claramente propõe uma vivência prática, despojada, com capacidade para mudanças e adaptações, de forma a entender a existência nos objetivos de fruição do cotidiano, nos fatos corriqueiros, e sobretudo na convivência de seus ocupantes.
Após uma curta permanência do primeiro proprietário a casa foi vendida e ocupada por mais de vinte anos ao atual proprietário antes que a submeteu a uma reforma . A análise dessa reforma segue adiante, neste mesmo capítulo sob op título : “ Residência Pedro Nolasco”.

RESIDÊNCIA LUIZ ANTONIO RIVETTI
ALPHAVILLE RESIDENCIAL 1
BARUERI

ANO 1978
Alameda Grécia 195
Projeto de Arquitetura e Responsabilidade
Técnica de obras: Arquiteto Osmar Antonio Mammini
Projeto de Estruturas:
Área do terreno: 734 m2
Área construída : 247 m2
Fotos: Caio Guatelli

Autor do Projeto:
Os proprietários já mantinham um relacionamento estreito com o arquiteto Osmar Antonio Mammini , autor de vários projetos para a família Rivetti, tradicional e numerosa no bairro da Lapa na região oeste da cidade de São Paulo. Dessa forma a escolha desse profissional já estava implícita no momento da aquisição do terreno.



Entorno:

O lote bem próximo ao muro que fazia o contorno do residencial , num trecho limítrofe a uma área rural à época do projeto, no início de quadra ainda quase sem ocupação, e localizada distante da portaria , com proximidade ao clube dava a esse tempo a impressão de que essa residência estaria inserida num loteamento de campo destinado a casas de lazer , aos moldes dos *country clubs* argentinos.

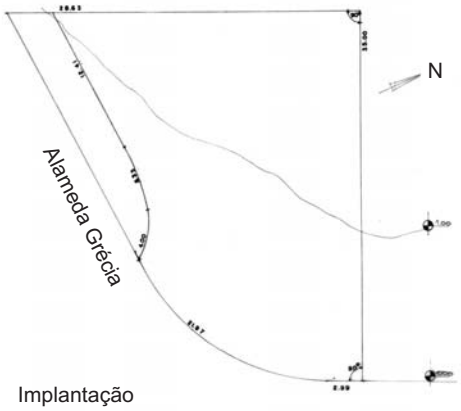
Implantação:

O terreno quase num plano horizontal, com frente para a Alameda Grécia ,onde essa apresenta um traçado em curva, induziu um projeto que respeitando os recuos legais, acompanhou o traçado da rua.

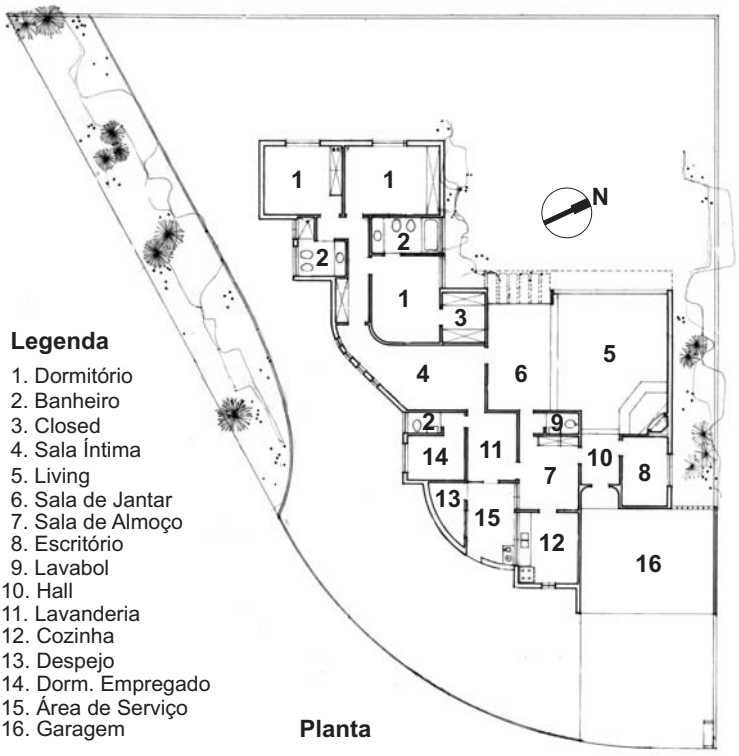
A pedido dos proprietários o projeto definiu a ocupação num único pavimento (térrea) com as áreas de serviço voltadas para a rua e as áreas sociais e dos quartos para o fundo , onde estaria a área verde . Essa preocupação suplantou os estudos para uma melhor orientação da residência visando o conforto térmico.

Os acessos se concentram num mesmo local, após a curva quando o terreno já se alinha com a reta em que segue a Alameda Grécia, pedestres e veículos concorrem simultaneamente .

O único bloco construído definido pela curva dos limites frontais do lote e pela justaposição das áreas sociais, de serviços e íntima tem sua volumetria valorizada pelos diferentes planos de telhados que ora ficam aparentes, ora se ocultam porem permanecendo intencionalmente denunciados nos recortes de sua alvenaria e estrutura de concreto.



Implantação



Legenda

1. Dormitório
2. Banheiro
3. Closed
4. Sala Íntima
5. Living
6. Sala de Jantar
7. Sala de Almoço
8. Escritório
9. Lavabol
10. Hall
11. Lavanderia
12. Cozinha
13. Despejo
14. Dorm. Empregado
15. Área de Serviço
16. Garagem

Planta

Espaço:

Um programa bastante simples para o casal e seus dois filhos , e depois um terceiro : três dormitórios distribuídos a partir de uma saleta, um mesmo espaço para a sala de estar e de jantar, uma pequena sala de almoço, cozinha e lavanderia, além de um escritório logo à entrada e a garagem .

As áreas sociais , estar e jantar, voltadas para o fundo, orientadas para oeste deveriam ser sombreadas por pergolado ou um terraço coberto, mas acabou recebendo somente a proteção de um toldo de tecido. Evitou-se também não abrir os dormitórios para a face frontal do lote.

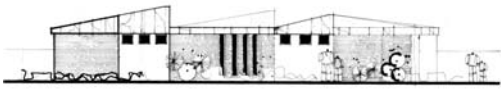
A planta conseguiu atender o programa de necessidades , respeitando as limitações ecomômicas da família à época do projeto e ainda maximimizar a área verde ao fundo . Para isso houve uma estreita relação de entendimento entre os proprietários e o arquiteto que conseguiram definir um projeto que recebeu detalhamento minucioso para ser seguido sem alterações durante toda a obra de construção.

Embora se assentando cim algum peso sobre o terreno, sua arquitetura não chega a ser austera. Sem abusar de soluções complexas, o jogo de volumes ditado pelas coberturas lhe confere certa contemporaneidade.

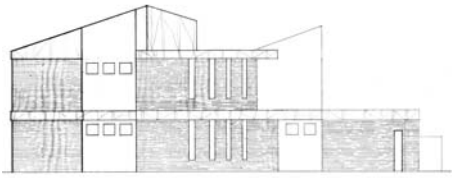
Materiais usados

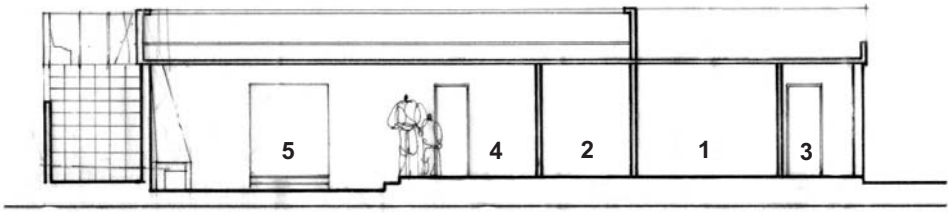
A fachada com paredes de tijolos aparentes se alternam com paredes revestidas com reboco e pintadas. Acima delas pequenas empenas de concreto, que também permanecem aparentes definem os volumes criados pelos planos de telhados. A estrutura de concreto e os tijolinhos permaneceram expostos no interior da residência em suas áreas sociais , assim como desejavam os proprietários e ainda atendendo suas solicitações o arquiteto utilizou forro de pinho de riga para os tetos definidos pelas lajes inclinadas , que com a porta de acesso principal original de alguma construção rural do século XIX, conferiram harmonia a essa habitação que assumia *status* entre o urbano e o rural, tal como desejavam seus moradores.
A simplicidade na escolha de materiais para os revestimentos de pisos e paredes como pedras (ardósias), cerâmicas e assoalhos de tábuas , além de atender um orçamento programado contribuiu para a unidade do partido adotado.

Fachada Original



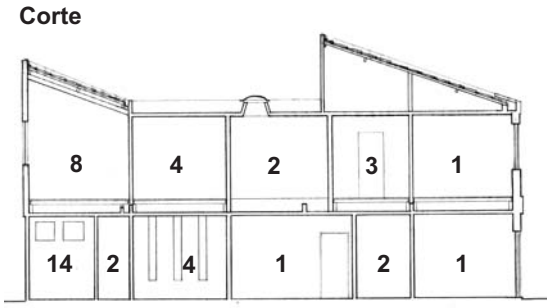
Fachada após Reforma





Corte

1. Dormitório
2. Closed
3. Circulação
4. Sala de Jantar
5.Living



Espaço habitado:

Mesmo com a chegada de um terceiro filho, a residência desempenhou com eficiência sua função ao longo dos dez primeiros anos de ocupação. Mesmo com todas as transformações do local , com o crescimento dos filhos e as alterações normais da dinâmica familiar sua espacialidade contribuiu para o convívio de familiares e amigos.

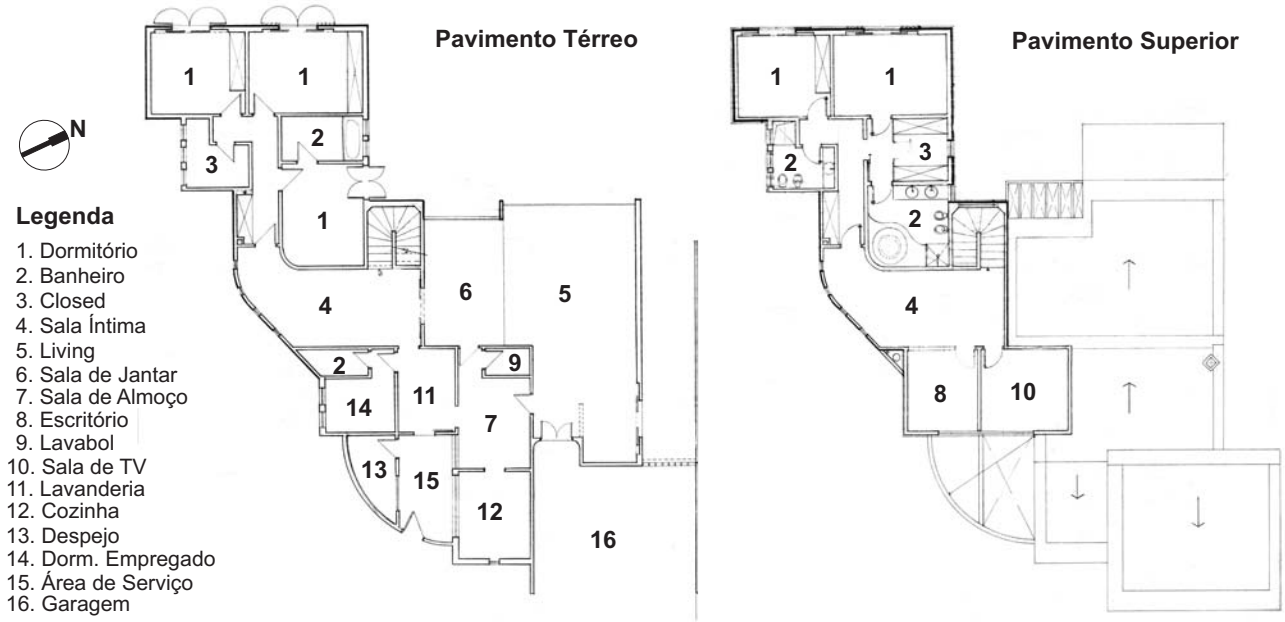
Com a evolução econômica da família e a valorização imobiliária de Alphaville, num instante em que a requisição por espaços mais amplos com os filhos já na adolescência, os proprietários solicitaram ao mesmo arquiteto um projeto de ampliação.

Sobre a parte íntima e de serviços foi adicionado um Segundo pavimento, fazendo crescer a área construída para quase 380m2. Procurou-se manter intacta a forma em sua parte social, como também no partido arquitetônico.

Adaptou-se assim para um novo programa de necessidades , embora com prejuízo em sua volumetria.

Ainda que a ampliação tenha lhe conferido uma adequação aos padrões comerciais atuais dos imóveis em Alphaville, o programa inicial hoje, com a saída dos filhos (que se casaram) estaria de bom tamanho.

Essa ampliação poderia ter sido evitada, mesmo que por um período os espaços construídos fossem exíguos para a família. A casa ganhou novos espaços mas perdeu na qualidade arquitetônica, no jogo de volumes de seus telhados, na solução precisa de sua planta. Podemos incluir aqui a função do arquiteto na análise do confronto das reais necessidades familiares e das aspirações momentâneas dos clientes e assim poder interferir ou contribuir para uma decisão apropriada.



RESIDÊNCIA THOMAZ DIRICKSON
ALPHAVILLE RESIDENCIAL 1

ANO 1978, 1979
Alameda Suécia 388
Projeto de Arquitetura e Responsabilidade Técnica de Obras: Arquiteto Hector Juan Arroyo
Projeto de Estruturas:
Área do Terreno: 645,69 m2
Área Construída: 312,24 m2
Fotos:Caio Guatelli

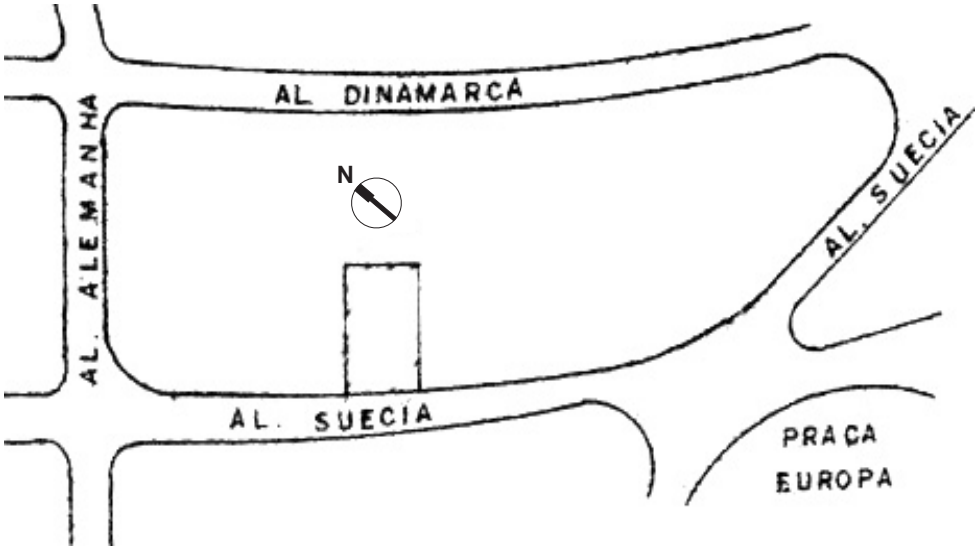
Autor do Projeto:

O casal proprietário, Thomaz e Alice, já conheciam o arquiteto Hector Juan Arroyo que havia executado o projeto da residência da tia de Thomaz em São Roque. Ambos gostavam muito dessa casa.
O arquiteto de nacionalidade argentina era nessa época professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie.

Entorno:

O lote à Alameda Suécia foi adquirido em 1973, no lançamento do empreendimento imobiliário Alphaville Residencial (a referência com o número 1, viria mais tarde depois da implantação de um segundo loteamento residencial em Alphaville).
Os proprietários optaram pela região pela possibilidade de se habitar num espaço maior e com área verde, pois moravam num apartamento de dois dormitórios na Chácara Santo Antônio, na Cidade de São Paulo, e nessa data tinham dois filhos pequenos. Um terceiro veio a nascer em Alphaville.

Dessa forma o entorno com lotes vazios e muita área verde era o que realmente interessava ao casal. Ambos trabalhavam na capital, nas proximidades da marginal do Rio Pinheiros, que embora distante de Alphaville , o tempo de percurso para esse deslocamentonão era significativo (o trânsito sempre fluia bem na Rodovia Castelo Branco). Assim , mantendo um vínculo estreito com a cidade, o fato de que o local ainda ser quase não habitado não representava para os proprietários um fator negativo para a implantação de sua residência ali.



Implantação:

A primeira solicitação ao arquiteto foi para que a casa tivesse uma pequena área de ocupação, que fosse alinhada no recuo legal da frente do lote de modo a maximizar a área verde para um quintal atrás da residência. Assim foi implantada a casa utilizando um partido bastante compacto, num lote padrão de meio de quadra , com medidas aproximadas de 20m de frente por 33m nas laterais, fechando com 18m ao fundo.

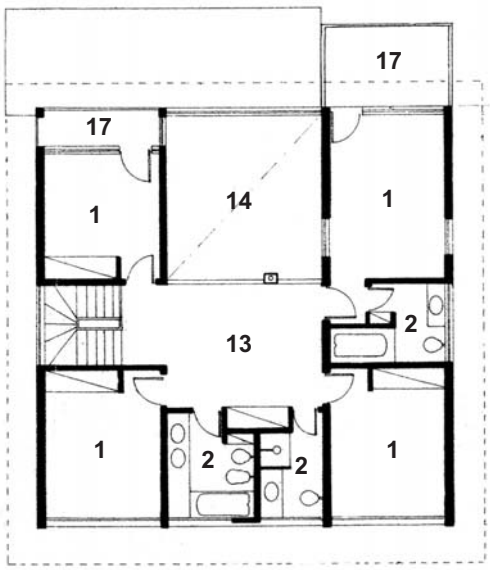
Na sua simplicidade apresenta um bloco quase quadrado, com dois pavimentos, coberto com telhado tradicional de duas águas. Para garantir sua estanqueidade, usou dos dispositivos legais, encostando a garagem num de seus limites, e na outra lateral, um muro com 2 metros de altura para fechar o páteo de serviços (as normas locais não permitem muros nos 6 metros de recuo frontal).

Com essa implantação a casa reservou uma área para o quintal ao fundo na largura total do terreno e com 14 metros de comprimento, atendendo os desejos dos proprietários.

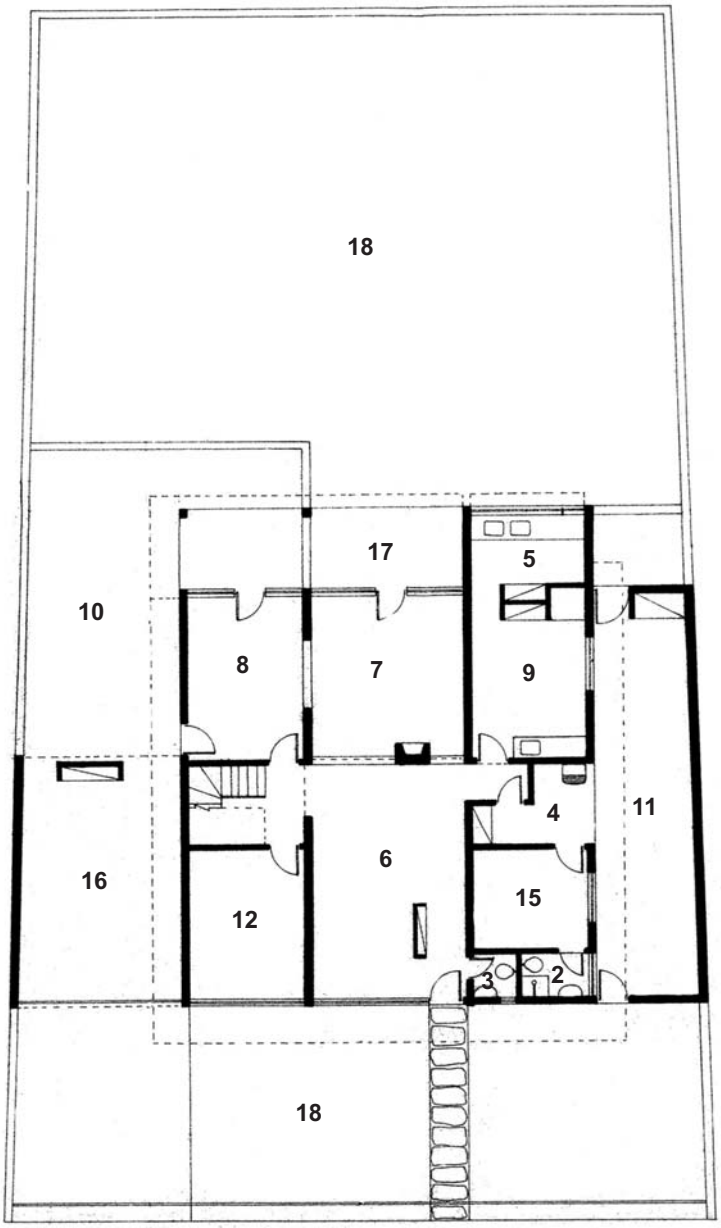
No pavimento inferior a sala de estar, e no pavimento superior a suite do casal e um dos dormitórios ficaram orientados para o Nordeste, voltados para a parte posterior do lote. Para a fachada frontal o projeto promoveu empenas quase cegas, interrompidas por pequenas aberturas horizontais, janelas com 40 cm juntas à laje de teto no pavimento térreo e banheiros, e por janelas convencionais para os dois dormitórios da frente no pavimento superior. Dessa forma a residência se abriu para o fundo não procurando nenhuma integração com a via pública.

Legenda

1. Dormitório
2. Banheiro
3. Lavabo
4. Lavanderia
5. Cozinha
6. Sala de Jantar
7. Sala
8. Saleta
9. Copa
10. Pateo
11. Pateo de Serviço
12. Escritório
13. Hall
14. Vazio
15. Dorm. Empregada
16. Garagem
17. Terraço
18. Jardim



Superior



Térreo

Espaço:

Em sua compacidade, a casa abriga no térreo as salas de estar e jantar, escritório e uma outra pequena sala, além da copa, cozinha e dependências de serviços . Lhe confere pé direito duplo à sala de estar, para onde se abre o *hall* de distribuição do pavimento superior. Nesse segundo pavimento, superposto ao primeiro com exatidão e rigor, está locada a parte íntima: quatro dormitórios com dois banheiros, sendo um exclusivo do quarto do casal.

Os cômodos com medidas racionais e locados numa sequência funcionalista caracterizam os objetivos práticos desse projeto que compartimentou o espaço com rigor restritivo para que cada ambiente desempenhe sua atribuição, sem devaneios ou multiplicidade de usos. Dentro do formalismo convencional de uma casa urbana, fechada, o detalhamento seguiu rigorosamente não abusando de artifícios decorativos ou adornos, que lhe conferem uma arquitetura que poderíamos caracterizar como honesta e correta para os anseios de seus proprietários, o casal, êle de origem nórdica e ela asiática.

Materiais Usados:

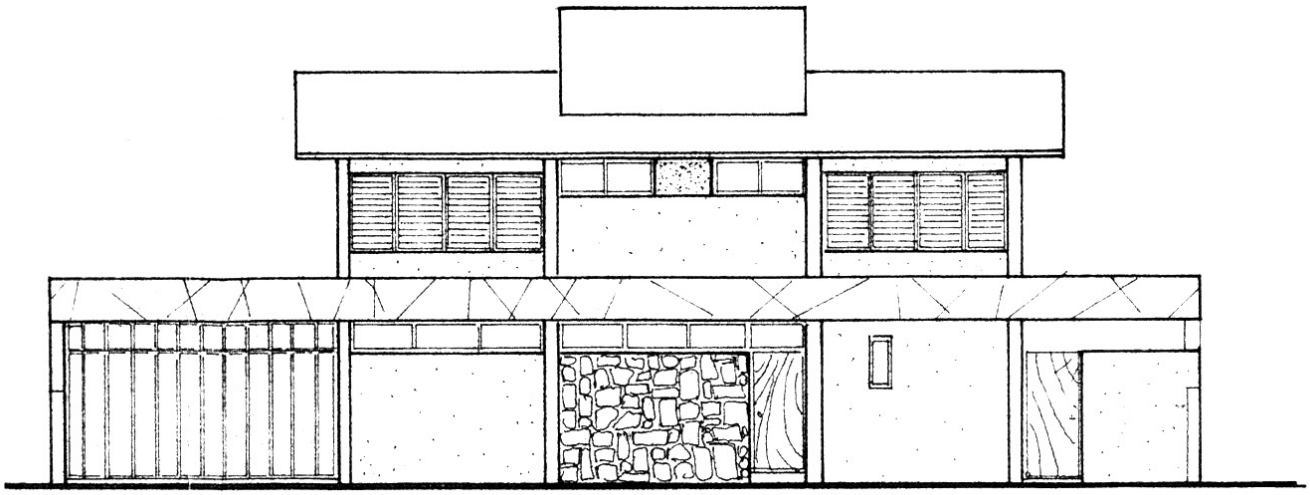
A fachada principal denuncia sua estrutura de concreto com vigas e colunas revestidas com argamassa que simula o concreto aparente e define os quadros de alvenaria definidos pelo projeto estrutural, resultando em três quadros para cada pavimento.

O revestimento com reboco e pintura se alterna tanto horizontal quanto verticalmente. Para os outros quadros utilizou-se revestimento com pedras (no centro ,no térreo) e janelas de madeira nos quartos (quadros laterais no pavimento superior) , conferindo uma dinâmica ao xadrez criado pelos elementos estruturais. A parede com pedras junto à porta de entrada procura atribuir um status mais nobre ao acesso pricipal.

Na altura da laje de cobertura do primeiro pavimento, a meia altura do volume total, a viga de concreto se extende até os limites laterais do lote, expandindo a fachada principal.

Para a cobertura foram utilizadas telhas cerâmicas, tipo capa e canal que completam os elementos da fachada principal.

Seguiu-se dentro do mesmo padrão de simplicidade para a definição dos outros materiais de revestimentos, como pisos cerâmicos e azulejos lisos, que bem assentados asseguraram o partido com uma linguagem harmônica e cautelosa.



Fachada Principal

Legenda

1. Dormitório
2. Banheiro
3. Lavabo
4. Lavanderia
5. Cozinha
6. Sala de Jantar
7. Sala
8. Saleta
9. Copa
10. Pateo
11. Pateo de Serviço
12. Escritório
13. Hall
14. Vazio
15. Dorm. Empregada
16. Garagem
17. Terraço
18. Jardim

Cortes Transversais

Espaço Habitado:

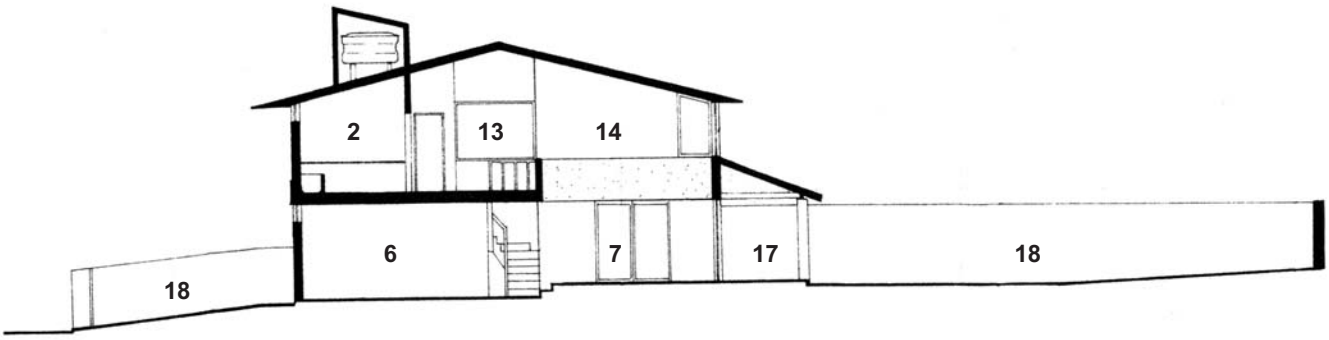
A arquitetura dessa residência deve ser compreendida a partir do desempenho funcional para essa família, que exemplarmente sabe viver o social, se recolher, respeitar os limites da boa convivência e atender a quem necessita.

Embora com origens distintas, culturas diferentes, o casal apresenta traços em comum quanto ao uso dos espaços residenciais . Em tantos anos a família teve um histórico normal e bem sucedido como se pode esperar para a classe média: filhos que crescem, se mudam, o casal que trabalha , depois se aposenta, e que conquistando certa estabilidade financeira viaja e explora a vida de forma saudável. Mesmo com tantas alterações no modo da vida transcorrida nessa residência, por hábitos conservadores , os espaços não sofreram intervenções além das manutenções necessárias. O mobiliário também resistiu ao tempo, os objetos relatam a história da família.

Se em algum momento as áreas se mostraram resumidas para a família, hoje a área da casa extrapola as necessidades do casal , mas que pelos seus hábitos práticos , não demonstra nenhuma insatisfação com o espaço ocioso dos quartos desocupados ou pelo excesso de seus trezentos metros quadrados de área construída.

Com jardim e quintal dotados de vegetação frondosa o conjunto se apresentou fiel aos propósitos de aproximação seus ocupantes às atividades de jardinagem. Atividades essas que foram valorizadas nessa fase da vida em se tornar motivo de aproximação social em grupos orquidófilos ou paisagísticos.

Enfim a casa representa o abrigo prático e estável onde a vida se desenvolve em segurança além de promover abrigo e proteção.



Corte Longitudinal

RESIDÊNCIA MAURO GUATELLI
ALPHAVILLE RESIDENCIAL 1
BARUERI

ANO 1979/1980
Alameda Suécia 428
Projeto de Arquitetura: Arquitetos José Sales Costa Filho e Tamara Roman
Projeto estruturas e responsabilidade técnica de obras: Engenheiro Mauro Guatelli
Área do Terreno 647 m2
Área Construída 266 m2
Fotos: Caio Guatelli

Autores do Projeto:
José Sales Costa Filho eTamara Roman, arquitetos contemporâneos da FAU USP, formados em 1976, integravam juntamente com os arquitetos Marcelo Suzuki, Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, a equipe do Atelier Vila Madalena à época da elaboração deste projeto.

Entorno:

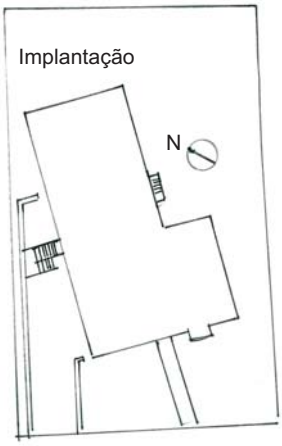
Em 1979 o loteamento Alphaville Residencial 1 era ainda incipiente, poucas casas construídas,os lotes vazios davam a ilusão de uma extensa área verde.

A Alameda Suécia , uma via que partia da rotatória logo à entrada do residencial, se apresentava dentro do traçado viário do loteamento como opção para acesso ao seu interior .

A princípio os usuários dessa via rompiam com a sensação desértica do local, provocando assim um olhar de interesse para a via pública, na possibilidade de algum relacionamento social.

Implantação:

Esta casa, de partido compacto, foi concebida para um lote com configuração convencional retangular com 650 m2 aproximadamente(18,5m x 35m).

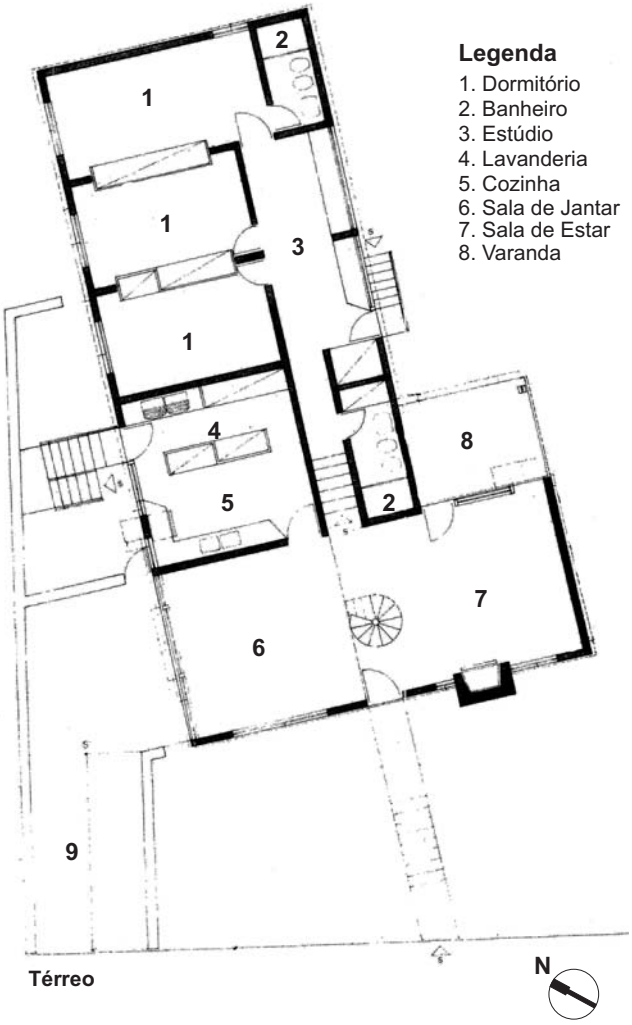


Inferior

A implantação não ortogonal ao terreno possibilitou um quintal maior que poderia ser desfrutado a partir da sala de estar e sua varanda como também do corredor dos dormitóros. Permitindo assim a fruição do visual paisagístico a partir de todos os ambientes de longa permanência .
O projeto acomoda a construção sobre o perfil natural do terreno , em aclive para os fundo, utilizando-se diferentes cotas para as áreas íntima, social e de serviços.. Através de escavações criou-se um pavimento inferior onde foram distribuídas as dependências de empregada e garagem.
O acesso à garagem, no pavimento inferior, foi favorecido pela não ortogonalidade da residência em relação ao traçado da rua, de forma a permitir maior espaço para as manobras dos veículos.
A compacidade da construção fica definida por cinco módulos estruturais em sequência, com os dois primeiros módulos de 5m de largura , desenvolvidos para os pavimentos térreo, superior e inferior, destinados à parte social e serviços ficando os dormitórios e banheiros nos três outros módulos com eixos a cada 3,30m. A simplicidade e funcionalidade ficam de certa forma garantidas pela própria organização estrutural.

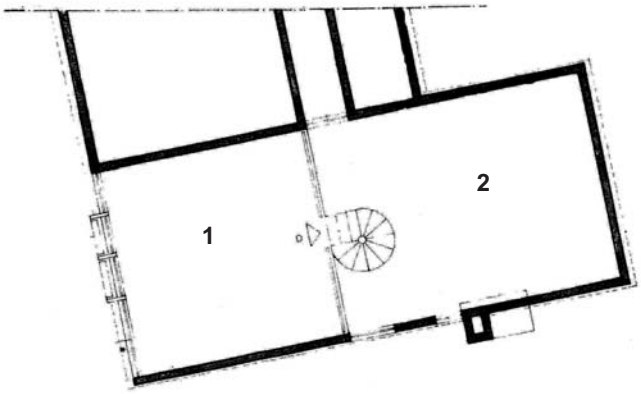
Espaço

A residência definida num único bloco, com quatro diferentes cotas apresenta dois acessos: um principal diretamente ao espaço da sala, logo à frente da escala helicoidal que interrompe o volume único das salas, criando uma área de acolhimento (*hall).*
A outra entrada acontece a partir do pavimento inferior através de uma escada externa que acessa a cozinha.



Legenda
1. Dormitório
2. Banheiro
3. Estúdio
4. Lavanderia
5. Cozinha
6. Sala de Jantar
7. Sala de Estar
8. Varanda

Térreo



Legenda
1. Mezanino Estar
2. Pé Direito Duplo da Sala de Estar

Mezanino

Os rasgos na parede de empena da fachada voltada para a rua, como janelas niveladas na cota do piso, garantem a visualização do passeio público , atendendo os desejos dos moradores para integração com a vizinhança.
As salas, varanda e o mezzanino se abrem para todo o entorno, o pé direito variável e as aberturas citadas criam um espaço muito agradável.
A cozinha e área de serviço ficam integradas para garantir a condição de proximidade solicitada pelo casal, preocupados com os filhos pequenos.
O corredor de distribuição na área íntima ganhou uma largura maior possibilitando ali a criação de uma área de estudos.
Os armários substituem as paredes na separação dos dormitórios.
O conforto térmico fica garantido principalmente para os quartos a partir de sua orientação para o Norte.

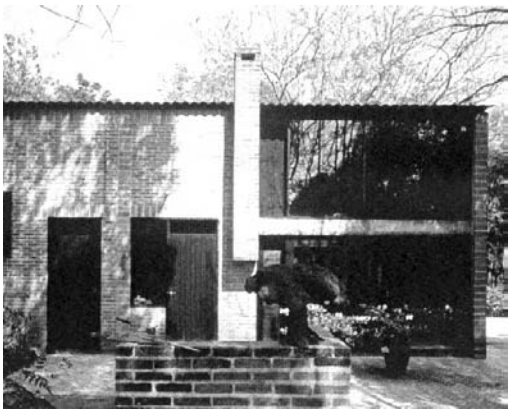
Materiais Usados

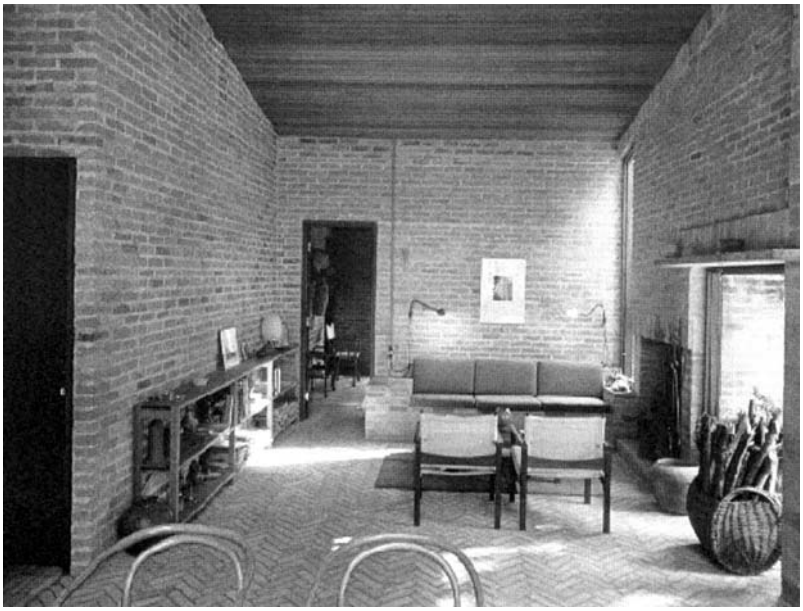
Os arquitetos definiram a alvenaria de tijolos aparentes demonstrando o processo construtivo em todas as paredes externas e nas faces internas das paredes das salas de estar, jantar e mezzanino. A estrutura nos dois primeiros blocos, onde a construção possui maior altura foi executada em concreto armado, com pilares dimensionados para que ficassem embutidos na alvenaria, exigindo cuidados especiais em sua execução. Para os outros três outros blocos foi definida uma alvenaria com função estrutural.

A simplicidade foi mantida pela exposição dos elementos cerâmicos da laje pré fabricada no teto da sala de jantar, nas marcas das formas executadas com madeira reutilizadas para o concreto dos muros de contenção nas rampas de acesso ao pavimento inferior, na cobertura com telhas de barro do tipo capa e canal, na caixilharia convencional de madeira e também no uso de azulejos e pisos cerâmicos. O assoalho de madeira nobre mesmo constratando com a simplicidade dos outros materiais não rompe com essa sofisticada harmonia , ainda favorecida pela transparência da edificação.

Janelas e portas garanharam a proteção de pingadeiras de concreto que assumem também a função de molduras para as aberturas. Duas chaminés, uma para a lareira e outra para a coifa se soltam das paredes criando outros volumes e proporcionando riqueza de detalhamento e valorizando a volumetria do conjunto.

Pode-se notar forte influência do mestre ,o Arquiteto Joaquim Guedes tanto nos aspectos funcionais da residência, na sua linguagem límpida revelada esteticamente como também no detalhamento de suas pingadeiras, dos volumes das chaminés e no trabalho artesanal das paredes construídas com os tijolos expostos tal qual foram assentados.

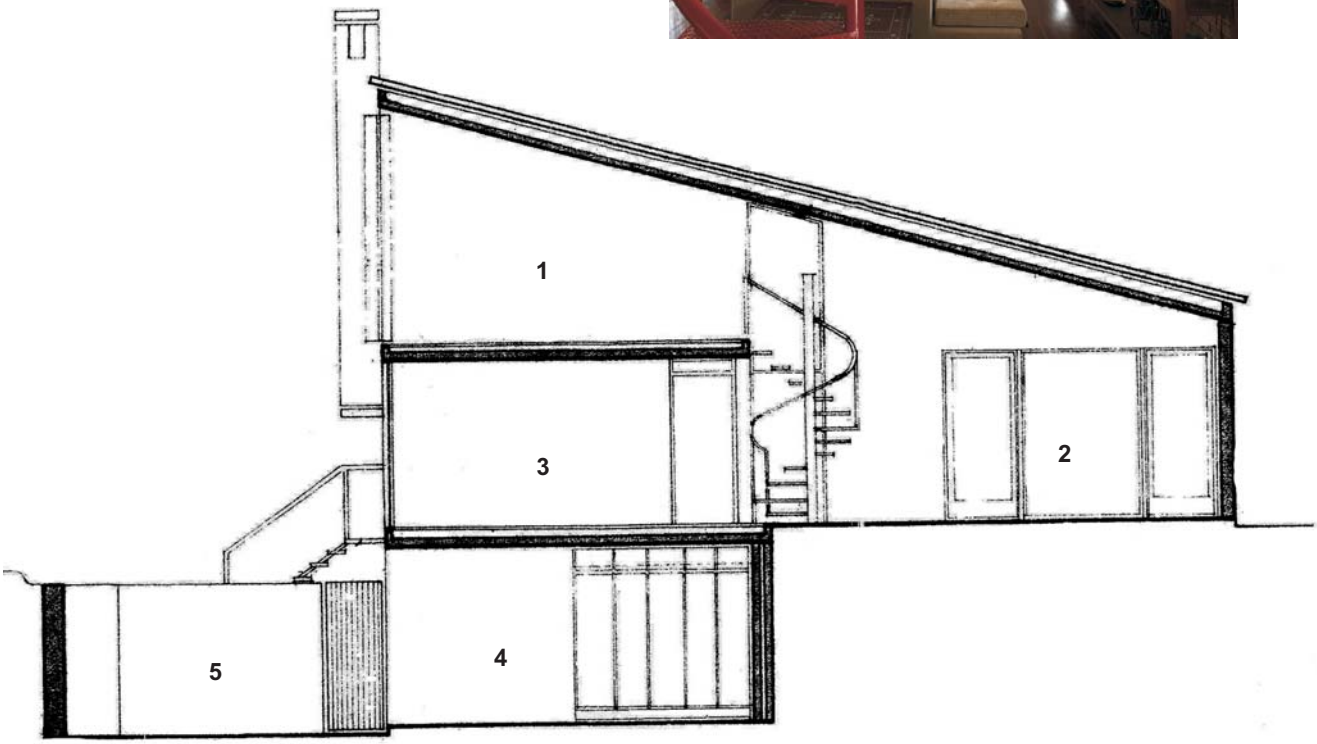




Espaço Habitado

A família ocupou a residência por 27 anos, os filhos cresceram, a dinâmica familiar percorreu várias etapas e a casa cumpriu seu papel adaptando seus espaços.
Nesse período a casa passou por duas reformas. A primeira após 12 anos de uso, com poucas alterações em seu programa, como a cozinha que foi ampliada incorporando a antiga área de serviço que foi transferida para uma edícula de serviços, a construção da piscina, a inclusão de uma área de churrasqueira, além da substituição de materiais de acabamento desgastados pelo pelo uso ou pela opção no uso de revestimentos mais nobres , mármores nos banheiros e granito na cozinha e forros de madeira para as lajes pré moldadas até então aparentes. A segunda reforma , além da manutenção necessária, ampliou a área do quarto do casal, incorporando o espaço do segundo dormitório com a simples retirada do armário que dividia esses ambientes.
Enfim a casa atendeu as necessidades mutantes dos seus moradores, apresentou um conforto térmico satisfatório , criou laços de apego ao espaço , envolvimento emocional superado na decisão do casal em deixar Alphaville e voltar para a vida da cidade.
Para também incluir críticas ao espaço construído cabe citar o desenvolvimento diário das tarefas domésticas dificultado pelos desníveis entre a cozinha e as áreas de serviço e também com a área dos quartos. A garagem no pavimento inferior teve pouca utilização para o abrigo dos carros, fato devido à já citada diferença de cotas, os veículos frequentemente ficavam estacionados na via pública.

Legenda
1. Mezanino Estar
2. Sala de Estar
3. Sala de Jantar
4. Garagem
5. Acesso



Residência Vicente Battista Neto
Alphaville Residencial 2
Barueri

Ano Construção 1981/1982
Ano Reforma 2004
Alameda República Dominicana 126
Projeto de Arquitetura: Maria Gloria Battista
Responsabilidade Técnica de Obras: Engenheiro Antonio Carlos Tieghe/ Arquiteta Maria Gloria Battista
Área do Terreno: 578 m2
Área Construída : 357 m2
Área Ampliada : 440 m2

Autor do Projeto:

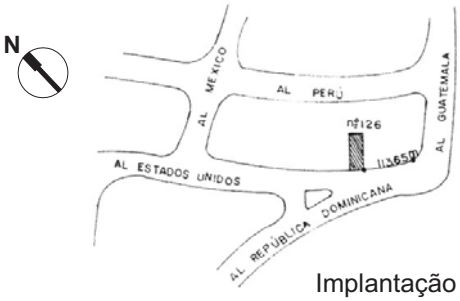
Filha de Vicente Battista Neto, a arquiteta Maria Gloria Battista, em 1981 cursava o curso de arquitetura da Faculdade Farias Brito em Guarulhos. Mesmo ainda no terceiro ano da escola elaborou o projeto para a residência da família e recorreu ao apoio do engenheiro contratado para a responsabilidade técnica de obras a fim de representá-la legalmente e orientá-la tecnicamente para isso.
Anos mais tarde, graduada e estabelecida em Alphaville desde o início de sua carreira profissional , a arquiteta se tornaria uma das profissionais mais atuantes na região.

Entorno:
A Alameda República Dominicana no Alphaville Residencial 2 nos primeiros anos desse loteamento já apresentava uma ocupação intensa, fato observado precocemente em relação às outras alamedas desse residencial. Seus lotes com áreas inferiores a 600 metros quadrados, relativamente de fácil acesso e proximidade com a portaria , além de apresentar topografia sem grandes desníveis , se tornaram atrativos para os primeiros compradores.

Antes da Reforma

O padrão da ocupação local apresentava uma homogeneidade em suas construções : áreas em torno de 400 metros quadrados, uma tipologia uniforme, sobrados ocupando os limites legais dos terrenos, acesso para veículos e garagens sempre à frente e no corpo da construção, ortogonalidade em relação aos terrenos, algum ecletismo no detalhamento de seus acabamentos, porém um mesmo caráter conservador das residências paulistanas dos bairros de classe média. Os moradores dessa alameda se apresentavam como um grupo mais coeso

Antes da Reforma



Implantação

Implantação:

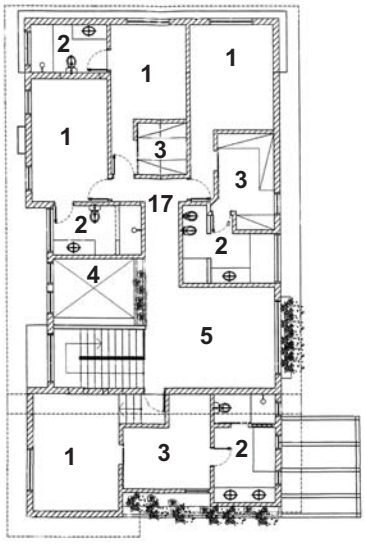
Para esse terreno padrão de centro de quadra, medindo 17 metros de frente , 16 metros no fundo e 35 metros nas laterais, com leve aclive da rua para os fundos, onde a cota natural está a dois metros acima do nível da rua, foi projetada uma construção com frente alinhada com a via pública no limite legal de sua implantação , obedecendo os 6 metros de recuo, e laterais também alinhadas nos recuos legaisas (2 metros) em ambos os lados. Somente no fundo do lote a construção deixou recuo ficou maior que o exigido pela regulamentação local. Assim essa casa, como as outras da vizinhança ,se projeta ortogonalmente no terreno e apresenta taxa de ocupação próxima ao máximo estabelecido pelo loteamento.
Ao bloco compacto que abriga a residência , onde estão locados seus ambientes de função rigidamente definidos se justapõe outra área como do pavimento térreo na parte da frente a fim de acomodar um abrigo de veículos e um pequeno escritório.

Dois telhados fazem a cobertura do bloco principal, com cumieira ao centro e inclinações para a frente e para o fundo. A cobertura do prolongamento do térreo , ficou definida a meia altura do corpo da casa seguindo a mesma inclinação da cobertura principal .
A construção teve seus níveis definidos a partir de pequenos ajustes no terreno, mas de forma geral seguiu a topografia natural do terrreno.

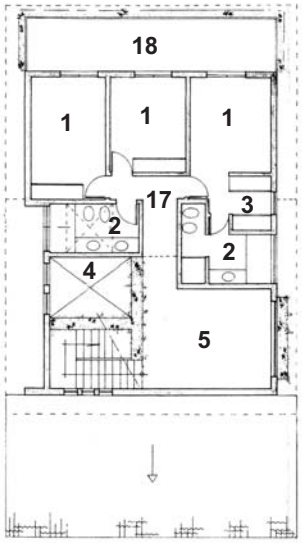
Espaço:

A distribuição setorizou rigorosamente as funções dessa residência. No térreo as áreas sociais e as áreas de serviços ocuparam espaços distintos separadadas por um eixo longitudinal com início e fim coincidentes com os limites do bloco principal, à esquerda os espaços sociais e à direita os de serviço.

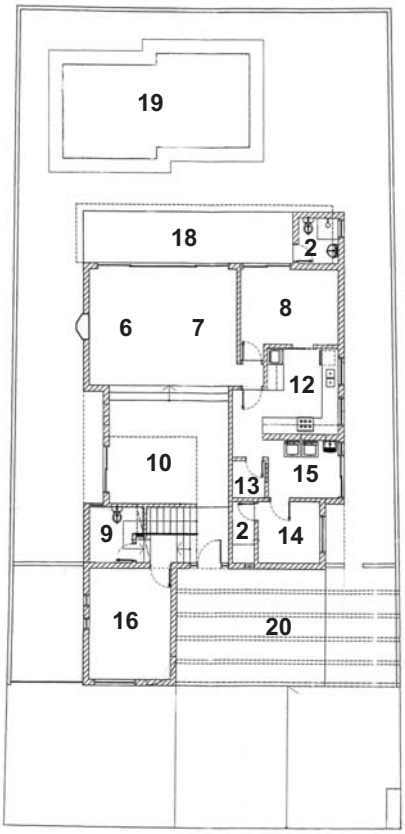
Logo no início do espaço do corpo da casa ficou a escada de acesso ao pavimento superior. Na sequência ficaram a saleta e ao fundo as salas de estar e de jantar, abertas para um terraço que acessa o jardim dos fundos com piscina .
No pavimento superior ficaram os ambientes íntimos: saleta, um dormitório com área de vestir e banheiro exclusivo, e outros dois dormitórios servidos por um segundo banheiro. Todos os quartos com orientação para o norte e abrindo para um terraço comum.



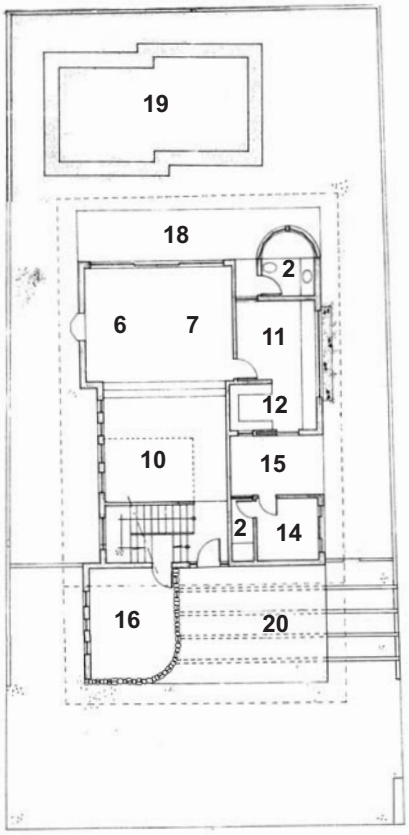
Planta Superior Atual



Planta Superior Anterior



Planta Térreo Atual



Planta Térreo Anterior

Legenda

1. Dormitório	6. Estar	11. Copa	16. Escritório
2. Banheiro	7. Jantar	12. Cozinha	17. Hall
3. Closet	8. Almoço	13. Despensa	18. Terraço
4. Vazio	9. Lavabo	14. Dorm. Empreg.	19. Piscina
5. Sala Íntima	10. Saleta	15. Área de Serviço	20. Garagem

N

O projeto de reforma se de alguma forma procurou atender as novas necessidades de seus moradores, também sinalizou a transformação ditada pela valorização imobiliária local e por critérios característicos do lugar , como os citados na dissertação de mestrado de Sandra Regina Roiphe: “padrões estabelecidos pelo mercado que expõem um individualismo crescente” (Roiphe,2007,p.127) e descritos tão bem na dissertação de Ricardo Marques Trevisan :

“ garagem para tres automóveis, sala de dois ambientes, escritório, lavabo, piscina com churrasqueira, copa, cozinha, lavanderia. No pavimento superior quarto suites com uma sala íntima.
(Trevisan,2006,p.45).

Assim a reestruturação da residência ,após pouco mais de 20 anos de uso, ampliou a área construída em 83 metros quadrados, incorporando mais uma *suite,* e transformando os quartos comuns em *suites* . Atualizou a fachada , substituiu os materiais de acabamento, numa intervenção que representa muito bem todo o processo de transformação das construções de Alphaville.

Essa e outras ampliações comuns no local , nitidamente denunciam uma extravagância nas áreas construídas, deixando para segundo plano a avaliação das reais necessidades . Sugerindo uma interpretação de espaços com fins específicos , sem considerar a imprevisibilidade dos fatos , portanto as possíveis alterações no programa de necessidades.

Materiais Usados:

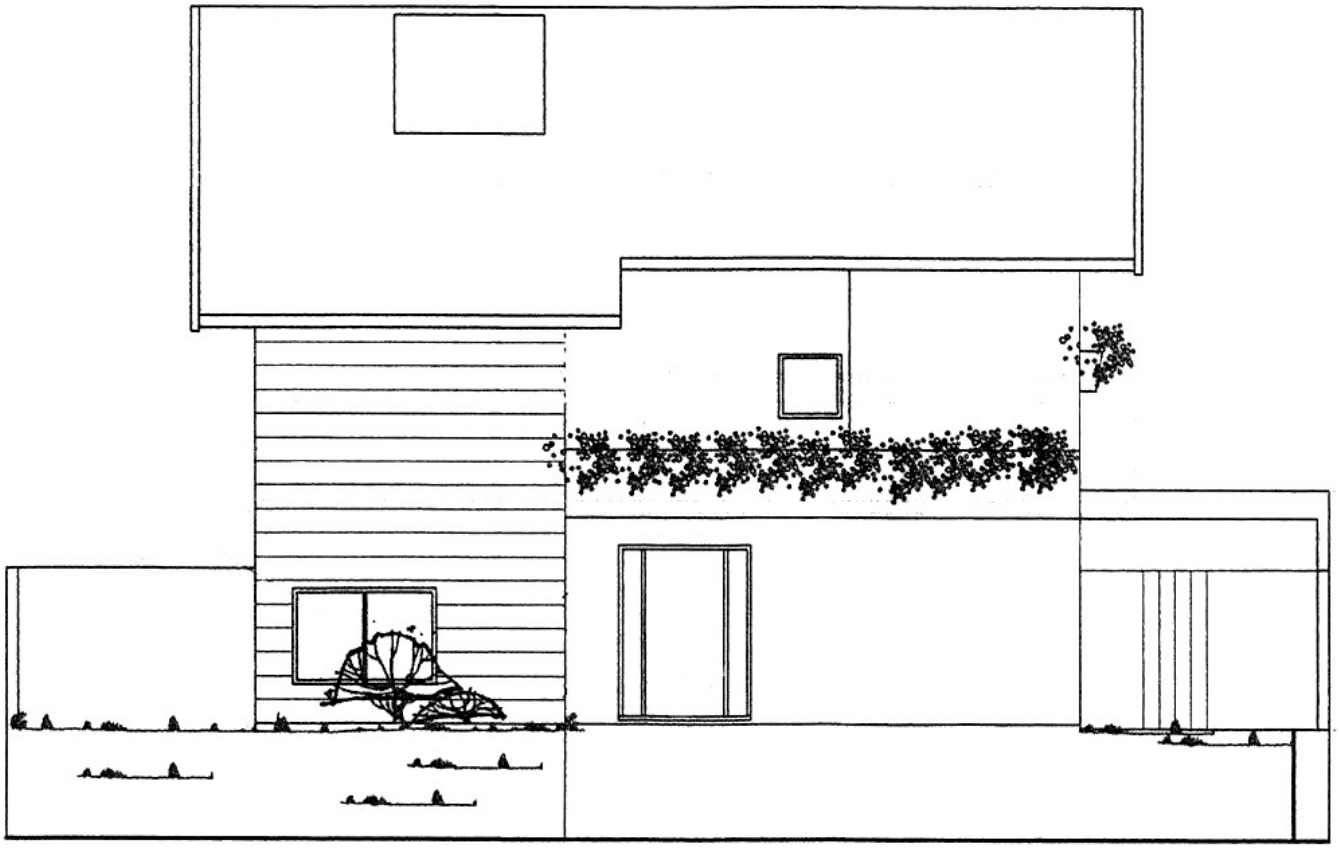
Para essa residência, a descrição de materiais utilizados antes e depois da reforma, permite fazer uma análise comparativa da própria evolução das construções em Alphaville, refletindo a valorização imobiliária local, as transformações dos modelos dessa ocupação e mesmo as tendências culturais dessa população.

Dessa forma esse exemplo pode ser entendido como um caso inserido na regra geral, e não como excessão. Materiais de custo maior, atualizados dentro das regras do mercado imobiliário, sugerindo especificações escolhidas em catálogos ou revistas destinadas a uma classe ascendente.

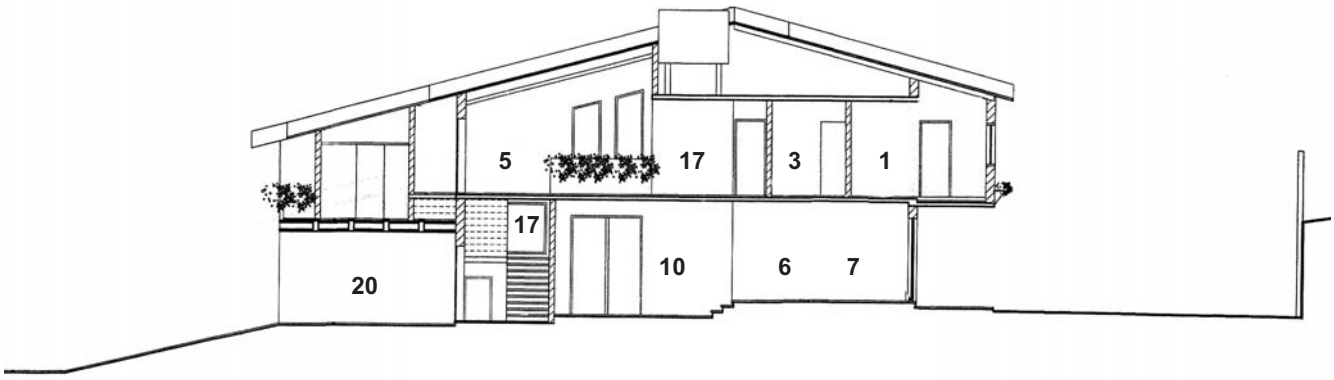
Verifica-se a substituição de materiais ainda que não exatamente pinçados de uma cultura vernacular, mas comuns aos processos construtivos regionais (à época de sua construção) como a argamassa pintada e os revestimentos com pedras na fachada, assim como a utilização de caixilhos de madeira e telhas de barro , por outros que caraterizam uma certa assepsia no detalhamento e na especificação , atendendo os critérios locais de atualização permanente das construções.

Nessa linha de ação, a fachada recebeu revestimentos combinando paredes de massa texturizada com outras em "canjiquinha" (filetes de pedras , arenitos ou quatzitos colocados em camadas horizontais), utilizou caixilhos de alumínio com pintura eletrostática na cor branca, telhas de concreto e ainda adaptou o jardim mais informal para os padrões paisagísticos de mercado.

Seguindo essa mesma linha de ação em outras reformas , verifica-se hoje no loteamento uma menor diversidade em suas fachadas , tornando suas ruas mais iguais, mais monótonas, o que na realidade revela a própria homogeneidade sócio-cultural-econômica da sua população.



Fachada



Corte

Espaço Habitado:

O projeto foi concebido para a residência da família de Vicente Battista Netto, um casal com filhos, incluindo na época a própria arquiteta Maria Gloria.
A distribuição das áreas seguia um modelo típico de ocupação para uma família de bom nível sócio econômico, com seus espaços de funções bem definidas, e dimensionamento generoso para tal, sem exageros e sem pretensões de exibição de poder ou status.
A casa acompanhou a história de evolução dessa família ao longo do tempo , com os filhos que casam, deixam a casa dos pais, seguindo um roteiro comum. Também na evolução normal da vida aconteceu o falecimento do Sr Vicente Battista Netto, e posteriormente na acomodação dos fatos, a arquiteta Maria Gloria Battista depois de alguns anos e então com filhos retornou a essa casa onde ainda habitava a sua mãe.
Para acolher os novos ocupantes, a própria arquiteta elaborou o projeto de reforma e ampliação incluindo aí um espaço para seu escritório.
Os critérios , já descritos anteriormente, seguiram as tendências de mercado . Cabendo, no entanto, por fim citar a satisfação de seus moradores com o espaço dessa residência.

Residência Marcos Sawaya Jank
Alphaville Residencial 1
Barueri

Ano 2003/2004
Alameda Espanha 88
Projeto de Arquitetura : Daniela Maria Amarante Mendes Jank
Responsabilidade Técnica de Obras: Eng. Antonio Estefan
Projeto de Estruturas:
Área do Terreno: 602,64m2
Área Construída: 419,46m2
Fotos: Caio Guatelli

Autor do Projeto:

A família à época do projeto estava morando nos Estados Unidos . O casal Marcos e Daniela tinham então dois filhos e planejando voltar ao Brasil adquiriram o terreno no Alphaville Residencial 1, onde Daniela por longo tempo morou com os pais.
A arquiteta, graduada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie em 1988, desenvolveu este projeto para a residência de sua própria família, focada como sempre imaginou a arquitetura ligada à natureza , ou como ela define, uma “bioarquitetura”, baseada nos princípios de redução das necessidades, de reutilização dos recursos naturais e de reciclagem dos materiais empregados.

Entorno:

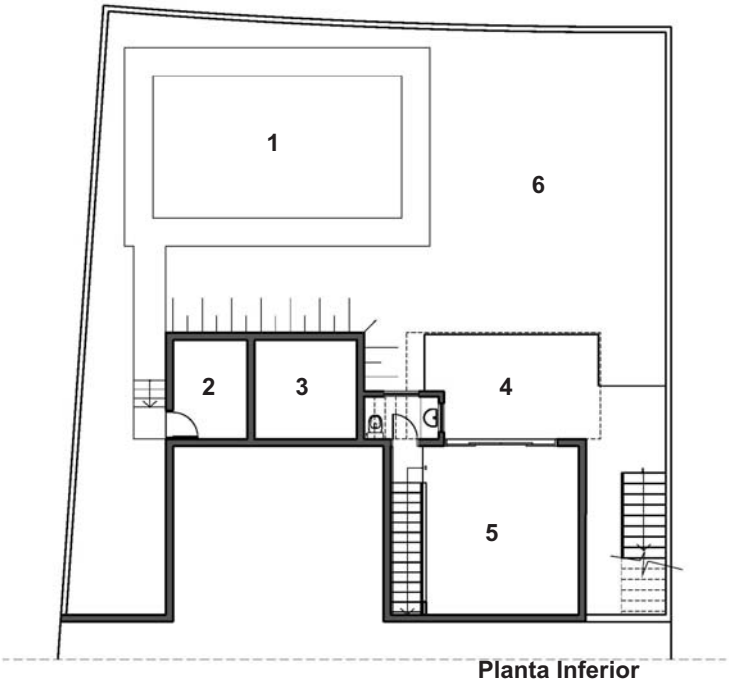
O Alphaville Residencial 1, em 2003 já se apresentava como um loteamento consolidado, com a maioria dos lotes já ocupados .
A valorização imobiliária local era refletida nas novas residências , maiores e de construções mais caras que as dos primeiros anos, além das muitas reformas e ampliações sendo executadas.

Especificamente, a Alameda Espanha sendo uma via de trânsito local, e com forte aclive , apresenta um baixo tráfego de veículos e pedestres, uma via quase exclusiva para seus moradores e funcionários. As casas voltadas para seus jardins internos ou quintais, não buscam interagir com a rua, fazendo lembrar o que disse Jane Jacobs em seu livro Morte e Vida de Grandes Cidades :

" Ninguém gosta de ficar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia". Um lugar muito calmo, de jardins bem cuidados , numa posição topográfica que permite o olhar se distanciar, porém monótono . Perfeito para alguns e de tédio para outros.

Implantação:

O terreno situado em encosta de montanha , com declive da rua para os fundos, apresentando desnível de 5 metros da cota, inspirou o projeto para a implantação dessa residência com tres pavimentos .
A cota do pavimento térreo foi definida pouco abaixo do P.M.G., ou seja um pouco abaixo do nível da rua, ficando a sala de estar numa cota ainda mais rebaixada buscando a proximidade com o perfil natural do terreno ao fundo do lote. A piscina foi projetada com a base apoiada diretamente sobre o terreno . Para a adequação das cotas no seu entorno foram utilizados aterros contidos por muros de arrimo, permitindo assim a integração direta dessa área de recreação com o estar, sem desníveis.
Em meio nível abaixo, um outro pavimento, com início na metade do comprimento do lote, onde as cotas do terreno já permitiam outra ocupação em suas cotas naturais, e para onde foram locadas sala de brinquedos, varanda, casa de máquinas e uma cisterna para armazenar as águas captadas nos telhados e também as águas para reuso (*gray water*).
Dormitórios e banheiros foram definidos no pavimento superior, que ocupa a área frontal da construção e segue até a linha onde se projetou o início do subsolo. Desta forma em nenhum instante temos um corte transversal com tres pavimentos.



Planta Inferior

Legenda

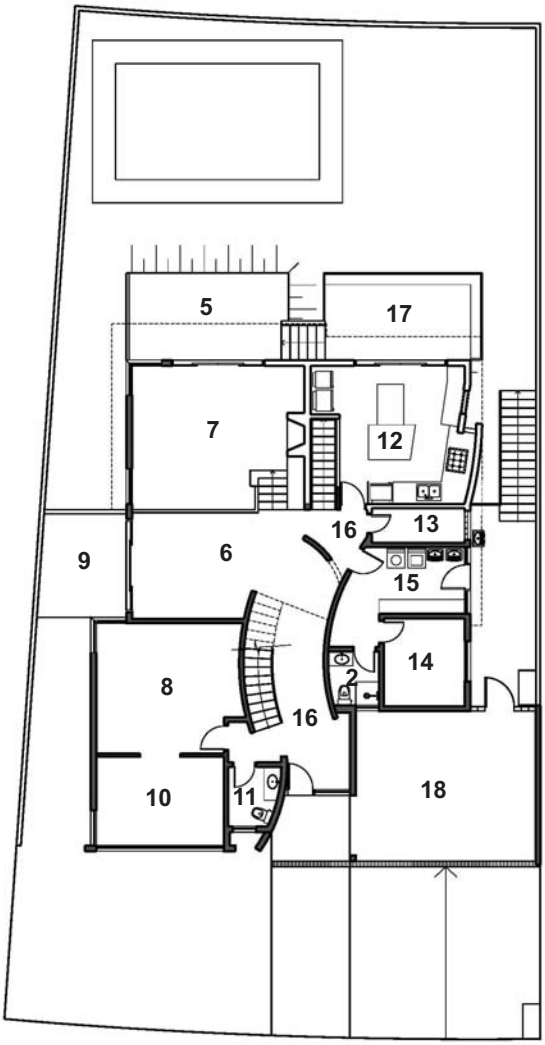
1. Piscina
2. Casa de Máquinas
3. Cisterna
4. Varanda Coberta
5. Sala de Brinquedos
6. Jardim

Implantação

Jacobs, Jane: Morte e Vida de Grandes Cidades- São Paulo, 2009,Editora WMF Martins Fontes- 2 ed. ,p.36

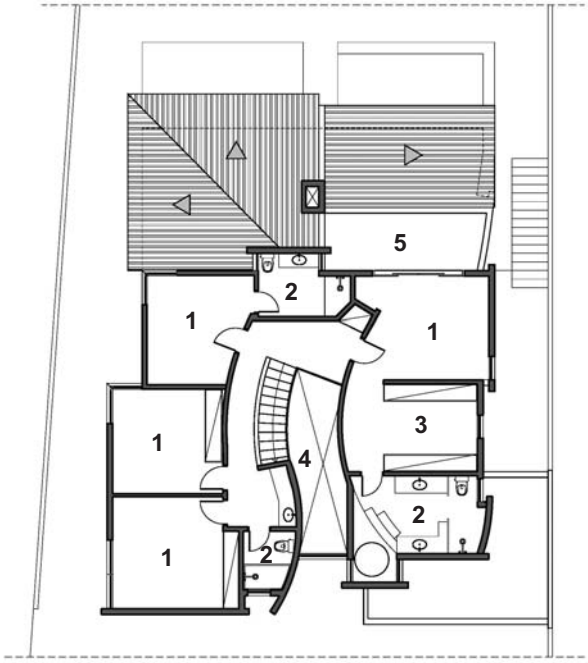
Espaço:
Para atender a família , casal com três filhos em idade infantil, com todas as implicações dos serviços decorrentes , considerando a mãe arquiteta, e já desejando retornar às suas atividades profissionais, porém com as exigências da sua presença diária em casa, e ainda considerando as possibilidades da condição sócio-econômica familiar, essa residência apresenta um programa extenso e conservador.
O quarto para o casal tem amplo banheiro e quarto de vestir. Esse aposento fica ainda favorecido por um terraço com vista para o vale e as montanhas. Outros tres dormitórios, um para cada filho , sendo o da menina com banheiro exclusivo e um outro banheiro atende os quartos dos meninos.
No pavimento térreo seguindo o mesmo programa tradicional de necessidades foram locados os ambientes sociais, de serviços e um estúdio .
O corpo central da construção definido por paredes curvas, ficou destinado ao acesso, circulação e escadas, um espaço vasado do piso do térreo à cobertura , com clarabóias instaladas na laje de cobertura que permitem a iluminação zenital , atendendo os preceitos de economia de recursos . O volume vazio central promove a integração das áreas sociais e íntimas dessa casa .As curvas ,conforme cita a arquiteta, foram definidas a partir da orientação cardeal , destinando o lado leste ao casal e lado oeste para os filhos, fato que pode ser visto como expressão da ligação dessa arquitetura com as referências da natureza.
Os esgotos sanitários, com excessão dos provenientes das bacias são filtrados e encaminhados para uma cisterna subterrânea a fim de serem reutilizados juntamente com as águas pluviais captadas para a irrigação dos jardins e lavagem das áreas externas.

Para a cobertura foi utilizada uma solução mista de laje plana e telhados, que evidencia a sua volumetria híbrida, criada a partir de conceitos que misturam soluções contemporâneas com modelos tradicionais.



Planta Térreo

Planta Superior

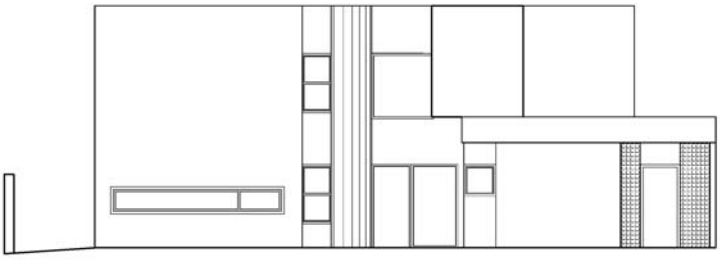


Legenda

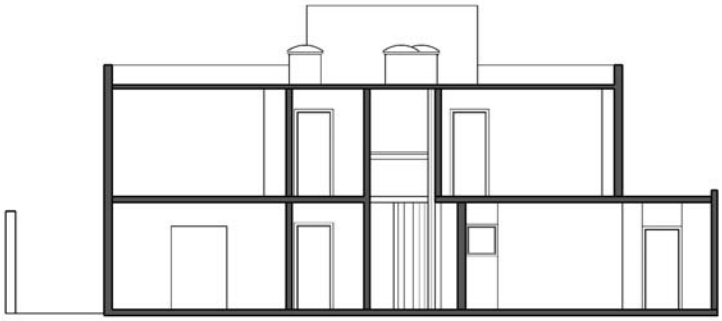
1. Dormitório	6. Estar	11. Lavabo	16. Hall
2. Banheiro	7. Jantar	12. Cozinha	17. Deck
3. Closet	8. Sala TV	13. Despensa	18. Garagem
4. Vazio	9. Jardim	14. Dorm. Empreg.	
5. Terraço	10. Estúdio	15. Área de Serviço	

Materiais Usados:

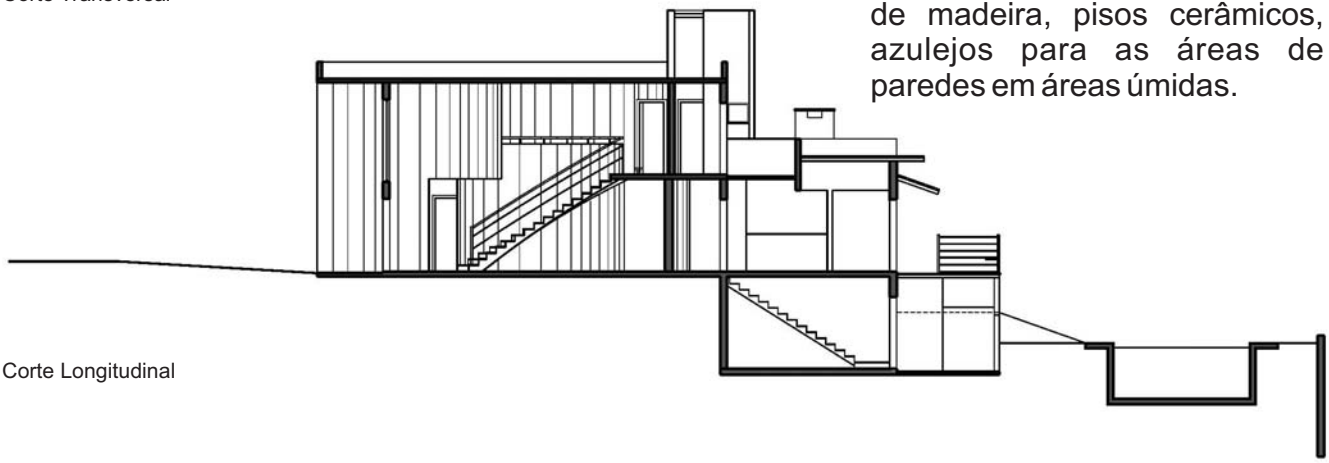
Na fachada foram utilizados tijolos de reuso que ficaram aparentes, massas texturizadas, detalhes em madeira (certificada) e elementos vasados que somados ao efeito de trechos de paredes curvas que avançam para fora do perímetro trabalham juntos para quebrar a forma geométrica do volume visto a partir da rua.
A estrutura de concreto recebeu revestimentos seguindo a mesma orientação conferida `as superficies de alvenaria, ou seja, os elementos estruturais, vigas e colunas, ficaram ocultos .
Na fachada posterior , a cobertura com telhas de concreto sobre a estrutura de madeira colabora para uma composição mais tradicional.
Para as janelas, portas e clarabóias foram utilizados caixilhos de alumínio, que podem ser observados em todas as vistas da casa. Essas aberturas foram estudadas com o objetivo de trazer a luz natural para o interior da residência proporcionando conforto e economia.
Para os revestimentos de pisos e paredes utilizou-se materiais convencionais como assoalho de madeira, pisos cerâmicos, azulejos para as áreas de paredes em áreas úmidas.



Fachada



Corte Transversal



Corte Longitudinal

Para os pisos externos foram escolhidos materiais permeáveis, e para a proteção térmica da laje de cobertura uma camada vegetal , seguindo os princípios dessa arquitetura preocupada com o meio ambiente. Cabendo lembrar também os cuidados especiais durante o processo construtivo para a minima geração de resíduos a serem descartados.

Espaço Habitado:

Com amplos espaços e áreas de uso bem definidos , a casa pode atender à dinâmica da família com tres crianças e ainda reservar espaço privativo para as atividades do casal, sejam as profissionais ou de descanso. A partir da concepção para a utilização de todos os espaços e liberdade para a fruição dos mesmos por todos, incluindo os filhos, a casa abriga e favorece a evolução familiar com segurança .
Ao entrar em seus espaços, percebe-se a vida ali desenvolvida, contrastando com o vazio da via pública de acesso.
Questionados sobre esse tipo de ocupação, que não se relaciona com o entorno, além da possível contemplação da paisagem , os integrantes da família afirmam sua satisfação e expressam o desejo de manter inalterados seus paradigmas. Cabe novamente lembrar que a proprietária, Daniela, já faz parte de uma segunda geração que habita Alphaville, e que tem impregnada em sua cultura a maneira de viver dos habitantes do lugar. O que faz crer que tais valores provavelmente serão absorvidos pelos filhos.

Residência Pedro Nolasco
Alphaville Residencial 1
Barueri

Ano Construção 1976 (projeto primitivo apresentado na página 48)
Ano Reforma 2007
Alameda Alemanha 141
Projeto Original de Arquitetura: Carlos Bratke, Renato Lenci
Projeto de Reforma: Arquiteta Sueli Adorni
Responsabilidade Técnica de Obras (reforma) : Sueli Adorni
Área do Terreno: 1.011 m2
Área Construída: 349 m2
Fotos: Martin Szmick

Autor do Projeto:

Aqui a análise desta residência busca entender o significado da reforma e adaptação do projeto original para os padrões atuais dos imóveis de Alphaville, ou seja , a atualização dos conceitos de conforto e estética do habitar para a população local.
Para atender essas propostas, a escolha da Arquiteta Sueli Adorni para o projeto de *retrofit* da residência faz todo o sentido a partir de seu curriculum e de seu conhecimento sobre do modo de vida da sociedade local.
Arquiteta graduada pela faculdade de Arquitetura da Universidade Paulista (UNIP) em 1999, formada em Design de Interiores pela FAAP em 1981, moradora de Alphaville desde os primeiros anos do loteamento, muito bem relacionada na sociedade local, e com experiência na área de interiores , associada fundadora da ABD (Associação Brasileira de Design de Interiores) sempre esteve ligada às tendências e aos anseios da parcela de mais alto poder financeiro dessa população.

Entorno:

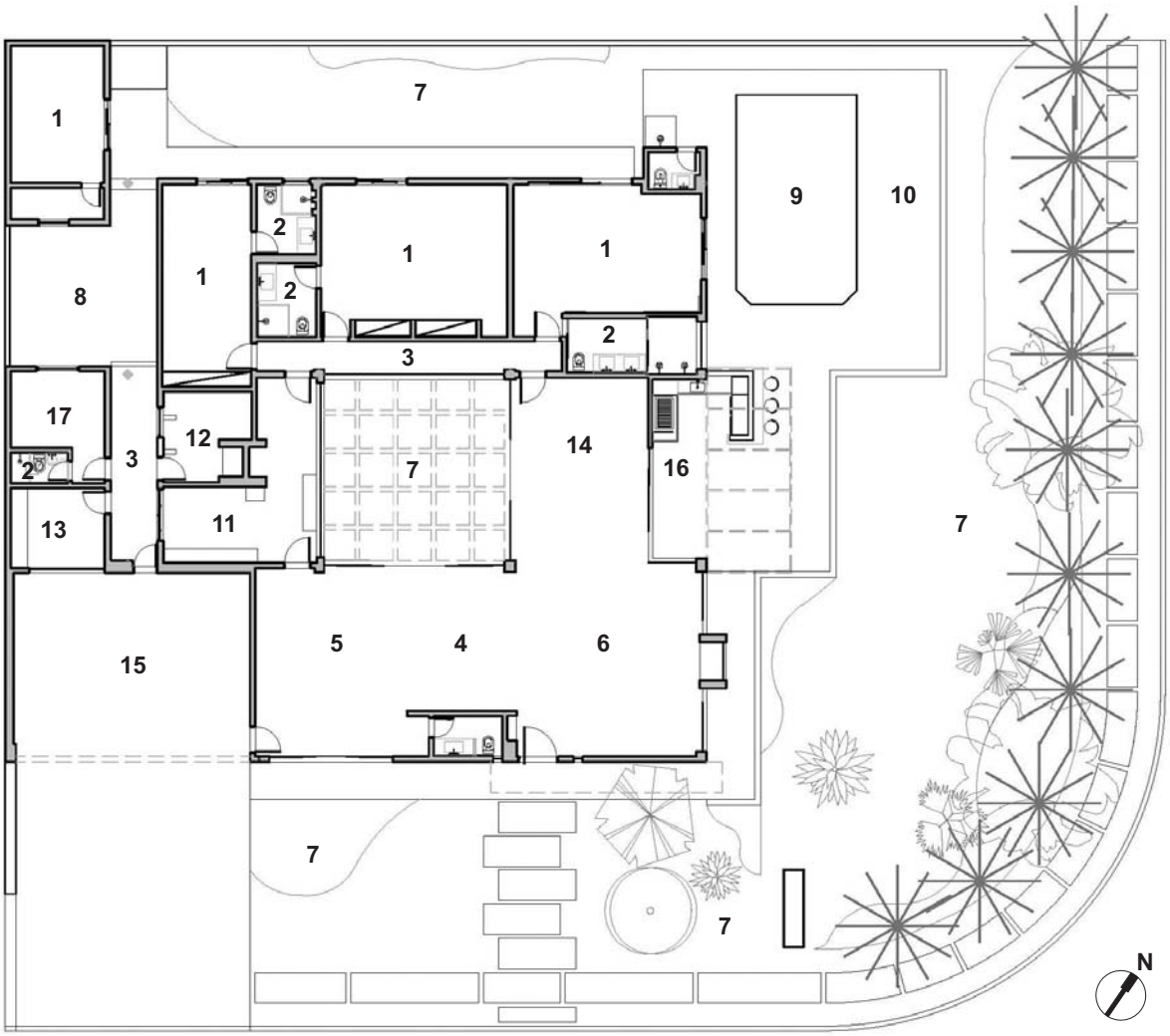
Em 2007, ano da reforma desta residência, o loteamento Alphaville Residencial 1, já com mais de 30 anos de sua implantação, já apresentava um outro perfil, distinto dos anos iniciais. A valorização imobiliária além de novos paradigmas de conforto e luxo determinados pela evolução de seus habitantes determinaram um novo padrão para as construções locais. A avaliação dos indivíduos por seus semelhantes, depende dos objetos que os circundam, de símbolos de poder e luxo para o reconhecimento de status, refletindo a identidade de ricos, pobres, remediados ou emergentes , “antenados” , cultos ou iletrados . Dessa forma a arquitetura residencial verificada ali assumiu o luxo , ora numa linguagem contemporânea , ora repetindo modelos tradicionais das casas paulistanas , seguindo uma orientação muito mais dirigida a referências ditadas pelo poder econômico que ao questionamento conceitual de seus espaços.

Implantação:

Num lote de esquina com aproximadamente 1.000 metros quadrados, numa das vias de acesso e deslocamentos principais do loteamento, determinados no próprio traçado de suas alamedas, a Construtura Albuquerque Takaoka incluiu neste local estratégico o projeto original dessa residência entre os que construiu de forma a referenciar o padrão de ocupação do empreendimento.
Para isso os arquitetos convocados, Carlos Bratke e Renato Lenci, projetaram a residência seguindo os preceitos modernistas. (Ver a análise “Residência como referência na implantação do loteamento “, no início deste capítulo).
A reforma aqui analisada não alterou a área de projeção da construção.

Espaço:

A fluidez, ou a integração dos espaços dessa residência permaneceram garantidos pela ausência de paredes divisórias como elementos de distinção funcional.
A reforma preservou a concepção original em sua planta baixa, conservou a transparência de seus ambientes e ainda ampliou as aberturas para o exterior criando uma nova abertura para o jardim na face frontal da residência, abrindo dessa forma uma comunicação com a via pública, considerado o jardim que na lateral sempre garantiu a privacidade da residência.
Novos critérios como atribuição de um banheiro destinado a cada dormitório, as chamadas "suites" , foram atendidos com pequenas alterações em planta.
Uma nova cobertura, metálica, foi incorporada , ampliando assim a área de lazer, junto à churrasqueira e piscina. Essa nova área coberta não acrescentou um novo espaço, mas ampliou o existente, seguindo o mesmo conceito de amplitude e fluidez.
Se dessa forma a distribuição espacial dessa residência permite uma livre interpretação para sua utilização, com flexibilidade para seus destinos , preparada portanto para a imprevisibilidade da vida, de outra forma a definição rígida no *lay out* proposto contrapõe e deixa uma formalidade para sua ocupação e uso. A imobilização criada nessa proposta organiza os espaços de maneira a atender a linguagem do lugar, entenda-se a cultura local específica dessa classe social, de forma antagônica às propostas do programa pensado para o projeto original. Reveladora no entanto de aspectos da identidade desse segmento de moradores .



Planta

Legenda

1. Dormitório	4. Living	7. Jardim	10. Deck	13. Escritório	16. Churrasqueira
2. Banheiro	5. Jantar	8. Patio	11. Cozinha	14. Bar	17. Dorm. Empr.
3. Hall	6. Home	9. Piscina	12. A. Serviço	15. Garagem	

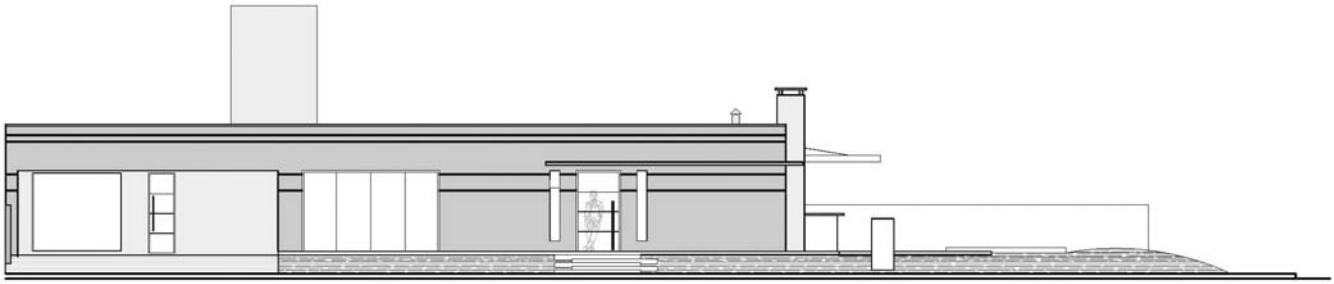
Materiais Usados:

Muito além da definição dos espaços e da linguagem de sua arquitetura, a especificação dos materiais utilizados assume a importância maior para a definição do padrão luxuoso dessa construção, cumprindo-se assim a regra local.

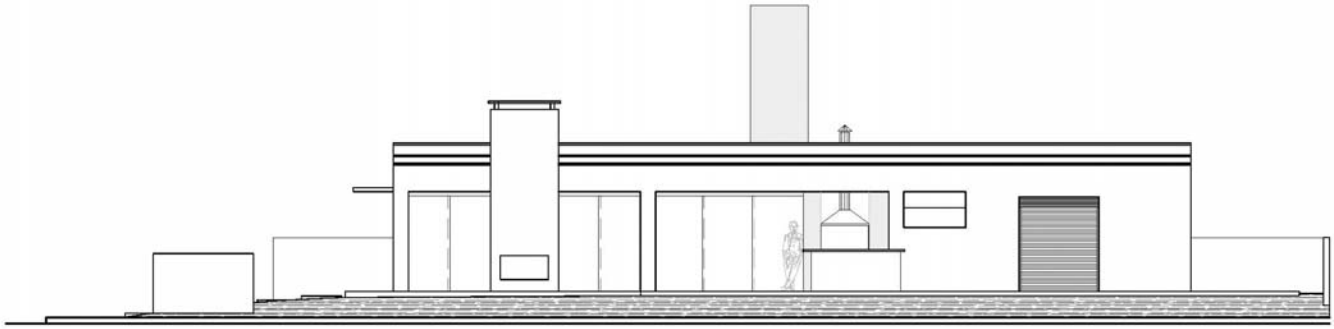
Os novos revestimentos, utilizados de acordo com um detalhamento de projeto elaborado cuidadosamente optou por materiais nobres com padrões neutros , cores básicas .

As paredes antes revestidas com tijolinhos aparentes cederam lugar à argamassa detalhada com frizos horizontais de rebaixo executados com rigoroso cuidado técnico, cobrindo também a estrutura de concreto anteriormente exposta.

O volume da chaminé da lareira ganhou maior volume e foi revestido com canjiquinha (filetes de pedras colocados em camadas horizontais), os pisos de pedras do tipo arenito (pedras Goiás ou São Tomé) cederam lugar ao mármore importado (travertino) seguindo o projeto de paginação com peças grandes . Nas áreas externas os pisos ficam separados do jardim por caixas de drenagem preenchidas com pedriscos.



Fachada Frente



Fachada Fundos

Na fachada as paredes avançaram para a projeção da laje de cobertura e receberam a proteção de marquises de concreto revestidas com a mesma argamassa das paredes, um desenho só revelado pelos efeitos de luz e sombra. O acesso , antes pouco definido, passou a ter reconhecimento imediato , com porta de entrada pivotada de 1,30m de largura , e caminho em placas revestidas com “fulget” (pedriscos agregados à arganassa).

Paredes, marquise, porta estrutura metálica da cobertura adicionada, tudo pintado em branco que somados aos pisos de mármores e volume da chaminé de canjiquinha em tons claros conferem uma totalidade asséptica.

Os materiais especificados, o branco radiante de suas paredes, ou a neutralidade das pedras utilizadas criam cenários para fazer sobressair um mobiliário sofisticado , com peças de *design* consagrado.

A composição do espaço construído e do mobiliário geram um equilíbrio intocável, restringindo no entanto as ações dos moradores para outras organizações (ou desorganizações) decorrentes da ocupação. Resta saber se o tempo poderá contribuir para a quebra desse formalismo.

Espaço Habitado:

Essa casa foi concebida a princípio como uma construção a fim de estabelecer padrão para o loteamento, residência para moradores não identificados . O atual proprietário, adquiriu o imóvel que já havia sido habitado por vários anos por outra família, e a usufruiu com sua família , casal e quatro filhos. Depois de um longo período morando neste imóvel e num histórico de vida que alterou a composição familiar, optou por reformá-la dando uma nova configuração à construção, talvez como fato decorrente da mudança do perfil do mercado imobiliário, ou pelo seu próprio desenvolvimento econômico ou mesmo para dissociá-la da lembrança de outros tempos ali vividos , ou ainda associações dessas hipóteses. De qualquer forma a preservação do espaço definido em planta, a manutenção da área ocupada, e a familiaridade com o local revelam seu apego ,satisfação e o propósito de permanência.

RESIDÊNCIA CANDIDO GAYA LOUREIRO DE MELLO E IRMÃOS
ALPHAVILLE RESIDENCIAL 2
BARUERI

ANO 2009/2010
Alameda Argentina 98
Projeto de Arquitetura: Eng. Mauro Guatelli
Responsabilidade Técnica de Obras: Eng Eduardo Gabriades
Projeto de Estruturas: Enplatec
Área do Terreno: 651 m2
Área Construída: 250 m2
Fotos: Caio Guatelli

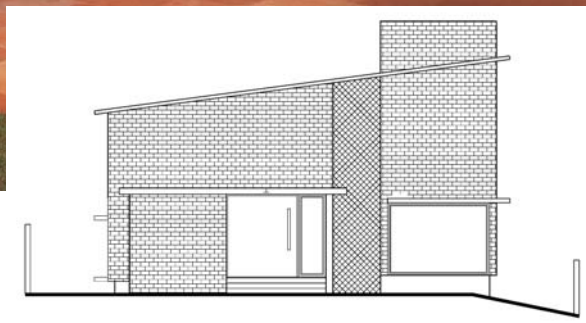
Autor do Projeto:

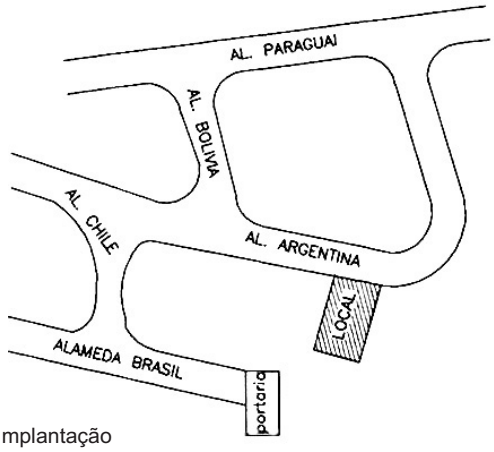
Optei pela inclusão de um projeto de minha própria autoria neste capítulo.
Após ter executado dois projetos para Candido Gaya Loureiro de Melo, um primeiro de reforma de sua residência no Alphaville Residencial 1 em 1998 e posteriormente outro para construção da atual residência do mesmo no Residencial Tamboré 1, este segundo em parceria com o Arquiteto José Sales Costa Filho, fui então chamado para a elaboração do projeto dessa casa de propriedade dos irmãos Loureiro de Melo destinada a moradia de um deles e também como extensão de residência para os familiares do interior.
Graduado em engenharia civil na Escola Politécnica da USP, atuei na realização de obras e projetos em Alphaville, muitos desses projetos desenvolvidos pela parceria Guatelli & Sales Costa. Para este projeto especificamente, trabalhei sozinho, mas sem deixar as referências ou influências de projetos anteriores elaborados em parceria .

Entorno:

Este projeto realizado recentemente em 2009, prevê a inclusão de uma residência num loteamento já consolidado, num dos raros lotes vazios remanescentes. O terreno situa-se em quadra na borda do loteamento, contornado pelo muro que segue seus limites, dando fundo para a Avenida Alphaville, via de alto tráfego que dá acesso a todos os outros residenciais.

As residências vizinhas, em geral com dois pavimentos, apresentam área de construção bem maior que essa, embora implantadas em lotes de mesmo tamanho. O ecletismo é evidente na arquitetura local, as duas casas vizinhas apresentam elentos da arquitetura colonial, com referências às construções religiosas barrocas, cheias de artifícios a fim de certa forma trazer luxo aos processos contrutivos de saber leigo.





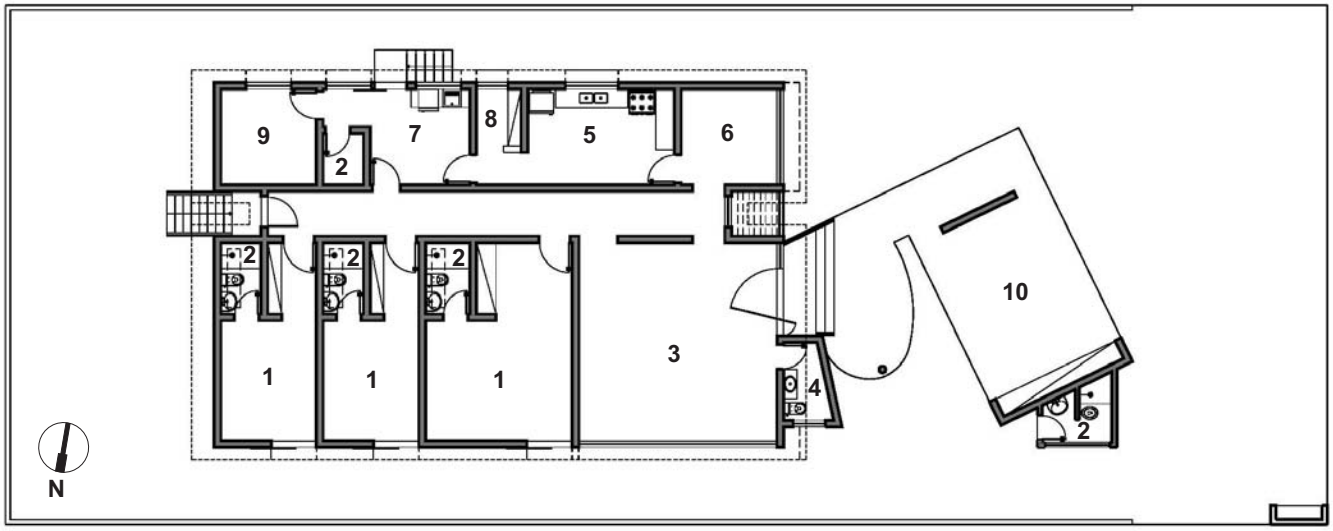
Implantação

Implantação:

Para o terreno padrão de meio de quadra , com 16 metros de frente e com 40,7 metros nas divisas laterais, com um declive de 1,50 metros da frente ao fundo, foi projetada uma casa com dois blocos de um único pavimento, o volume principal para o corpo da casa na cota 1,50m acima do ponto médio do terreno junto à rua, e um outro para garagem na cota 0,50m. A cota elevada a essa cota permite tanto a ventilação do piso como a protege da umidade do solo de baixa permeabilidade (terreno silte-argiloso) . Para isso foi executado um caixão perdido abaixo da laje de piso , ventilado com o uso de elementos vasados em alguns trechos de seu fechamento.
A volumetria da residência também foi favorecida com a elevação da cota de piso e com inclinação para o telhado de uma água. Dessa forma a casa não ficou acanhada entre as duas construções vizinhas de maior escala e de dois pavimentos.
A laje de cobertura do primeiro bloco extende-se como uma marquise com desenho composto por curvas e trechos retilíneos unindo-o ao bloco principal criando um espaço de varanda na parte frontal da residência.
O bloco frontal, o da garagem foi locado não ortogonalmente ao terreno facilitando o acesso de veículos e de forma a preservar a árvore de grande porte já existente.

Espaço:

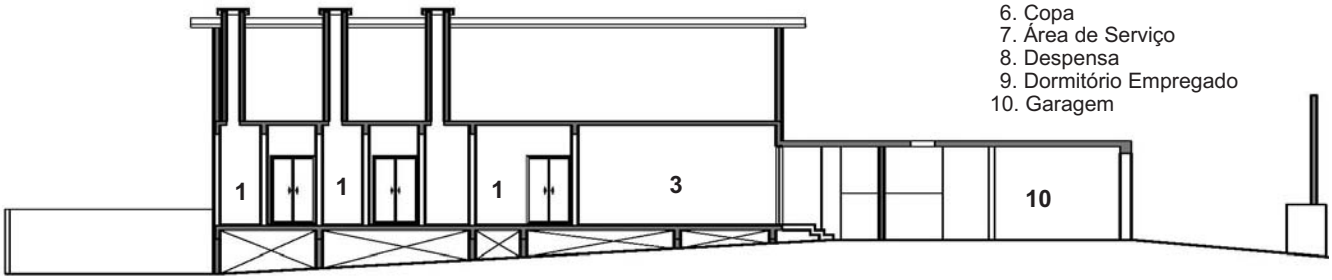
O programa dessa residência se destina à ocupação permanente de somente um morador e à presença temporária de familiares que habitam em cidade do interior do estado e que com freqüência necessitam vir à capital.
O bloco construído à frente do terreno com garagem que pode abrigar dois carros reserva um caminho para os pedestres acessarem a residência em sua lateral e depois através do espaço de varanda criado pela marquise de união com o volume principal.
A ampla porta pivotada abre-se para a sala de estar quadrada com lados de 6,10 metros e com janela que segue do piso até uma altura de 1,60m para visualizar o jardim o lateral e manter a privacidade em relação aos vizinhos. O corredor de distribuição corta a casa da frente até o fundo, com aberturas em suas extremidades que garante certa transparência no centro da construção. A iluminação desse corredor é completada com o auxílio de duas clarabóias.
Para um lado três quartos equipados individualmente com banheiros, um maior para o morador permanente, e para o outro lado a copa aberta para o jardim frontal e na sequência a cozinha e as dependências de serviços.
A cobertura desse segundo bloco tem recortes em seu volume nas extremidades do corredor de distribuição, na frente e no fundo, o que alivia o impacto visual de sua volumetria, favorecida também pelo recuo das linhas de paredes abaixo da cota de piso fazendo a casa “flutuar” sobre o terreno.



Planta

Legenda

1. Dormitório
2. Banheiro
3. Estar
4. Lavabo
5. Cozinha
6. Copa
7. Área de Serviço
8. Despensa
9. Dormitório Empregado
10. Garagem



Corte Longitudinal

É nítida a influência do arquiteto e parceiro profissional de tantos anos , o Arquiteto José Sales Costa Filho. Na articulação dos blocos, na união pela marquise de desenho com curva, nos volumes criados pelos telhados de uma água, na racionalidade dos espaços, na utilização de pingadeiras de concreto emoldurando portas e janelas, no emprego de materiais como os tijolos aparentes , como também no emprego de madeira nos elementos que fazem um referência a nossa arquitetura regional , quase vernacular que aqui utiliza treliças para dar unidade à volumetria interrompida no vazio à frente do corredor, e que em outros projetos a utilizava na exposição das tesouras dos telhados colocadas externamente às paredes das fachadas.

Materiais Usados:

Foram utilizados tijolos com dimensões maiores que os de mercado, lembrando os das construções do interior décadas atrás. Para as paredes externas onde os tijolos ficaram aparentes, a massa de assentamento dos mesmos foi elaborada com uma composição de areia e saibro, garantindo a uniformidade de cor . Tudo pensado para tornar viva a memória dos proprietários em relação às suas origens. Na fachada, a treliça de madeira pintada em azul anil vem reforçar essa idéia.
As esquadrias são de alumínio com pintura eletrostática na cor preta, os elementos de concreto expõem as emendas de suas formas, as alvenarias revestidas abaixo da cota do piso receberam reboco com massa grossa não sarrafeada.
Para os revestimentos de pisos e paredes seguiu-se pelo mesmo conceito de materiais simples e de boa qualidade , como pisos de pedras do tipo arenito para as áreas externas, pisos de madeira para as áreas sociais e íntimas, e pisos cerâmicos para todas as áreas molhadas, banheiros, cozinha e área de serviço, onde foram utilizados azulejos brancos para o revestimento das paredes. Tudo segue pela mesma simplicidade formal, mas com exigência de esmero construtivo .

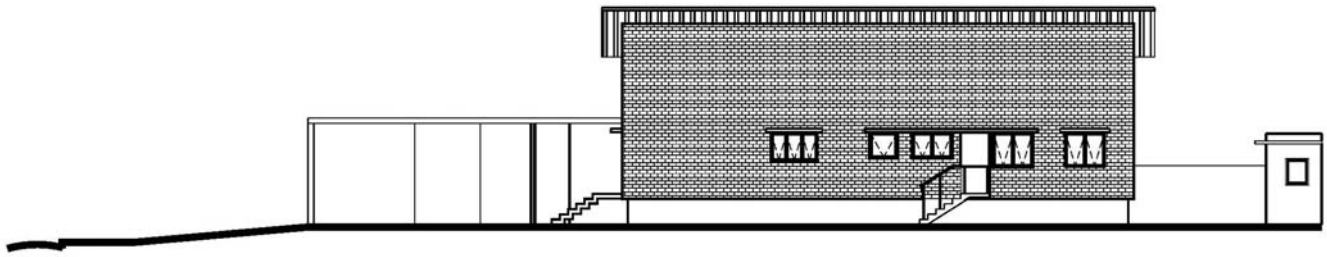
Espaço Habitado:

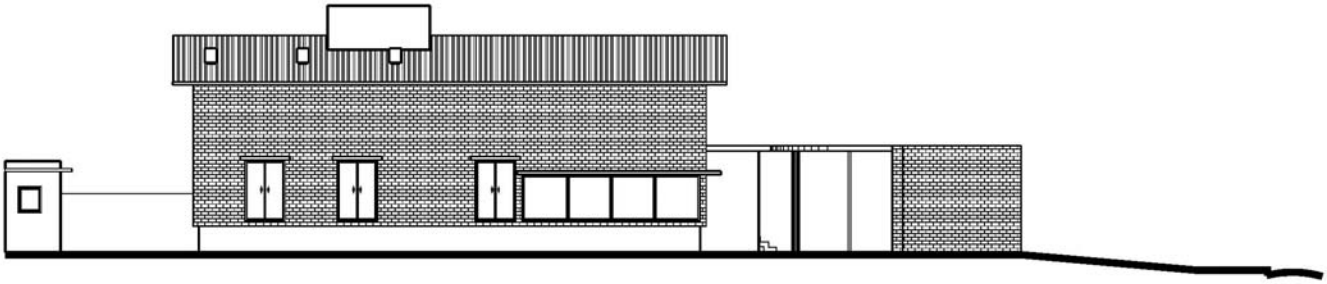
Pela ocupação recente, seria difícil avaliar o desempenho dessa moradia. Cabe antes de tudo explicar os motivos dessa construção. Após o falecimento da matriarca dessa família, os filhos optaram pela venda da casa onde um dos irmãos vivia com a mãe, dentro do mesmo residencial .

Com aproximadamente 400 m2 a antiga residência extrapolava em tamanho no atendimento das novas necessidades, o abrigo permanente para um morador e a função de receber um irmão para suas vindas ao escritório central da família na cidade de São Paulo.

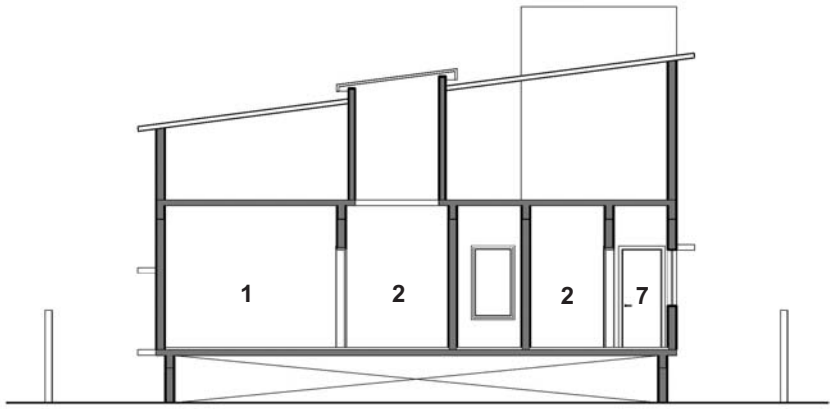
Além de se buscar uma habitação mais compacta e funcional, a casa buscou romper com os formalismos tradicionais e conservadores de até então.

Se o novo espaço pode contribuir para uma nova vida com praticidade , se o morador pode fruir os espaços propostos e se esses puderam direcionar para a libertação de antigos paradigmas, por hora essas questões se apresentam sem respostas, ainda são insondáveis.





Fachadas Laterais



Corte

Legenda

1. Dormitório
2. Banheiro
3. Estar
4. Lavabo
5. Cozinha
6. Copa
7. Área de Serviço
8. Despensa
9. Dormitório Empregado
10. Garagem

Capítulo 4: Residências construídas, uma amostragem iconográfica.

Este capítulo se propõe a apresentar um conjunto de imagens fotográficas (*) de trinta residências construídas nos Alphavilles Residenciais 1 e 2, sem a intenção de classificá-las rigorosamente segundo seus estilos ou partidos arquitetônicos, mas que procura reconhecer padrões e tendências formalistas. Um ensaio sobre a arquitetura produzida no local que tem como objetivo ampliar os limites desse reconhecimento.

As residências apresentadas neste capítulo foram organizadas seguindo uma ordem que parte do que os empreendedores tentaram estabelecer como arquitetura de qualidade para o local, passando ao que se observou como resultado da iniciativa particular desde os anos iniciais e as tendências observadas ao longo do período analisado.

1 : As primeiras construções

A Construtora Albuquerque Takaoka construiu algumas residências como estratégia para a venda dos lotes e estabelecer um padrão de qualidade pretendido para o empreendimento.

Os empreendedores selecionaram alguns escritórios de arquitetura para a execução desses projetos. As residências deveriam ter área em torno de 300 metros quadrados, linguagem arquitetônica atualizada, seguir as restrições normativas locais e buscar atender o perfil imaginado para os futuros moradores, executivos de empresas que se instalariam no local.

Foto 53: Residência Alameda Paris

(*) fotografias do próprio autor feitas em dezembro de 2011

Foto 54: Residência Alameda Suécia

Foto 55: Residência Alameda Portugal

2 : Os anos iniciais

As vendas dos lotes residenciais atingiram sucesso imediato atraindo empresários e profissionais liberais , um perfil não imaginado pelos incorporadores.

A ocupação inicial, no final da década de 1970 e início da de 1980, apresentava um conjunto de habitações de tamanhos semelhantes às construções promovidas pela Construtora Albuquerque Takaoka, embora revelassem uma arquitetura de menor

qualidade, projetos simples que repetiam os mesmos padrões comuns verificados na cidade.

Com a consolidação do empreendimento e a valorização dos terrenos, anos mais tarde, aproximadamente duas décadas depois, iniciou-se um processo de demolição para as construções de menor custo , dando lugar a novas unidades ou agregando um novo lote aos terrenos, permitindo a construção de grandes residências ou mesmo se destinando à ampliação de casas já implantadas.

Dentre as construções que se seguiram ainda na fase inicial, algumas unidades isoladas sobressaiam , revelando projetos criteriosamente desenvolvidos que seguiam diferentes tendências formais. Mesmo com áreas menores, essas residências foram preservadas em suas formas originais ou eventualmente passaram por um processo de revitalização.

Foto 56: Residência Alameda República Dominicana

Foto 57 : Residência Alameda Grécia

Foto 58 : Residência
Alameda Polônia

Foto 59: Residência:

Alameda Argentina

Foto 60: Residência

Alameda Suissa

3 : Residências maiores implantadas em lotes múltiplos

Nos anos 80 começam a surgir grandes construções, obras implantadas em terrenos resultantes da união de lotes. Residências com mais de 600 metros quadrados que mais tarde se tornariam comuns nesses dois loteamentos.

Na ausência de lotes contíguos vazios, verificou-se um processo de demolições de residências de custo menor, ampliando as áreas dos terrenos para permitir esse tipo de ocupação.

Anos mais tarde, seriam as residências com grandes áreas as mais requisitadas pelo mercado imobiliário local.

Foto 61: Residência Alameda Suissa

Foto 62: Residência Alameda Inglaterra

Foto 63: Residência Alameda Brasil

4 : Residências com referências históricas

Assim como em muitas cidades brasileiras, observa-se uma apreciação pela arquitetura que repete elementos da casas brasileiras do período colonial.

Esse formalismo confere valores aristocráticos atendendo assim os desejos de status da sociedade, revelando anseios de uma classe social presa às tradições “quatrocentonas”

Foto 64: Residência Alameda Polônia

Foto 65
Residência
Alameda
Luxemburgo

Foto 66
Alameda
El Salvador

Foto 67
Alameda França

5 : Residências com referências clássicas

A arquitetura com elementos que se referem ao período clássico, passaram a fazer parte de nossas cidades. Foram incorporadas aos hábitos das classes de maior renda, muito mais por influência de valores culturais norte americanos que fizeram difundir o estilo por todo seu território.

Foto 68
Residência
Alameda Bélgica

Foto 69:
Residência
Alameda Suécia

6 : A busca por outras formas.

Os projetos residenciais sob influência do movimento pós modernista (*post modern*) passaram a pesquisar novas formas seguindo seus preceitos ou simplesmente assumindo certa liberdade formalista.

Foto 70: Residência Alameda Inglaterra

Foto 71: Residência Alameda Escócia

7 : Arquitetura contemporânea.

Entre as obras implantadas nesses dois loteamentos destacam-se projetos que revelam uma arquitetura contemporânea com desenvolvimento e detalhamento impecáveis.

Foto 72 : Residência Alameda Portugal

Foto 73 Residência Alameda Noruega

Foto 74 Residência Alameda Londres

8 : Arquitetura representativa do luxo de mercado.

Recentemente a arquitetura e a decoração assumiram papel de destaque na mídia através de várias publicações e feiras destinadas à classe social ascendente.

Dessa forma alguns valores foram transmitidos como objetos de luxo e desejo a esses consumidores. Em geral são tendências datadas, modismos, que conferem status.

O mercado imobiliário soube explorar esses ditames, estabelecendo maiores valores comerciais aos imóveis que incorporaram tais elementos, estabelecendo tendências para as novas construções e estimulando reformas a fim de inserir obras já executadas nesse perfil elitista.

Foto 75:
Residência
Alameda Portugal

Foto 76 :
Residência
Alameda Áustria

Alameda Escócia

Foto 77:
Residência
Alameda Peru

Foto 78: Residência
Alameda Argentina

9 : Construções recentes.

As obras recentes passaram a responder aos requisitos de mercado, ampliando suas áreas, inserindo formalismos valorizados pela sociedade local , às vezes reproduzindo conceitos bem sucedidos mas também muito frequentemente produzindo o ecletismo em suas construções.

Foto 79: Residência Alameda Equador

Foto 80: Residência Alameda México

Foto 81: Residência Alameda Polônia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. O mal estar dos nossos dias

Tomo de empréstimo o nome para esse sub título, de um artigo de Bresser Pereira para A “Folha de São Paulo” em setembro de 2011 onde descreve o mal estar destes dias.

A crise financeira de 2008, os vandalismos demonstrados na revolta em Londres em 2011, a desorientação e perda de vigor da economia Americana e as atuais preocupações na zona do Euro com as atenções mundiais voltadas para a situação econômica da Grécia, como também sobre a da Itália, Espanha e de outros países refletem o mal-estar desse nosso tempo.

Se o neoliberalismo trouxe alguma esperança de dias melhores, e ainda conquistou as elites conservadoras, por fim suas ideias resultaram num tempo de retrocesso social e político, com o aumento das desigualdades sociais, e de instabilidade econômica. De outro lado os que apoiaram os princípios socialistas também não conseguiram estabelecer uma nova ordem mundial, ainda que ousassem em arriscar essa ordem em nome da justiça social.

Para redescobrir o futuro seria necessário antes de tudo entender o individualismo, e assim poder elaborar uma crítica ao que aconteceu. Acima de tudo se faz necessária uma compreensão do comportamento humano envolvendo as perdas de parâmetros morais, e assim buscar novas possibilidades que não incluam a segregação e exclusão social.

As novas configurações urbanas, com a criação de novos modelos de ocupação, segregadores e exclusivistas, refletem esse caráter individualista que os empreendedores imobiliários tão bem souberam explorar.

Assim podemos associar a história político-econômica recente aos acontecimentos também recentes a respeito dos modelos de ocupação de nossas cidades. Se de um lado nem economistas, nem intelectuais souberam criar condição para a justiça social, de outro lado arquitetos e urbanistas ainda também não conseguiram estabelecer outra realidade para o desenvolvimento de uma cidadania sadia.

O individualismo inerente à condição humana e a concentração da população nas cidades, juntos fizeram com que as metrópoles impusessem suas próprias ordens sobre os ideais de arquitetos e urbanistas, nos deixando com as mesmas dúvidas para o futuro das cidades e da cidadania. Perguntas por ora sem respostas.

2. Individualismo, hedonismo e hiperconsumo

A partir das imposições de uma nova cultura que valoriza os prazeres do consumo e a vida no presente, outros valores substituem a disciplina, a família e a coletividade, rompendo com a sociedade tecnocrática e autoritária.

Desagregação das famílias, perda da autoridade parental, deficiências do sistema educacional que resultam na ausência do senso de limites e de regras, enfim uma nova sociedade sem referências com baixa capacidade de enfrentar as frustações. Enfim verifica-se a falência do controle familiar e das regulações comunitárias, disfunções causadas pelo individualismo e pela cultura do hiperconsumo.

Nesse cenário verifica-se uma escalada na individualização dos ritmos de vida dos cidadãos, e com isso as atividades ficam dessincronizadas a partir de práticas domésticas diferenciadas ou isoladas, possíveis pelo advento de novas tecnologias e seus produtos como telefone celular, micro-ondas, vídeos gravadores e tantos outros aparelhos que possibilitam que cada um siga sua própria rotina.

Dessa forma o consumo passa a ser fator de identidade na falta de outras vias de reconhecimento social. A obsessão pelo consumo atuando sobre todas as camadas sociais amplia as possibilidades de frustações além de exigir mais e mais no desempenho financeiro dos cidadãos, sujeitos à inferiorizarão, atingindo o cerne da dignidade pessoal.

Num contexto de recrudescimento da violência a partir do baixo desempenho da economia, de altos índices de desemprego ou subemprego potencializando as desigualdades sociais, que conjugados aos sentimentos de hiperconsumo, verifica-se uma real explosão da violência a partir da década de 1970.

Dentro dos parâmetros de qualidade vida, a segurança e a tranquilidade passam a ocupar posição prioritária, fato que os agentes do mercado imobiliário sabiamente souberam explorar desenvolvendo os enclaves fortificados nos

subúrbios, transformando-os de periferias pobres para uma nova categoria, num processo de enobrecimento dos mesmos.

Na verdade os empreendedores não criaram esse produto imobiliário visando criar uma nova forma de relacionamento social, mas simplesmente para atender seus objetivos financeiros. Esses novos núcleos urbanos foram gerados da mesma forma que as cidades sempre foram concebidas, ou seja, pelo poder instituído.

A expansão dos subúrbios como possibilidade para a implantação de loteamentos residenciais fechados vem transformando a estrutura das grandes e médias cidades atendendo no mercado imobiliário, os anseios para a população com maior capacidade econômica a procura de qualidade de vida e segurança.

Seguindo essa tendência, as casas dos enclaves fortificados tornaram-se símbolos das novas exigências individualistas, pois além de proporcionar segurança conferem status, evitam a miscigenação social, favorecem a intimidade e isolam seus moradores dos problemas urbanos.

As famílias que se mudaram para os loteamentos residenciais fechados alegam entre os motivos principais dessa decisão o fator segurança, a busca de espaços privados protegidos e de um ambiente social mais homogêneo, sem as diferenças ameaçadoras dos espaços urbanos tradicionais.

A noção de conforto assumiu um significado intimamente ligado à segurança, que inclui equipamentos ou dispositivos para evitar riscos, numa cultura onde as ameaças são ainda mais intensas no imaginário dos que se afastaram dos centros urbanos, ou seja, o medo fica potencializado para aqueles de deixaram o convívio com as ruas.

Por outro lado, esses enclaves fortificados fizeram surgir uma nova dinâmica de alienação para seus habitantes, que distantes das cidades perderam a essência da cidadania e muito do que a cidade poderia oferecer como os conflitos de seus espaços públicos, convivência com diferentes classes sociais, maior integração cultural e convívio intenso com os problemas e com a realidade do país, agentes transformadores para um desenvolvimento pessoal de maior amplitude.

As residências inseridas nos loteamentos fechados denunciam a evolução do pensamento individualista de uma população que busca intimidade, se protege de um ambiente externo ameaçador e que ainda cria um poder paralelo que propõe

novas formas sociais de convivência, desorganizando os poderes administrativos do Estado, numa demonstração de enfraquecimento das autarquias em seus domínios.

3. A Sociedade Intramuros

Os habitantes dos loteamentos fechados não representam uma comunidade, mas simplesmente ocupam um mesmo território onde podem viver a plenitude de seu individualismo.

Sem caráter ideológico, a organização dessa sociedade trata de questões de interesse, necessidades efêmeras e transitórias, administrando os padrões de segurança local, com o objetivo maior de oferecer e garantir a tranquilidade desses indivíduos.

Além de atrair uma parcela conservadora da sociedade de alta renda, esses núcleos residenciais são o destino de ascendentes sociais. Para essa população chamada de "novos ricos", sejam empresários, artistas populares ou jogadores, a sociedade intramuros sempre se mostrou receptiva.

Neste cenário de homogeneidade socioeconômica, mas de diferenças culturais, surge uma sociedade que distanciada das autarquias públicas apresenta distúrbios de comportamento, numa nova experiência de organização social.

Sob essas novas normas de convívio onde individualismo e poder econômico proporcionam autonomia e liberdade, se impõe a necessidade do desempenho financeiro como uma ideologia de autossuperação, com regras condicionais para subsistência.

Dessa forma essa "sociedade do espetáculo" estabelece símbolos para referenciar seus integrantes numa análise crítica, incluindo automóveis de luxo, viagens, roupas e objetos exclusivos além de critérios locais na avaliação da arquitetura residencial.

A cultura hedonista adotada como modelo de felicidade gerando expectativas e ampliando as pretensões escraviza os indivíduos obrigando-os ao sucesso. Assim sob o risco de um eventual fracasso estressa e põe em cheque a autoestima dos cidadãos, numa sociedade em que o desempenho da pessoa pode deslocar rapidamente sua condição econômica. "*Vale observar, a despeito a inveja que decorre de uma superioridade nos demais, que não é a grande desproporção entre*

nós e a outra pessoa que a produz, mas, ao contrário, nossa proximidade [...]". *(*HUME, 2009, p. 412)

Uma possível correção de rumos e um novo equilíbrio?

4. A Arquitetura Residencial

Alphaville embora se apresentando como loteamento residencial fechado, como um novo modelo de configuração urbana criado para atender a parcela da população com anseios de uma vida longe dos conflitos urbanos, protegida e com disposição a experimentar novas formas de convívio social não apresenta um conjunto de habitações que demonstrem novos espaços projetados para a instalação de uma sociedade à frente de seu tempo com inovações, criações ou modificações espaciais.

Repetem os mesmos processos tradicionais projetuais verificados há muito para a casa das elites paulistas ou brasileiras, o que reflete a real condição da nossa sociedade, não coeva, mas vinculada ao mesmo aspecto conservador do passado, apresentando uma arquitetura fechada a novas ideias e aspirações. Uma arquitetura que cede às "*forças conservadoras que constantemente a empurram para aquilo que já foi pensado [...]*" conforme descreve Steven Holl em "*Intertwing*".

Uma sociedade que embora inclua em sua composição os ascendentes sociais, oriundos de uma classe de certa forma antes oprimida, repete os mesmos processos conservadores de exclusão, segregação revelados inclusive pelas disposições tripartidas dos espaços residenciais, isto é áreas sociais, íntimas e de serviços com distinção evidenciada.

O que se verifica em Alphaville ao longo de sua existência, é que o tamanho das residências tem aumentado, e a exigência por espaços individuais se torna cada vez mais clara. Cada elemento podendo viver de forma independente, autônoma em seus aposentos, desempenhando suas atividades isoladamente de forma a desagregar a família em seu cotidiano.

Além da disponibilidade de espaços exclusivos a cada morador, novos equipamentos de conforto ou lazer favorecem para que cada qual tome seu próprio ritmo nas atividades diárias.

Nessa busca de conforto e autonomia, os valores familiares tendem à dispersão, num enfraquecimento da autoridade parental. Filhos que não reconhecem a hierarquia e requerem maior distanciamento, pais que não vislumbram soluções para esses problemas e preferem o distanciamento, gerando um ciclo vicioso na necessidade crescente de espaços independentes e cada vez mais equipados.

Além do aumento significativo de tamanho das residências construídas nos últimos anos em Alphaville, observa-se ainda uma valorização de estereótipos de luxo, de poder, tanto no estilo das construções, quanto na opulência dos materiais utilizados, em detrimento de uma preocupação com a qualidade arquitetônica.

Aos indivíduos com poder econômico, a sociedade parece oferecer inúmeras possibilidades para as decisões sobre o projeto, porém a mesma cultura capitalista que assim o posicionou restringe seu universo de opções e o faz buscar as mesmas soluções padrões, as que já foram determinadas pelo mercado como escolhas possíveis, permitindo considerar seu bem, sua construção, como objeto de alta liquidez no mercado imobiliário, o nomeado caráter “comercial” que o projeto deve atender.

Dessa forma ao repetir as tendências ditadas pelo mercado à sua época, a arquitetura se torna tediosa, repetitiva e plena de símbolos que conferem status e valor de mercado. Não se criam novas soluções, simplesmente essas são escolhidas dentro de um repertório pré-estabelecido.

Assim podemos observar além do tamanho crescente das residências, uma valorização para o espaço que abriga os automóveis, as garagens maiores e posicionadas de forma relevante nas fachadas, um número cada vez maior de suítes (quartos com banheiros privativos), salas de televisão hiperequipadas, jardins valorizados, e outros itens mais recentes como uma cozinha extra para uso exclusivo dos proprietários ou adega para armazenagem dos vinhos.

Da mesma forma o detalhamento dos projetos, incluindo a especificação de materiais procura seguir modelos divulgados nas mostras de decoração e construção ou mesmo nas revistas especializadas, sob a influência da publicidade da indústria de materiais de acabamentos.

A arquitetura de mercado passa a ser regida por modismos, objetos datados a serem renovados periodicamente. Pensar livremente passa a ser ousadia e a arquitetura de qualidade passa a ser exceção.

Se a princípio, nos anos iniciais de Alphaville, as residências buscavam uma nova forma de viver, como alternativa à vida na cidade grande, com formulações interessantes a partir de vários projetos encomendados pela própria Construtora Albuquerque Takaoka a um grupo selecionado de arquitetos e outros que se seguiram na mesma linha, ou mesmo de forma mais simples buscavam repetir soluções notórias da casa brasileira. Com o tempo essas construções perderam espaço para os novos ditames, num claro empobrecimento cultural.

Esse mesmo processo de empobrecimento da arquitetura não é exclusividade de Alphaville e de outros loteamentos fechados, mas também é verificado além de seus muros. O que ora se pretende afirmar é que a arquitetura desenvolvida nos domínios aqui analisados nada cria de novo, repete os paradigmas das construções residenciais recentes de nossas cidades sem avançar com novas proposições que considerem esse novo tipo de ocupação urbana e que ainda pela condição financeira de seus proprietários exasperam simbologias de poder.

As construções mais recentes do lugar demonstram pelas suas características que o encanto inicial de sua nova condição urbana, semi rural ou de paraíso pretendido cederam posto para a índole de enclave fortificado, espaços excludentes de heterogeneidade social sob seu desígnio maior de segregação e proteção.

5. Possibilidades

> "*As cidades vivas têm uma estupenda capacidade natural de compreender, comunicar, planejar e inventar o que for necessário para enfrentar as dificuldades*".
>
> (JACOBS, 2009, p. 498)

O pensamento antecede os fatos trazendo novas possibilidades antes não imaginadas. As cidades em seu dinamismo podem se reinventar como tem mostrado a história, com soluções improváveis para suas questões.

Devemos, no entanto considerar a inegável tendência atual para a proliferação desses novos modelos de núcleos residenciais protegidos por muros e sua arquitetura pretensamente elitista.

Com relações sociais e espaciais mais consolidadas que os subúrbios ou periferias, que ainda estão por fazer história, os centros urbanos, a partir de seus "*cuores*" fazem surgir questionamentos, discussões seguidas de ações que se propagam para todos os seus domínios trazendo novas situações e possibilidades de equilíbrio das relações sociais.

Quando se observam novas condições, antes inimagináveis deve-se considerar que o próprio pensamento que as antecederam criando as novas circunstâncias.

Dessa forma a análise elaborada pela Academia descrita no capítulo "Fortuna Crítica" desta dissertação abordando os loteamentos residenciais fechados, estabelece um pensamento precursor capaz de desencadear raciocínios para além do circuito de intelectuais, ocupando os vários meios de comunicação e assim engendrando questionamentos à população em geral. Desconfortos que podem evoluir e transformar não somente o comportamento dos cidadãos da urbe tradicional, mas também a população intramuros em busca de uma coexistência equilibrada.

Vivemos num tempo de mudanças em grande velocidade, a partir das novas mídias eletrônicas, das redes sociais com suas novas formas de convocação ao pensamento. Primavera árabe, Londres, Atenas, Roma, Santiago são exemplos dessa nova era de rápidas interações e transformações sociais. O mal estar desses nossos dias carregam consigo ventos de mudança.

Pode-se depositar à força das cidades, com a capacidade de resolução de seus problemas revelada pela sabedoria notória ao longo dos tempos, a expectativa de transformações que resultem no surgimento de outras interações com esses enclaves fortificados, dada a sua inexorável existência.

Se de um lado cabe à sociedade exigir a obediência às leis, de outra forma urge também a discussão para uma revisão e atualização da legislação sobre os loteamentos fechados, para solução de conflitos e que não continuem a se estabelecer através de precedentes, jurisprudência ou leis especiais, mas sim a partir de uma normatização clara, ampla e atualizada a ser respeitada.

Às sociedades desses residenciais, ainda frágeis sob o ponto de vista de sua organização, sem história, às quais por ora ignoram-se seus destinos, cabe rever seus propósitos de segregação e alienação aos problemas urbanos sob o risco de

decadência e deterioração tanto das relações internas quanto às externas, à urbanidade como um todo. Enfim buscar uma nova postura baseada nas trocas sociais historicamente verificada nas cidades.

O projeto de arquitetura segue par e passo na mesma evolução. Certamente os modismos, os símbolos de ostentação, a demonstração de poder fazem parte da história da humanidade e persistirão ainda que sob as críticas de intelectuais.

Algum mau gosto e a arquitetura sem qualidade só perdem espaço no crescimento da integração cultural da população, fator referenciado na educação e na justiça social do país.

A crítica da Academia a essa forma de ocupação residencial protegida, abordando questões sociais, geográficas, legais e ambientais entre outras, deve ser vista como um pensamento que antecede a uma nova condição, a uma nova possibilidade para as nossas cidades. Desenvolver essa crítica já é o cumprimento de sua tarefa intelectual. Uma sabedoria que se adquire no ócio de seus pensamentos, capaz de modificar o quadro do possível.

Referência Bibliográfica

Teses e Dissertações:

ARAGÃO, Solange Moura Lima de. **Da persistência de ecletismo nas vilas paulistanas**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. FAU USP, 2000.

CAMPOS, Ana Cecília Mattei de Arruda. **Alphaville, Tamboré e Barra da Tijuca:** as ações programadas e a estruturação do sistema de espaços livres. Tese de Doutorado em Arquitetura. FAU USP, 2008.

D'OTTAVIANO, Maria Camila Loffredo. **Condomínios fechados na região metropolitana de São Paulo:** fim do modelo centro rico versus periferia pobre? Tese de Doutorado em Arquitetura. FAU USP, 2008.

FERREIRA, Clovis Chiezzi Seriacopi. **A casa dos sonhos:** uma avaliação de residências unifamiliares idealizadas, planejadas e empreendidas pelos usuários em Alphaville, Região Metropolitana de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. FAU USP, 2006.

FREITAS, Eleusina Lavôr Holanda de. **Loteamentos fechados**. Tese de Doutorado em Arquitetura. FAU USP, 2008.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da grande São Paulo**. Tese de Doutorado em Geografia. FFLCH USP, 1971.

LOPES, Paulo Adeildo. **Condomínios horizontais e loteamentos fechados:** uma metodologia de avaliação de desempenho de ambientes coletivos, a partir do caso de Londrina, PR. Tese de Doutorado em Arquitetura. FAU USP, 2010.

ROIPHE, Sandra Regina. **Uma análise da evolução do programa de necessidades nas residências do Alphaville Residencial 10**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. FAU USP, 2007.

ROMERO, Auro Moreno. **Alphaville:** ilusão do paraíso. Dissertação de Mestrado em Geografia. FFLCH USP, 1997.

SALGADO, Elizabeth C de O. O **Loteamento fechado no quadro das transformações da metrópole de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. FAU USP, 2000.

SANTOS, Denise Mônaco dos. **Atrás dos muros**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Escola de Engenharia de São Carlos USP, 2002.

SILVA, Adeilson Gomes da. **Município de Barueri:** segregação espacial e clientelismo político na metrópole paulista. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. FFLCH USP, 2002.

TREVISAN, Ricardo Marques. **Condomínios tipo vila em São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. FAU USP, 2006.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América**. Tese de Doutorado em Arquitetura. FAU USP, 1998.

Livros:

ALMEIDA, Renato Darcy de. **O loteamento fechado:** precedentes, conflitos e solução por lei especial. São Paulo: Almeida e Associados Consultores Legais, 2009.

BLOCH, Mark. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros:** crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARGO, Mônica Junqueira de. **Joaquim Guedes**. 1.ed. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

GARREAU, Joel. **Edge City:** life on the new frontier. Anchor Books: New York, 1992

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1997.

HUME, David. **Tratado da natureza humana:** 1711-1776. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF, 2009.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S,M,L,XL**. New York: Monacelli Press, 1995.

MARICATO, Ermínia (org.) **A produção da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa Ômega: 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. A Felicidade Paradoxal, São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SACCHI, Even. Yojiro Takaoka ,O Construtor de Sonhos. 1.ed. São Paulo: ASA Editora, 2003.

Segawa, Hugo. **Oswaldo Arthur Bratke**. 1.ed. São Paulo: Proeditores, 1997.

VILLA, Marco Antonio. **Breve história do estado de São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

XAVIER, Denise. **Arquitetura Metropolitana-Annablume**. São Paulo: FAPESP, 2007.

Legislação:

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Legislação. Leis Ordinárias. **Lei nº 9.785, de 29 de janeiro de 1999, Altera o Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941 (desapropriação por utilidade pública) e as Leis nºs 6.015, de 31 de dezembro de 1973 (registros públicos) e 6.766, de 19 de dezembro de 1979 (parcelamento do solo urbano)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9785.htm> Acesso em: 04 ago. 2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Legislação. Decretos-Leis. **Decreto-Lei nº 9.760, de 5 de setembro de 1946, Dispõe sôbre os bens imóveis da União e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del9760.htm> Acesso em: 04 ago. 2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Legislação. Leis Ordinárias. **Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6766.htm> Acesso em: 04 ago. 2011.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Legislação. Leis Ordinárias. **Lei nº 4.591, de 16 de dezembro de 1964, Dispõe sôbre o condomínio em edificações e as incorporações imobiliárias**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4591.htm> Acesso em: 04 ago. 2011.

PORTAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Leis e Normas. Leis Municipais. **Lei nº 2611, de 20 de junho de 1923, Proíbe a abertura de vias de comunicação em qualquer perímetro do município sem prévia licença da Prefeitura**. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br> Acesso em: 04 ago. 2011.

REVISTAS :

Viver a Vida Alphaville, setembro 2003, São Paulo: Mauro Ivan Marketing Editorial

Sites consultados:

www.alphaville.com.br

www.area-alphaville.org.br

Relação de Fotos

Foto 1: Alphaville Residencial 1 - Fotografia Caio Guatelli, 2009 p.19

Foto 2: Alameda Rio Negro ,ano 1976- Fonte Sacchi, Even (2003) p.32

Foto 3: Alphaville Tenis Clube – Fotografia Caio Guatelli, 2009 p.33

Foto 4: Rotatória de acesso ao Alphaville Residencial 1, ano 1976- Fonte Sacchi, Even (2003) p.34

Foto 5: Portaria do Alphaville Residencial 1, ano 1975- Fonte Revista Viver a Vida Alphaville, setembro 2003 p.37

Foto 6: Centro Comercial Alphaville- Fotografia Caio Guatelli, 2009 p.38

Foto 7: Vista aérea de Alphaville- Fotografia Caio Guatelli, 2009 p.42

Foto 8: Edifícios corporativos em Alphaville- Fotografia Caio Guatelli, 2009 p.45

Fotos 9, 10 e 11: Residência e estúdio no Morumbi, Arquiteto Oswaldo Arthur Bratke- Fonte Segawa, Hugo (1997) p.50

Fotos 12, 13, 14 e 15: Residência Alameda Alemanha 141- Fotografias cedidas por Sueli Adorni p. 51 e p.52

Fotos 16, 17, 18 e 19: Residência Alameda Grécia 195- Fotografias Caio Guatelli p. 53, p.55 e p.56

Fotos 20, 21e 22 : Residência Alameda Suécia 388- Fotografias Caio Guatelli p.57, p.58 e p.60

Fotos 23, 24, 25 e 29: Residência Alameda Suécia 428- Fotografias Caio Guatelli p.62, p.63, p.64 e p.66

Fotos 26, 27 e 28: Residência Mariani, Arquiteto Joaquim Guedes- Fonte Camargo, Mônica Junqueira de (2000) p.65

Fotos 30 e 34: Residência Alameda República Dominicana 126- Caio Guatelli

p. 67e p.71

Fotos 31, 32 e 33: Residência Alameda República Dominicana 126- Fotografias cedidas por Maria Gloria Battista p.67 e p. 68

Fotos 35, 36, 37, 38 e 39 : Residência Alameda Espanha 88- Fotografias Caio Guatelli p.72, p.73, p.75 e p.76

Fotos 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47: Residência Alameda Alemanha 141- Fotografias cedidas por Sueli Adorni p.77, p. 78e p.81

Fotos 48 e 49 : Residência Alameda Argentina 98- Fotografias Caio Guatelli p. 82 e p.83

Fotos 50, 51 e 52: Residência Walter Galera, Arquiteto José Salles Costa Filho- Fotografias Caio Guatelli p.85

Foto 53: Residência Alameda Paris- Fotografia Mauro Guatelli p.87

Foto 54: Residência Alameda Suécia- Fotografia Mauro Guatelli p.88

Foto 55: Residência Alameda Portugal- Fotografia Mauro Guatelli p.88

Foto 56: Residência Alameda Rep. Dominicana- Fotografia Mauro Guatelli p.89

Foto 57: Residência Alameda Grécia- Fotografia Mauro Guatelli p.89

Foto 58: Residência Alameda Polônia- Fotografia Mauro Guatelli p.90

Foto 59: Residência Alameda Argentina- Fotografia Mauro Guatelli p.90

Foto 60: Residência Alameda Suissa- Fotografia Mauro Guatelli p.90

Foto 61: Residência Alameda Suissa- Fotografia Mauro Guatelli p.91

Foto 62: Residência Alameda Inglaterra- Fotografia Mauro Guatelli p.91

Foto 63: Residência Alameda Brasil- Fotografia Mauro Guatelli p.92

Foto 64: Residência Alameda Polônia- Fotografia Mauro Guatelli p.92

Foto 65: Residência Alameda Luxemburgo- Fotografia Mauro Guatelli p.93

Foto 66: Residência Alameda El Salvador- Fotografia Mauro Guatelli p.93

Foto 67: Residência Alameda França- Fotografia Mauro Guatelli p.93

Foto 68: Residência Alameda Bélgica- Fotografia Mauro Guatelli p.94

Foto 69: Residência Alameda Suécia- Fotografia Mauro Guatelli p.94

Foto 70: Residência Alameda Inglaterra- Fotografia Mauro Guatelli p.95

Foto 71: Residência Alameda Escócia- Fotografia Mauro Guatelli p.95

Foto 72: Residência Alameda Portugal- Fotografia Mauro Guatelli p.96
Foto 73: Residência Alameda Noruega – Fotografia Mauro Guatelli p.96

Foto 74: Residência Alameda Londres- Fotografia Mauro Guatelli p.96

Foto 75: Residência Alameda Portugal- Fotografia Mauro Guatelli p.97

Foto 76: Residência Alameda Áustria- Fotografia Mauro Guatelli p.97

Foto 77: Residência Alameda Peru- Fotografia Mauro Guatelli p.98

Foto 78: Residência Alameda Argentina- Fotografia Mauro Guatelli p.98

Foto 79: Residência Alameda Equador- Fotografia Mauro Guatelli p.99

Foto 80: Residência Alameda México- Fotografia Mauro Guatelli p.99

Foto 81: Residência Alameda Polônia- Fotografia Mauro Guatelli p.992

Relação de Figuras

Figura 1: Expansão Da Área Urbanizada, Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: Emplasa- Plano Metropolitano da Grande São Paulo 1993/2010

In : Salgado,2000 prancha 02 p. 7

Figura 2: Residência Alameda Alemanha 141- Planta p.48

Figura 3: Residência Alameda Alemanha 141- Etiqueta Projeto para Aprovação

Prefeitura de Barueri p. 49

Figura 4: Residência Alameda Alemanha 141- Cortes e fachadas p.51

Figura 5: Residência Alameda Grécia 195- fachada p.53

Figura 6: Residência Alameda Grécia 195- implantação e planta p.54

Figura 7: Residência Alameda Grécia 195- fachadas p.55

Figura 8: Residência Alameda Grécia 141- corte p.55

Figura 9: Residência Alameda Grécia 141- corte p.56

Figura 10: Residência Alameda Grécia 141- Plantas pav. térreo e superior p.556

Figura 11: Residência Alameda Suécia 388- implantação p.58

Figura 12: Residência Alameda Suécia 388- Plantas pav. Térreo e superior p.59

Figura 13: Residência Alameda Suécia 388- Fachada principal p.60

Figura 14: Residência Alameda Suécia 388- Cortes transversais p.61

Figura 15: Residência Alameda Suécia 388- Corte longitudinal p.61

Figura 16: Residência Alameda Suécia 428- Implantação e planta pav inferior p.63

Figura 17: Residência Alameda Suécia 428- Plantas pav. Térreo e mezanino p.64

Figura 18: Residência Alameda Suécia 428- Corte p.66

Figura 19: Residência Alameda Rep. Dominicana 126- Implantação p.68

Figura 20: Residência Alameda Rep. Dominicana 126- plantas p.69

Figura 21: Residência Alameda Rep. Dominicana 126- Fachada p.70

Figura 22: Residência Alameda Rep. Dominicana 126- Corte p.71

Figura 23: Residência Alameda Espanha 88- Implantação e planta pav. Inferior p.73

Figura 24: Residência Alameda Espanha 88- Plantas pav. Térreo e superior p.74

Figura 25: Residência Alameda Espanha 88- Fachada e cortes p.75

Figura 26: Residência Alameda Alemanha 141- Planta p.79

Figura 27: Residência Alameda Alemanha 141- Fachadas p.80

Figura 28: Residência Alameda Argentina 98- Implantação e fachada p.83

Figura 29: Residência Alameda Argentina 98- Planta e Corte Longitudinal p.

Figura 30: Residência Alameda Argentina 98- Fachadas laterais e corte p.

ANEXOS

Entrevistas realizadas com moradores de Alphaville em fevereiro e março de 2011. A transcrição mantem o tom coloquial dessas conversas.

Aparecida Maria Meira Rivetti

Thomaz Dierickson

Tais Cavini Rodrigues

Guilherme Mendes

Aparecida Maria Meira Rivetti

Alameda Grécia, n°195 Aphaville 3 – Santana do Parnaíba/SP

MAURO: Cidinha em que ano você veio pra cá?
CIDINHA: Lembro. Nós viemos em 1978, conhecemos o empreendimento.
M: Tava bem no começo ainda?
C: Muito no começo. É. Tinha terraplanagem em tudo ainda. No 1, no 2...
M: Já tinha gente morando quando vocês vieram?
C: Poucas pessoas morando. Muito pouco. Já tinha a Dona Lazinha. É. E nós viemos porque? Tínhamos vindo ver um sítio em Itapetininga, não gostamos do sítio. Na volta nós resolvemos parar no empreendimento porque já tínhamos ouvido falar do (...) e (...)[4] moravam no mesmo prédio do Takaoka e paramos. E foi o próprio (...) Takaoka que nos atendeu. Voltamos e fechamos com ele o negócio e ele perguntou para o Luís Antonio assim: "Como é que você quer pagar? Quanto que você pode pagar? (risos) Foi, foi... Porque a gente tava querendo sair do apartamento realmente e tínhamos procurado uma chacarazinha no Pico do Jaraguá.
M: O sítio vocês resolveram pra morar?
C: Não. Pra ter um lugar pra onde ir.
M: Vocês moravam no prédio...?
C: Na Mourato Coelho, ali em Pinheiros, na Vila Madalena.
M: E já tinha a Camila e o Caio?
C: Já tinha a Camila e o Caio.
M: Cássio ainda não.
C: É. A gente queria sair do apartamento, o Dr. (...) que era chefe (...) morava no Pico do Jaraguá e nos ofereceu uma chacarazinha lá perto. A gente foi ver. Maravilhoso. Não conseguimos fechar negócio porque o proprietário a cada momento mudava os planos. Aí resolvemos partir para um sítio. Ficar no apartamento... "Ah vai, vamos pra um sítio no final de semana..." Aquela idéia de "Ah, eu tenho que voltar pra Itapetininga! É minha terra! É lá que eu quero voltar..." E no fim paramos aqui na volta, no meio do caminho, e acabamos nos empolgando... Foi gostoso. Aí quando você fecha um negócio assim, vem uma expectativa grande, uma vontade...
M: Vocês voltaram de Itapetininga, pararam no empreendimento e já fecharam o negócio?
C: Não. Daí a gente voltou num final de semana de novo. (...) analisar a proposta. Mas eu me lembro que foi assim: o Luis Antonio num primeiro momento falou que a gente não tinha condições e tal. Ele falou: "Não, mas quanto você pode pagar?" primeiro.
M: Sei. O que atraía era o espaço, a área verde?
C: A vontade era sair do centrinho de São Paulo, do movimento. Ainda que naquela época a Mourato Coelho era super tranqüilo, mas era ter quintal, ter espaço de rua para as crianças brincarem... Um pouco assim do resgate da minha vida do interior, né? Que na verdade a gente não encontra porque as condições são muito diferentes, né? Muito embora as crianças tenham crescido realmente em liberdade... podido aproveitar...
C: Foi. Foi.
M: Cidinha, vocês compraram o terreno daí já começaram a pensar em fazer um projeto pra...?
C: É. No mesmo instante a gente já... O Luis Antonio tinha esse primo, o Osmar (...), que fazia projeto pra família toda sempre, desde lá do Alto da Lapa, os primos, tal... E fomos conversar com ele. Ele fez o projeto consultando qual era a nossa expectativa, quantos filhos... Na época eram só dois e eu não pretendia o terceiro... A gente queria uma casa térrea, pequena. Eu não queria nada voltado para

a rua, queria ter um quintal onde a gente pudesse ficar mais preservado e... Sempre sem um quintal, né Mauro? Nunca de um jardim. Enfim acabou: a piscina e o jardim.
M: Uma nova versão do quintal.
C: É, uma nova versão do quintal. E aí, assim, a gente curtiu muito o projeto: tijolinho, concreto... O Luis Antonio deu bastante palpite. Ele ouviu bastante a gente. Eu queria cozinha na frente. Eu queria sala voltada para o fundo. Quer dizer, hoje eu penso já diferente. Mas naquela época foi do jeitinho que a gente quis.
M: E ele foi desenhando e vocês foram acertando o projeto?
C: Isso.
M: Você lembra quantos metros tinha essa primeira... a casa antes da reforma?
C: 240... por aí...
M: Perfeita para vocês?
C: É, perfeita pra gente. Perfeita. Era três dormitórios, uma sala de TV, uma sala de jantar, uma sala de estar, tinha um escritório na entrada, tinha um buraco que a gente chamava "buraco da lareira", uma salinha de almoço, cozinha e lavanderia, enfim tranqüilo pra gente. Um espaço bom no quintal, né? Nós tínhamos um quintal. O terreno era de 750 metros... por aí... de esquina.
M: E vocês mudaram pra cá no ano de...?
C: 79! Um ano depois...
M: E você resolveu abrir a escola no ano de 80 ou 81?
C: 81. Em 81 abrimos uma escola.
M: E não era o teu plano abrir uma escola em Alphaville?
C: Não, não! Isso nasceu depois, né? Com a necessidade das mães... E como mamãe já trabalhava em escola e o pessoal associou... A gente levava o Caio e a Camila pra São Paulo, pra escola... Enfim, a mamãe tinha investido num terreninho comercial aqui e aí a gente resolveu.
ES: Nesse?
C: Não, na Araguaia. Lembra? Então foi assim, Mauro, a gente curtiu muito a obra. Tinha um primo do Luis Antonio que ele não era empreiteiro, vamos dizer, ele construía e ele resolveu assumir a obra pra gente, ele se ofereceu.
M: Sei. E o Osmar (...) ver a obra?
C: Vinha. O Osmar era bastante presente.
M: Vocês modificavam o projeto durante a obra?
C: Não.
M: Não? Como foi concebido, foi executado? Sei.
C: É. Ficou do jeitinho que a gente queria. É, um sonho. Só não deu pra mobilhar, não deu pra... Sabe?
M: Daí trouxeram os móveis...
C: Trouxemos os móveis da Mourato Coelho e... o que aconteceu? A casa ficou vazia, né Mauro? Só enchemos os quartos. Num dos quartos eu quis cama de alvenaria, né? Então aí sala de jantar, sala de estar... tudo vazia. E as crianças andavam até de bicicletinha...
M: E nesse tempo na Al. Grécia você não tinha vizinho quase nenhum?
C: Eu tinha a Maria Clara na frente... (telefone) casada com o Augusto Reis. Tinha, mais acima, a Marlene, mãe do Marcio, mãe da Manuela. Tinha a Baccelli que acho que veio um pouquinho depois, a Ana Baccelli.
M: E nesse tempo que você chegou aqui em Alphaville, nas compras você tinha que se organizar de outra forma? Não tinha mercado na porta...
C: Não existia absolutamente nada. A única coisa que me surpreendeu: no dia seguinte que a gente mudou no dia 23 de setembro, no dia 24 tinha leite e pão na minha porta sem que eu tivesse pedido. E aí eu passe a receber diariamente. É lógico que veio com o cartãozinho do Cláudio. E aí a gente passou por anos, por muitos anos, né? Não tínhamos absolutamente nada. Era uma novidade também fazer compra no CEASA, ir na padaria em Barueri...
M: Você comprava no CEASA pra tua casa só?
C: Não. Nós nos reuníamos e comprávamos pro grupo, né?

M: A reunião era ali no Redondo?
C: A reunião era no clube pra compra e distribuir as tarefas, né?
M: E a distribuição que era no Redondo?
C: E a distribuição era no Redondo inicialmente. Depois passou a ser na garagem das casas. Aí a gente servia pinga...
M: Você que comprava?
C: A gente variava um pouco. Um tinha uma Combi porque minha sogra tinha um sítio que tinha uma Combi e a Combi acabou ficando aqui em casa. E eu ia de Combi pro CEASA.
M: E você comprava o que?
C: Às vezes laranja, às vezes... Laranja enchia a Combi. "Você vai compra tantas caixas de laranja. Você, tantas caixas de alface..." Tudo! Porque essa reunião no clube... Alias quando a gente mudou pra Alphaville, quando compramos o terreno, a gente ganho o título do clube e Luis Antonio ganhou um telefone porque disse: "Ah! É muito longe pra vir... Eu sou médico, eu preciso de telefone..." – "Tá lá já o telefone.." Era assim: pá-pum, sempre conversando com o (...) Takaoka.
Ganhei a grama. Ganhei o gramado da minha casa. Ele gramou a minha casa também. Mas o legal no clube era assim: a gente se organizava legal. A gente... Ah, eu não vou me lembrar o nome... Carlos era um deles. Carlos veio depois. Mas era o que tinha o casalzinho de filhos gêmeos... Ele levava o Estadão com aquela cotação dos preços de mercado, tudo, e aí ele estabelecia o que a gente ia comprar, geralmente as coisas da época, e a distribuição do que quanto cada um tinha que dar. Daí nesse dia no clube, a gente levava o dinheiro, redistribuía o dinheiro e aí eu ia lá com o dinheiro buscar as laranjas.
M: Alguém comprava a verdura, alguém compra a laranja... Aí você comia verdura que nunca tinha comido na vida? Não era hábito...
C: Ah, sim. Era o que tinha lá.
M: Tinha (...) de alguma forma lá.
C: É. Muito legal. Às vezes a gente ia comprar em duas, ficavam duas pessoas responsáveis por algumas coisas. A gente ia em dois pro CEASA, né? E aí na volta era isso: distribuía ou lá no Redondo ou nas garagens. Não ficamos muito tempo no Redondo, não. Era divertido...
M: Os contatos sociais aqui, o relacionamento social, surgiu a partir dessas reuniões do CEASA, no clube?
C: Sim.
M: Foi aí que você começou a ver a necessidade de uma escola?
C: Não. Realmente fui alertada pelos outros porque eu tinha escola em São Paulo, onde a mamãe era diretora. Pra mim, nunca cogitei de não levar lá nessa escola... Aí as mães que ficavam aqui com filhos menores até, que iam pro clube, que levavam os filhos pro clube... – O Takaoka providenciou também o lazer no clube, não é? – Aí que elas fizeram a relação: "Porque você não abre uma escola?" E foi assim.
M: O deslocamento pra São Paulo nessa época era muito tranqüilo, não era?
C: Não, Mauro. A gente pegou todas as fases, né? Era logo o caminho. Não tinha o cebolão, né? Pegamos a obra do cebolão e eu tinha um fusca! Um fusca ver limão. E o Cássio nasceu aqui, né? Foi a surpresa que antes de mudar eu estava grávida! Eu engravidei em julho e mudei em setembro... Aí eu levava as crianças e comecei a revezar com a minha vizinha, Maria Clara, que resolveu por as crianças na mesma escola pra gente revezar, né? Ela já trabalhava em São Paulo como psicóloga e até hoje tem clínica em São Paulo. Ela levava as crianças pra escola e eu ia buscar à tarde no Alto da Lapa, no Santo Ivo.
M: E era perigoso o caminho? Você achava? No escuro?
C: Não, não tinha medo. Não tinha medo nenhum. Uma ocasião, eu tava com o Cássio bebê no carro e voltando estourou um pneu do fusca. Não havia celular, segurança... nada.
M: Já tinha iluminação na Castelo Branco ou não?
C: Não, não tinha nada. Aí, enfim, tive que pedir ajuda pra... Parei o carro, pedi pra que as crianças ficassem dentro. O Cássio chorava, chorava, chorava, tirei o peito, dei de mamar pra ele... Tentei de todas as maneiras eu mesma trocar. Pra mim não era difícil, acontece que o suporte onde coloca o

macaco estava amassado, eu não consegui entrar. Pedi pra para, ninguém parava pra ajudar. Os caminhões passavam, só faltava levar a gente junto. Daí uma Combi... (café) com um monte de... talvez evangélicos, umas pessoas simples assim, e me ajudaram a trocar com a maior generosidade e tal...
M: O Doutor achava muito distante o trabalho dele ou não?
C: Não, nunca achamos. As pessoas dizem assim: "Ah! Mas você moram longe!" Nunca achamos. E continuamos achando fácil e hoje tá... O problema é o trânsito, né? Aí na década de 80, né Mauro, eu enfrentei muito trânsito pra ir (...). Eu fui diariamente a São Paulo. Eu fui diariamente a São Paulo depois do almoço...
M: Até a privatização da Castelo Branco? Até a duplicação?
C: Até 95 /96 eu tava levando o Cássio... Mauro, eu acompanhei todas essas fases do super trânsito...
(pausa pessoa)
M: Daí nesses anos de trânsito horrível, antes de (...) a Castelo Branco, ficou um negócio pesado. Daí o transito aqui pra ir até São Paulo...
C: Mauro, quando a gente pegou a construção no Cebolão foi um horror, um horror. Porque aí paravam o transito, ficava aquela sirenes, explodiam as pedras e a gente tinha que ficar realmente parada.
M: Aí depois melhorou as coisas?
C: Aí depois melhorou.
M: Aí depois de uns dez anos piorou de novo?
C: ...aí piorou de novo, piorou de novo.
M: Até a duplicação da Castelo Branco veio (...)...
C: Sim. A marginal ajudou bastante. Mas dessa época pra lá eu freqüentei pouco já São Paulo.
M: E o crescimento de Alphaville, como você vê esses anos todos? Dá pra você fazer um relato do que você sentiu?
C: Então, a gente vem pra cá com essa expectativa de ficar num bairro residencial, de casa simples, térreas, o pessoal na mesma condição sócio-cultural, enfim. E aí, de repente, vem o primeiro prédio. A gente não quis acreditar, mas ele veio, ele ficou, e assim foi sem parar. Sem parar... Hoje me incomoda muito, me desagrada muito, porque eu compartilhava com o Takaoka esse romantismo. (telefone) Então, Mauro, você vai se decepcionando, porque as coisas vão acontecendo descontroladamente, né? E você vai perdendo aquela ingenuidade, vai, porque é um pouco de ingenuidade...
M: Tinha uma expectativa realmente de que fosse residencial isso aqui?
C: Tinha.
M: Você nunca tinha imaginado que isso ia acontecer?
C: Eu nunca tinha imaginado. Eu nunca tinha imaginado. Era uma novidade muito grande...
M: Quando você olhava aquele verde no entorno, você achava que aquilo era um verde a ser preservado?
C: A ser preservado.
M: Não achava que ia ser ocupado?
C: Não. Era uma coisa estranha que assim dentro dos residenciais que nos... incomodava não, mas assim a gente observava eram aquelas árvores minúsculas, pequenininhas... A gente dizia: "Será que a gente vai vê-las grandes um dia?" Gente! Porque é uma devastação total, pra depois uma recomposição desses ambientes, então agora que eu vejo tudo grande eu digo: "Não é que chegou a hora?" Né? Trinta anos depois elas estão aí... caído algumas. Mas no início ficava uma sensação de uma coisa... É igual ao jardim da gente, né? Você faz e parece que não vai. Você quer encher de planta e não vai. De repente, aquilo aparece. Ainda acho bom apesar de todo esse crescimento desordenado realmente. Daí a gente percebe ganância mesmo do mercado...
M: Falta talvez de planejamento. Não foi planejada uma área, né?
C: Não foi. Eu acho que realmente a decepção do Takaoka que é notória, todo mundo sabe, ele se retirou de Alphaville, ficou a Aldeia, porque ele queria aquilo, uma coisinha mais...

M: Vocês tinham uma relação mais de amizade /estreita com ele?
C: É, porque naquele começo ele morava aqui, ele morava lá na Manaus residencial também. Ele mudou-se pra...
M: E a sua escola de alguma forma contribuiu pra consolidação do condomínio.
C: Tive um contato grande também... Sim. Sim. Tanto que quando a gente foi solicitar a compra de um outro terreno lá na Araguaia, porque tudo aquilo ainda era deles, ele que sugeriu que a gente viesse pra cá já...
M: Imaginando a expansão pra esse lado...
C: Imaginando a expansão pra esse lado. A gente se assustou muito porque aqui era absolutamente ermo, deserto. Nós convivemos com as cobras, com os veadinhos que vinham mexer do lanche... No lixo, não no lanche, no lixo. Havia falta de acesso, de ônibus, de transporte para os funcionários. Tudo isso foi bem difícil. Acho que de alguma maneira a gente contribuiu até pra trazer ônibus pra cá. Fomos nós que trouxemos, né?
M: E além do crescimento, você percebeu alguma mudança de perfil na população?
C: Ah! Totalmente! Totalmente. Desapareceram os nossos amigos. Hoje eu vivo aqui como eu viveria em São Paulo. Eu não conheço meus visinhos, com exceção da Maria Clara, só e exclusivamente Maria Clara. Eu sei que a Marlene ainda mora na rua, mas mudou-se; vez ou outra eu a vejo. Vejo também a...
M: Muitos amigos foram embora?
C: Muitos amigos foram embora, né? A população do residencial já mudou, já não tem mais crianças quase... Começa a voltar agora... Tem até o movimento dos filhos...
Os filhos tão voltando com filhos, né? Mas é uma mudança muito grande. O perfil de hoje é um perfil de gente de poder socioeconômico alto, né? E poucas aspirações culturais... Porque no início, Mauro, nós tivemos a tentativa, lembra? Uma casa de chá com livraria. Não é? A gente tinha umas iniciativas que realmente todos compartilhavam. Hoje sumiu! Aqui nunca vem uma livraria boa. Até hoje a gente não tem porque não tem consumo, não tem quemné? Eu realmente não uso o comércio de Alphaville. Realmente não uso. Quer dizer, a não ser supermercado. Eu ainda vou à São Paulo, vou ao Shopping Vila Lobos, porque pra mim é passagem fácil, né?
M: Você caminha pelo residencial ou não?
C: Caminho. Eu acho ainda uma delícia. Menos do que eu queria (...), mas eu gosto de caminhar.
M: Você sente falta de praças, de alguns lugares públicos assim ou não?
C: Se eu tenho fotos? Ah, se eu sinto falta? Eu ainda gosto. Eu procuro me ligar na vegetação, nos pássaros... Hoje a gente tem...
M: E as pessoas se encontram na rua mesmo...
C: Então, né Mauro, se encontram muito pouco. Realmente muuuito pouco. E quando eu encontro, eu não conheço ninguém mais. É raro, né?
M: As pessoas, você acha, têm um ponto de encontro aqui em Alphaville?
C: Não sei, Mauro. Eu vejo lá no meu residencial, quando eu saio pro trabalho, tem uma esquina ali da rua do clube que tem um banco e eu vejo que ali se reúnem alguns moradores, alguns talvez antiiiigos... Tem aquele espanhol... Qual era o nome... filho da Cristina. Ramon! Com o cachorrinho, o outro com o cachorro. Homens! Eu vejo homens ali pela manhã... diariamente! A sensação é de que eles andaram e sentaram-se ali. É... Não sei. O Clube, eu deixei de freqüentar. Eu sei de muita gente que freqüenta o clube. Eu... A minha vida foi um pouco mais pra São Paulo, né Mauro, porque Luis Antonio trabalhando lá, o Cássio... o esporte aí nos levou muito pra lá, os fins de semana lá... Eu socialmente...
M: Você nunca pensou em mudar pra São Paulo? (...)
C: Já. Ninguém quer.
M: Só você? Ou você ainda quer ou não?
C: Não... Nos tempos de enfrentar trânsito difícil, tudo, eu perguntei pro Luis Antonio: “Porque? Vamos todos pra lá! Agora já estão todos grandes. EU venho trabalhar. Eu venho no contra-fluxo e tal.” Não, o Cássio.. o Caio foi o mais resistente, porque o Caio foi o último a casar...

É... “Não, não!” Por que? Porque ele chegava, pegava a bicicleta... Tem a turma que anda de bicicleta à noite, que é o Sebastião e a Sônia, não é? Tem uma turminha antiga. O Caio andava com eles.
M: E o Caio quando casou ele queria morar aqui em Alphaville?
C: Ele queria morar aqui. Tanto que esse apartamento que a gente acabou comprando, foi pensando no Caio que já tava bem assim namorando firme e tal, mas a Juliana resistiu. Hoje eu acho com razão. Eles estão num lugar ótimo.
M: Ele gosta de São Paulo? Não pensa em voltar pra cá?
C: Gosta. Não, não pensa.
M: A Camila mora aqui porque trabalha aqui na escola?
C: A Camila mora aqui pelas circunstâncias. Se pudesse também, ela iria (...)
M: Agora você tem uma visão de... Você atende a essa meninada há trinta anos. Esses meninos viraram pais de família hoje... E você acha que em geral eles querem Alphaville?
C: Estão voltando! Eles querem Alphaville!
M: A maioria?
C: Eu não sei, mas eu tenho recebido muitos alunos, ex-alunos, com filhos! Sabe os irmãos Melhado? Vinícius Melhado, (...)... Não, eles não eram trigêmeos, os Melhado... (...) O Gabriel Pereira de Freitas está aqui, a Carol Carvalho que a mãe era a dona daquela... é a dona... Elaine... da lingerie... Quem mais? O irmão da Rosana Sanches tá aqui de volta... É, tem uma turminha boa!
M: Você sabe que esses garotos criaram uma associação aqui no Alphaville?
C: Ah é? Não, não conheço... Ah... Já sei! Foi um ex-aluno também.
M: Isso. É uma segunda geração que voltou e está aqui também.
C: Sim, acho que o filho da Marlene está aqui também...
M: Mas você vê um movimento pra continuar morando aqui? Essa nova geração? (...)
C: Eu acredito que sim. Quem cresceu aqui, dentro daquele ambiente gostoso, acho que também aspira isso. Porque também é bom, né Mauro? Ainda dentro do residencial é muito bom. Eu não saio mais daqui. Esses dias eu não tenho nem saído pra almoçar por conta do calor. Eu peço uma saladinha aqui... Mas o trânsito realmente não anima. Eu poderia almoçar em casa; eu estou a 6 km da minha casa. Outro dia eu levei 45 minutos pra ir... Porque qualquer coisa é (...), né?
M: Você tem uma vida que você tem a casa aqui, a escola aqui, a fazenda... E sobra tempo pra São Paulo, pra aproveitar o cinema...?
C: Não, não. Mas eu acho que é um pouco de comodismo de nossa parte. Eu acho que é assim, eu to vivendo hoje essa circunstância de ter os netos em casa, eu adoro ficar com eles e a família tá aproveitando também. E o Luis Antonio também é muito caseiro. A gente tem assistido filme em casa...
M: Em São Paulo... Quais as necessidades que São Paulo te atende?
C: Então, a gente retorna a São Paulo pra um evento social, um casamento... Essa semana a gente teve um, vai ter outro agora... Luis Antonio ainda freqüenta o clube, ele é conselheiro da hípica, então ele tem as reuniões, ele tem o grupinho dele lá que eu chamo “clube do bolinha” porque eles vão tomar vinho e às vezes se reúnem fora da hípica também... Eu raramente vou a São Paulo. Eu vou ao cabeleireiro a cada dois /três meses que ainda é em São Paulo... Eu também acho que Alphaville também não conseguiu fazer... Eu não sou exigente, mas é... eu não tenho... Mas assim falta algo nisso de Alphaville, né? (...) foi embora...
M: A vida cultural aqui... você se...
C: Não, não me encanta, não tem nada, não atende. Não gosto de ir ao cinema aqui, não gosto de...
M: Você vai a São Paulo?
C: Vou, vou. De vez em quando eu vou a São Paulo com o Luis Antonio assistir um filme ou uma coisa diferente. Fui assistir um concerto. Vocês foram ver? Ah, tá lindo. Tem que ir. Enfim, então é isso, Mauro, é pouco. Eu especialmente vou muito pouco a São Paulo. Luis Antonio vai todos os dias, trabalha e quando chega ele não quer voltar. A gente vai à pizzaria, (...) Esperança, porque a gente gosta muito de ir aos fins de semana. Às vezes, quando dá, a gente vai, né? À um restaurante

gostoso também, às vezes, de vez em quando, pra jantar. O Hélio e a (...) estão sempre convidando "Vamos comer um peixe!" não sei a onde e tal...
M: Livraria é em São Paulo...
C: Ah, livraria é sem dúvida! *Cultura* direto, né? É o lugar... Luis Antonio para no Shopping porque a gente marca um ponto lá... ele fica na Cultura, né? As crianças já se acostumaram também...
M: E a sua casa que foi projetada a 30 anos atrás... Sua família cresceu, casaram, vieram os netos... Ela ficou grande? Ela tá adequada?
C: Eu acho que ela é enorme, se você saber... É. Hoje ela...
M: Grande? Você fez uma reforma... Fizeram uma ampliação...
C: Então, (...) dez anos depois. Em 1989, eu fiz uma reforma. Nós construímos mais duzentos e tantos metros... Ficou com quatrocentos e poucos metros a casa... É assim bobagem. Falta de... A gente achou que "Ah, vamos fazer uma casa maior!" Eu tinha comprado um *flat* e aí não dei conta de pagar o *flat* e fazer a reforma. Hoje eu me arrependo. Eu podia tá com um *flatizinho* aí servindo...
M: Você chamou (...) novamente pra fazer a reforma?
C: Novamente o Osmar, né? E entreguei totalmente, porque eu não sou muito afeita a cuidar de obra, não tenho a menor paciência, jeito. Não tenho também um olhar estético legal, sabe? Eu acho que eu sou muito objetiva assim e não...
M: Não fica preocupada com isso?
C: É, não me preocupo. Eu sei o que é bonito, sei o que é feito, mas pra mim o prático está bom. Então a gente fez a reforma. Eu acho que atendeu, ficou legal, mas eu estou com cinco dormitórios...
M: E agora com seus filhos? Todos casaram...
C: Todos casaram, né? A Camila voltou. Fiquei por um curto período eu e o Luis Antonio sozinhos em casa. Sozinhos, sozinhos numa casa de cinco dormitórios, só o casal. Então aí ficam cômodos da casa que você nunca mais visita, não entra. Sorte assim: os meninos estão sempre presentes e agora com a Camila e os meninos morando lá passamos a ocupar de novo a casa por inteiro mesmo, porque os meninos ocupam TUDO. Na sala de jantar está lá o computador e eles estão jogando *play station* e não sei o quê... e eu acho ótimo porque também tem que usar... E o Cássio que vem de fora também tem um quarto pra ele, um banheiro pra ele. Agora minha casa já tá precisando de novo... Tem 20 anos essa reforma, né?
M: Não é reforma, é manutenção.
C: Uma manutenção, né? (...) o concreto tá feio... Ah, tá tudo feio...
M: E a Camila vai pro apartamento dela?
C: Ela vai.
M: A expectativa é que você volte a morar só com o Luis Antonio.
C: Isso. Mas que eu acho ótimo também. A gente...
M: Não, morar com ele eu acho que deve ser ótimo mesmo. (risos) Mas a casa desse tamanho pra vocês dois?
C: Mauro, mas você sabe que eu não penso em sair?
M: Então é só fechar a porta e pronto? (...) dos lugares e pronto?
C: Porque é assim: eu vejo que os meninos têm uma ligação muito forte com a casa; o Cássio, especialmente, porque nasceu lá.
M: Os quartos foram todos lá pra cima ou não?
C: Não. Eu temo três quartos embaixo e dois em cima.
M: Seu quarto é aonde? Embaixo ou em cima?
C: Em cima. Enfim, seu eu fosse mais envolvida, a reforma teria... Hoje... A gente sempre vai achando outras necessidades, né? O Cássio gosta muito da casa; é onde ele nasceu, onde ele viveu até eles se casarem agora, e ele já redistribuiu os bens da família, né? É muito engraçado: "Mãe, a fazenda você dá pro Caio, a escola você dá pra Camila e eu quero ficar com a casa, tá?" (risos) E vem um povo de família também... Meus pais fizeram poucas trocas: a gente veio do interior pra cá, moramos, (...).
M: Você tem dificuldade pra fazer troca?
C: Então eu acho que eu tenho essa dificuldade...

EM: (suspiro) Ai que sofrimento...
C: É. Não, não sei... A gente se adapta... Eu acho que...
M: (...) Tem gente que tem dificuldade e tem gente que é mais vira-lata, né?
C: Também assim... O Luis Antonio... Ah é! Tem gente que é impressionante. O Luis Antonio: "A gente não vende nada!" Não se vende. O que se tem não se vende, entendeu? Porque minha sogra sempre viveu assim: o que tem não vende, rende aquele aluguelzinho lá e é com aquilo que ela dá conta de viver. E a gente tem assim visto na família gente que fica de troca, troca, troca e cresceu muito. O (...) e a Cristina estão muito bem, né? Mas acho que eles estão na sexta casa aqui em Alphaville. Eles fazem, vende, fazem, vende; a última casa que eles fizeram no Tamboré...
M: Isso não é negócio pra vocês...? Seu negócio é a escola e o Doutor é a medicina. Pronto.
C: Pronto. É.
M: A fazenda também não é negócio. É pra viver, né?
C: Nada. É prazer. É tudo pra curtir, né? Mas é assim, o meu desejo hoje era fazer uma boa manutenção na casa, limpar o concreto... É. Permanecer aí. Até porque eu acho que no futuro eu vou receber sogro e sogra, Mauro. A mamãe não. A mamãe já está vendo o (...)[5] pra ela e enfim... Mamãe não se submeteria a ficar, mas meu sogro especialmente... Não sei, pode ser.
M: (...) Das coisas que te incomodam você consegue sublimar...
C: Ah, tranqüilo, Mauro. Porque, assim, eu me transformei como pessoa. Não é anti-social, sabe? Outro dia eu tava vendo um conceito interessante que de Jung que é o conceito da individuação que você só atinge com a maioridade: "Eu me basto. Eu não preciso mais tanto dos outros..." E eu fui como jovem... Ah, eu vivia lá na tua casa e tinha que tomar café, e tinha que... Hoje eu não sinto mais necessidade disso. As crianças dizem: "Pô! Vocês ficaram caseiro, vocês não saem mais... Cadê as festas? Não faz mais festa em casa?" A festa agora é da família, é o Natal, foram os batizados, né?
M: E tinha muita festa na sua casa?
C: Tinha muita festa em casa...
M: Festa da fantasia...
C: E gincana, Mauro? É gincana... Mas, assim, eu acho que eu vivo cada fase deixo para trás sem sentir. É... Eu vivo bem aqui. E outra: hoje tá melhor viver aqui num sentido de que você consegue mais esse anonimato. Sabe aquele: "É a Cidinha.", -"Cidinha", -"Cidinha", - "Cidinha"... Ninguém me conhece mais... Ninguém me conhece mais.
M: Isso é gostoso também.
C: Não é uma delícia?
M: Eu senti isso indo pra São Paulo. Adorei ser anônimo.
C: Ser anônimo, né... Porque eu vim de Itapetininga, onde você tinha uma identidade muito forte, né? "A filha do Ribeiro!"... Chega aqui em São Paulo você não é nada, aí vim pro Alphaville e ganhei...
M: "O marido da Cidinha que operou o marido da Margô..."
C: É, "o marido da Cidinha"... Alphaville tinha isso também, né?
M: E você consegue imaginar alguma coisa, alguma sugestão, alguma coisa pra essa sociedade, pra essa associação desses meninos trabalhar pra melhorar alguma coisa em Alphaville? Ou você não consegue nem imaginar? Ou talvez o poder do mercado imobiliário é tão forte que...?
C: Eu acho muito forte. Eu acho muito forte. Eu já disse pra você que o que me faria feliz era ver esses investidores de Alphaville reservar uma parcela pra população menos favorecida da cidade (...).
M: Tem uma parcela, uma outra classe social aqui dentro de Alphaville? (Sem ser muito rico, né?) Uma classe trabalhadora...
C: Ah ter uma...! Lógico! Com recursos, né? Com creche, com... sabe? Não ficar só por conta do município. Eu acho que tinha que haver uma parceria, né... O Alphaville realmente se transformou num...
M: ... mas trazer essa classe trabalhadora pra morar aqui dentro de alguma maneira...

C: Hum, não aqui dentro, mas criar espaços de casas populares com creche, com posto de saúde, com um lazer próximo, dar condições pra que essa gente ter uma vida digna, né?
M: (...) pra essa população do entorno daqui ou dentro daqui... Legal.
C: É... É eu acho que isso legal. Agora eu saindo daqui, o único lugar que eu iria sem, lógico, vender ou..., seria ir morar na fazenda. Eu tenho muita vontade. Muita vontade do sossego, da leitura, de fazer trabalhos manuais, um tear que eu gostaria de voltar a fazer. Mas o Luis Antonio não pensa nisso ainda. Pode ser que no futuro...
M: E esses amigos que foram embora, como você vê em geral? Você acha que preservou essa amizade que você criou aqui? Poucos?
C: Mauro, os amigos são vocês, a (...) e o Hélio que são chegados. Maria Clara e Paulo Augusto são eternos vizinhos: a gente se vê, a gente se encontra, troca, né? Mas aquela coisa de quando eles eram crianças, que a Camila não saía de lá e a Tarsila não saía daqui, acabou. E ela também trabalha o dia todo; eu não a vejo mais. Eu também... Os outros vizinhos eu não vejo. Fiz acho que poucos amigos, Mauro. Poucos amigos mesmo.
M: (...)
C: Mas nós ficamos mesmo. Eu fiquei órfã. Agora eu fico com as sacolas lá de São Paulo. O Ítalo manda as sacolas de lá. Eu virei cliente.
C: Não vou mais lá, não tenho saco também... Eu não gosto de entrar no vestiariozinho lá, no trocador, e ficar, e experimenta, e olha. Não... tsc. Tô no meu quarto... "Vou pôr de novo. Não, não quero. Vou pôr de novo essa..."
M: Mas acho que foi ótimo essa tua visão sobre Alphaville. Era isso o que eu queria mesmo. Então está ótimo.
C: Espero ter contribuído. Depois eu quero ler.
M: Cidinha, você falou desse descaso com a estética. Me fala só um pouquinho sobre o que você vê.
C: Então, eu acho que a população menos favorecida mora mal. Mas mora mal porque ninguém cuida dessa urbanização, do bem-estar dessa gente. Então a gente vê nos arredores cidades feias, as favelas... Não tem estética. E mesmo dentro dos residenciais a gente vê mesmo uma ausência mesmo de preocupação especialmente com aqueles que querem vender e movimentar. Vocês se lembram aqui do Trindade que construiu e a gente ainda olha na rua e fala assim: "Olha, herança do Trindade!" porque é uma casa que não tem uma beleza, não tem uma preocupação arquitetônica... Mas aí me recinto mais, mas aí é uma questão de gosto, mas eu me recinto mais pra lá, entendeu? Porque eu imagino que, assim, se a gente pudesse oferecer pra essa população um modelo estético legal, a gente teria os arredores mais bonitos... Porque que a Grécia é linda, né? O Luis Antonio sempre fala: "Porque que a aldeia indígena é bonita?" Porque tem uma preocupação estética, que também não sei se é algo que vem de dentro...
M: E os exageros aqui de dentro?
C: Ah, Mauro, isso incomoda de mais!
O poder que... e essa necessidade de demonstrar o poder no tamanho da torre, no tamanho dos quartos, na cúpula de...
M: Isso não existia no começo em Alphaville?
C: Não existia. Mas agora tem, assim, uma coisa muito legal dos moradores da nossa época, que somos nós, o meu vizinho Paulo Augusto, nós estamos tudo com uns carro velho, assim, gostoso, mas velho. O Luis Antonio comprou um jeep de 2002 lá, é um... Land Rover, é... um Discovery. Velho, mas cabe sete lá dentro: a gente vai com as crianças... O meu vizinho falou "O Luis Augusto comprou um carrão!" (...)[6] De luxo assim... Um Civic? Não, assim, um Accorde, mas também velhão. Agora a gente quer é... Não tamo preocupado em mostrar nada pra ninguém, né? Acho que, assim, essa coisa... Eu volto a falar de Jung: a busca da satisfação por si mesmo e... Bom, não sei se era isso?

TOMAZ e ALICE DIRKINSON

Alameda Suécia, n°388 Aphaville 3 – Santana do Parnaíba/SP

TOMAZ: Eu já estava falando que quem construiu aqui chamava-se Hector Arroio e era um professor do Mackenzie. Um argentino, arquiteto argentino radicado no Brasil e que tinha feito uma casa do jeito que minha tia queria e gostava em São Roque. E a gente conhecia a casa.

Administrou a construção também. E ele nos entrevistou no nosso apartamento. Ele perguntou o que se queria.. Então a gente deu mais ou menos o que a gente queria, porque a gente não queria uma coisa muito grande, porque a gente queria a casa toda voltada pra frente, pra sobrar jardim atrás, bastante verde: do jeito que vocês estão vendo aqui.

setembro de 78 ele fez o projeto.

M:. E vocês moravam onde antes?

T: Nós moramos perto do Borba Gato, na Chácara Santo Antônio.

A: Não, nós fizemos o projeto em 78, mudamos em final de 79.

M: Vocês trabalhavam por lá? Você trabalhava na Philips?

A: Eu trabalhava.Que era lá em São Paulo, era até perto.

M: E essa decisão de vir parar aqui longe do trabalho?

A: Essa decisão foi por conta de...

T: ...de sair da confusão de São Paulo.

A: Não. Primeiro que o apartamento tinha dois dormitórios. Já tava em final de 78... Eu já tinha dois filhos e a minha mãe tava pra vir pra morar com a gente. Então já precisava de um local maior, né? E eu tinha terreno aqui. Foi comprado em 73.

M: No lançamentto.

A: No lançamento.

: Como que eu descobri? O meu primo trabalhava na Confab e a Confab ia mudar pra cá e avisou seus funcionários que teria os terrenos... e ele avisou os parentes. Aí comprou, nós compramos, oo meu irmão comprou... Então foi aí: já tinha o terreno. Aí eu precisava de um lugar maior, eu falei: “Vamos construir, né?” Apesar da distância... era uma oportunidade de um lugar mais seguro e tal para os filhos...

T: E não era um lugar tanta distância da gente. Eu saía na hora do almoço pra administrar a obra, vinha até aqui e voltava em uma hora.

M: Não tinha tanto trânsito...

T: Tinha um farol na Avenida Interlagos!

M: A segurança já pesava então pra você?

A: Já, já. Já pesava em termos, assim, porque eu lembrava da minha infância que podia brincar na rua, né? Então no apartamento ali já não podia mais. Naquela época, em setenta e pouco, apesar de ser seguro, mas em termos de brincar na rua você já não tinha mais essa liberdade. Você tinha que ficar ali confinado em condomínio.

M: A tua infância foi onde, Alice?

A: Na Peixoto Gomide. No trecho entre a Lorena e a Oscar Freire que vocês moravam agora...

M: E o arquiteto que fez o projeto, você conheceram através?

T: Da tia.

Indicação dela e a gente conhecia a casa dela lá.

M: E houve logo no início da conversa uma sintonia tranqüila?

T: Sim.

Isso aqui ainda não é o projeto final, tá? Esse foi o ante-projeto que ele fez, pa, pa, pa...

A: Ah, basicamente 312, 340, é mesma coisa...

T: Pequenos detalhezinhos, mas... é isso aí.

M: E você pediram toda a casa voltada para o fundo, estou vendo aqui a parte (...) do jardim que é o quintal que é imenso...

A: Quintal para as crianças.

T: Essa aqui foi a especificação inicial.

T: É. Só pra você ter uma idéia, aqui nesse (...) aqui, olha...

M: Pé direito duplo aqui na sala...

E aqui no fundo vocês continuam curtindo esse lugar das plantas... Você faz parte da Associação das Orquídeas? Clube de Orquídeas?

A: Clube Orquidófilo. Clube Orquidófilo Castelo Branco.

M: Então o jardim é... a vida inteira foi importante?

A: Assim, teve uma idéia inicial te tentar fazer piscina, aí depois desistimos. Falei: “Prefiro o verde do que... E... a gente queria mais o verde mesmo. Sempre foi importante ter o verde.O que eu vejo de casas que não tem árvore, não tem nada... Não, a gente quer ter árvores. Então a nossa casa é cercada.

T: Andar descalço na grama... E hoje nós estamos cercados de mato então de vez em quando eu cercado... eu ando vestido igual a índio aí...

M: No começo, quando vocês vieram para o Alphaville, vocês foram um dos primeiros moradores aqui, não?

A: Sim, fomos um dos primeiros.

M: E acompanharam todo esse crescimento do Alphaville?

T: Fazíamos as famosas compras comunitárias.

M:. E esse crescimento do Alphaville? Como vocês conseguem relatar esse crescimento do Alphaville ao longo desses anos?

A: Ao longo desses anos? Ah... Acho que assim... Foi muito inesperado, né? Eu imaginava uma coisa mais sossegada, né? E principalmente a parte, acho, que de prédios, né? Prédios, eu lembro que quando a gente conversava com o Takaoka, ele falava: “Não, esses prédio não vão passar de sete andares.

T: Conversar? Ela discutiu com o Takaoka!

A: Aí quando depois vieram os acima dos sete, aí eu discuti. Foi nessa...

Ah, discuti. Ah, as vezes eu falo umas besteira que eu não lembro depois... (risos)

T: Mas eles mudaram a regrado jogo... Você começa a jogar um jogo e muda a regra no meio do jogo... Foi isso que foi feito.

M: Mas tinha regra?

A: Tinha.

T: Tinha.

A: Quando nós mudamos tinha regra. Pelo menos era o que ele falava. Nós nunca vimos no papel se tinha regra ou não, mas tinha. Tanto é que os prédios iniciais não eram tão altos. Agora você vê cada vez mais alto. Se você for ver aquele da entrada da Castelo, então, é um montrengo, né?

M: E o crescimento de Alphaville então pra você foi mais acelerado que você poderia imaginar?

T: Não, mais acelerado tudo bem. O problema é que ele ultrapassou os limites.

M: Ultrapassou com novos loteamentos que seguem adiante?

A: Os novos loteamentos, os prédios todos, esses novos que...

M: Quando você veio pra cá você imaginava todo o verde, essa mata que a gente tinha aqui atrás, seria área verde ou você imaginava que um dia seria ocupado?

A: É... Acho que uma parte dela seria ocupada, né? É, não tanto. Não do jeito que está sendo. Uma parte dela até imaginava que sim.

T: Gente! Você lembram que a gente estava andando aqui dentro, a gente olhava aqui e era tudo casa. Hoje a gente olha e só vê prédio no horizonte! O horizonte aqui é um...

M: Mas você tem um jardim que eu não vejo nem casas, só vejo mato.

A: Porque eu não tirei a minha parte. Mas se você perguntar para os meus vizinhos, eles querem cortar as minhas árvores todas!

M: você acha que as intenções de uma maneira em geral, do público em geral, foi mudada durante esse tempo? Daquele primeiro público de Alphaville pro de hoje?

A: Não. Eu acho que foi mudada. Foi mudada. Hoje o que você vê... você vê que o pessoal derruba tudo, não querem nem ter árvores da calçada que foram plantadas... E a (...) que plantou...

T: E as casas são tudo piso no chão.

A: E as casas só têm concreto, né? Pouquíssima parte verde. Então a intenção mudou. Ou seja, não querem ver verde. Eles querem talvez a dita segurança, que também não é tanta aqui...

T: E o estilo das casas...

M: Como é que é o estilo?

T: Tinha um estilo variado antigamente. Agora não, é tudo parecido.

M: Que estilo é esse parecido?

A: Agora são esses caixotes... (risos) Assim modernos... Todos caixotes!

T: ...todos com alguma coisinha branca na frente...

A: É tudo bem padronizado, né? Você olha um, você olha pro outro, você fala: "Bom, é mais um caixote vindo aqui, né?" (...) Você não tem nem mudança de variedade em termos de telhado, estilo, nada, e como de textura, nada: é sempre o mesmo acabamento; se for, é sempre tudo a mesma cor, (...) White, tudo branco... Tudo pasteurizado, tudo igual...

M: As primeiras casas tinham uma ocupação menor do terreno do que é hoje...

A: Tinham uma ocupação menor com certeza.

M: Sobrava mais o jardim...

A: Sobrava mais o jardim, você aproveitava mais.

M: O público também é mais rico, ou com vontade de ser rico, não sei...

A: É. Isso eu também não sei.

M: Mas é alguma coisa haver com a riqueza.

A: Com certeza.

M: Tinha aqui uma coisa mais haver com a natureza aqui antes...

A: ...com a natureza. É.

M: Você concorda com isso?

A: Concordo sem dúvida.

M: E vocês conseguiram fazer seus amigos onde? (Óbvio, isso eu já sei dizer.) E esses amigos vocês preservaram...

A: (risos) Alguns poucos... É. Sim. Porque a gente também já trabalhava fora, né? Se eu falar que eu conheço Alphaville... eu continuo sendo peixe meio fora, né? (risos) Apesar de (...)...

M: Você é figura ícone aqui de Alphaville!

A: Eu não sou nada...

M: E a história do coral? Começou a ter um coral aqui dentro de Alphaville.

A: Começou a tendo coral de Alphaville. Fomos também os fundadores (...) também...

T: Chegamos a cantar aí no clube, depois fizemos as famosas cantatas de natal em cima do...

A: ...de caminhão. (risos)

T: (...) do residencial... Enfim...

M: Eu me lembro desse coral. São um dos poucos movimentos culturais que eu vi aqui dentro do Alphaville.

T: Mas você sabe que tá até hoje, né?

A: Agora existem vários corais. Vários.

M: Você cantava no coral da USP antes?

A: Cantava no coral da USP.

M: Você também cantava?

A: Não. Era público cativo. (risos)

M: E esse coral aqui serviu pra você conhecer muita gente aqui dentro também?

A: Sim, sempre abria, né? Quando você tem uma...

T: Mas o Dimas que é meu padrinho de Rotary, nós conhecemos no coral, juntos.

A: Foi no início do coral.

T: Daí que eu tô no Rotary que é em razão ao meu padrinho que era cantor no coral de Alphaville.

A: É. Ele ainda canta no coral de Alphaville que tem como pastor.

T: Aí eu passei a cantar. Aí compraram meu passe. (...)

M: Sei. Você ainda canta no coral, Alice.

A: Eu canto.

M: Aqui em Alphaville?

A: Não, não em Alphaville. Agora eu estou com um grupo lá de São Paulo.

M: Você vai toda semana pra lá?

A: Toda semana.

T: Menos essa semana. Por exemplo, hoje a amiga de lá não pode, então nós vamos fazer na casa de um deles aqui em Alphaville 5, né?

M: E os filhos? Eu não me lembro. Eles estudaram aqui em Alphaville.

A: Estudaram em Alphaville. No começo, no Mackenzie...

T: Até a universidade...

A: ...todos aqui. Depois foram para a Aldeia, né? Pueri Domus da Aldeia. Aí estudaram no Fernão Gaivota.

M: Depois foram fazer faculdade, cada um no seu...

A: Cada um dentro da sua área.

M: Algum deles queria ou quer voltar a morar aqui? Pretende morar em Alphaville?

T: Olha, o Paulo, por exemplo adora aqui, mas o trabalho dele hoje é todo ligado à São Paulo.

A: O trânsito fica meio difícil, né?

T: Fica meio complicado...

M: Mas eles morariam aqui?

T: Acho que sim.

A: Eu acho que se tivesse condição, sim. Mas eu não sei. Os dois mais velhos estão em San Diego agora e dificilmente voltam pro Brasil. (risos)

M: Agora uma pergunta ao contrário: algum dia vocês tiveram vontade de sair daqui ou não?

A: Não.

T: Não.

A: Não e por enquanto não tenho vontade. Esse negócio de muita gente "Ah, o trabalho...", de ir pra São Paulo...Graças a Deus o Tomaz de dirigir. (risos)

T: Não, os amigos ligam pra gente oito da noite: "Vamos jantar no N(...) em Pinheiros?"; - "Vam'bora! Vam'bora!"

A: Tomaz pega o carro e vam'bora... (risos)

T: A gente em cinco minutos, dez minutos, toma um banho, ou, se não, já estamos de banho tomado e vam'bora...

A: Vam'bora...

M: Vocês caminham bastante na rua?

A: Toodo dia. Todo dia.

T: E de terças e quintas fazemos *Lian Gong*.

M: O que é isso?

A: *Lian Gong* é uma ginástica chinesa que agora a gente faz naquela praça... São José... São Pedro! Praça São Pedro ali.

M: Vocês dois ou tem um grupo?

A: Tem um grupo. Tem um grupo. Tem um grupo de umas quinze pessoas mais ou menos, de senhoras. A gente começou fazendo *Lian Gong* no Pão de Açucar...

T: Na verdade só tinha senhoras...

A: É. Não, tinha sempre um senhor lá.

T: Não, não. Tinha uma época que eu era o único varão lá...

A: Não, mas antes de você teve alguns senhores...

T: Teve, teve.

A: Teve alguns senhores.

T: Depois me abandonaram.

A: Depois me abandonaram. Você ficou o único.

T: Fiquei com as meninas...

A: Mas começou lá no Pão de Açúcar. Aí o Pão de Açucar mudou a linha, tiraram a linha *Gong*, aí nós resolvemos trazer aqui pro São Pedro.

T: Que é uma praça muito agradável, viu?

A: É. Primeiro foi aí numa garagem aí da Ana na... Luxemburgo, não?

T: Na Bruner[7]...

A: E aí depois nós conseguimos autorização pra fazer na praça e a gente faz lá. E quando chove é dentro da área de manutenção. (risos) E... tá fazendo agora lá. Toda terça e quinta e a caminhada...

T: A gente tinha uma professora, só que essa professora está confundida... No fim ela acabou virando a (...)

M: Vocês estão trabalhando menos? Têm mais tempo pra cuidar de vocês... Mas foi muito agitada a vida de vocês? Eu lembro que vocês saíam de manhã e voltavam à noite.

A: Voltava só à noite! Ele e as crianças!

T: Seis e meia eu tava saindo pra andar de bicicleta aqui na região. Seis e meia da manhã!

M: E ia embora pra São Paulo que horas?

T: Sete horas tava fazendo suco de laranja pra família toda... Sete e quinze brrrr...

A: Os ônibus pegava os meninos e...

M: (...) você teve infância na fazenda, né?

T: Infância em São Paulo!

M: Mas e a fazenda?

T: A fazenda era nas férias. Norte do Paraná. A gente vai até hoje!

(...)

A: Precisava ir um dia pra lá com a gente!

T: A gente tem umas fotos ótimas de vocês naquela piscininha redonda..

M: E vocês dependem de São Paulo pra alguma coisa ou não? Tem tudo aqui?

A: Ah! Tem tudo.

M: Não fazem nada em São Paulo?

T: Por exemplo: comida chinesa!

A: Ah é. Comida chinesa é em São Paulo.

T: Por exemplo, hoje lá em São Paulo, eu fui na Liberdade... Eu tava na Avenida Ipiranga...

A: Comida chinesa boa, né?

T: ... fui até a Liberdade e encomendei uma deliciosa massa branca de frutos do mar... Hummm... Massa branca com frutos do mar...Enquanto eles faziam a comida, eu subi até a Praça da Liberdade porque fica há duas quadras da Praça, e comprei uma fruta chinesa que chama-se (...)[8]

A: Querem experimentar?

T: Não! Nós vamos mostrar! Nós temos uma árvore de (...) aqui! Nós vamos provar porque é ótima a fruta! Vocês conhecem Lichia? Pois é, esse é a Lichia sofisticada.

M: E você vai daqui até a Liberdade... Vai de carro, pega o metrô?

T: Não. De carro.

A: De carro.

M: Você não usa o metrô? Não gosta disso?

T: Eu usaria o metrô, mas... de onde pra onde? Deu pra perceber? Fica fora de mão! Imagina que se tivesse aqui... Se nós fôssemos uma Suécia... (Nós acabamos de voltar da Suécia...) (...)[9] e irmos até a...

A: A Praça Panamericana?

T: Não. Pracinha aqui em Barueri! Deixaríamos o carro lá, se fosse uma Suécia, e pegaríamos um trem! Que seria o metrô de superfície, depois viraria metrô e iria lá, certo? Mas não tem isso aqui...

M: E esse assunto do trânsito pra você chegar aqui? Tem alguma hora que você acha complicado você chegar até aqui ou não?

T: Ah, péssimo! Tem horas que você leva trinta minutos pra sair daqui e chegar na Castelo.

M: Que distância tem daqui até a Castelo? Um quilômetro? Um quilômetro e meio?

T: Dois quilômetros. Não, eu estou dizendo, na hora do horário do rush você leva meia hora para na...

M: Você sabe que horas, você evita isso...

T: Nós evitamos ao máximo, né?

M: As reuniões do Rotary são na Alameda C(...). Sabe qual é?

M: Muito bem. Porque lá tem o Hotel Bourbon, certo? Eu poderia ir lá a pé. Mas por comodidade eu peguei o carro e cheguei lá e estava parado! Levei meia hora da portaria para chegar e estacionar na frente! (...) Porque teve um dia que teve um (...)

M: E o Rotary cuida de assuntos referente a Alphaville?

T: Não necessariamente de Alphaville. Porque Alphaville não tem muito... O que é que eu posso fazer na (...) de Alphaville? Nós fazemos! Alfabetização de adultos! Você sabia que tem? Nós temos treze classes de alfabetização de adultos organizadas pelo Rotary Clube de Barueri-Alphaville...

M: Onde vocês dão aula?

T: No 1, no 2, no 3...

A: No próprio centro administrativo dos residenciais...

T: Numa salinha, 130 alunos! Da aluna mais velha, eu tenho o diploma. Ela tem 80 anos! Uma senhora de cor. Oitenta anos! Ganhando diploma! A patroa dela tava chorando de emoção porque conseguiu fazer ela virar uma cidadã, aprendeu a ler!

M: Os outros assuntos comunitários são voltados à Barueri?

A: Tem Santana...

T: Tem Santana do Parnaíba. ...Em Pirapora... Tem uma unidade em Osasco... Estamos rodeados aqui de gente necessitada.

(café)

M: E pra Barueri o que você acha que essa comunidade pode fazer? Essa questão de transporte... O município de Barueri acaba cuidando de alguma forma dessa questão de saúde de do povo, parece que o sistema de saúde...

A: Ah, Barueri melhorou muito... Nossa! Barueri é uma cidade fantástica!

M: A renda também é bastante alta...

T: Só que o problema de trânsito, infelizmente, só por questão de miopia da Costrutora Albuquerque Takaoka... Miopia! Porque eles pensaram numa via de mão única, gente! Ao invés de pensar num sistema matricial, pra ter ruas em todos os, né? É praticamente uma rua única!

A: A Rio Negro. Pronto. Acabou.

M: Vocês dois são formados na POLI, os dois são engenheiros, mas os dois na área de eletrônica? Elétrica?

A: Eletrônica.

T: Os dois. (...) no caso específico, sim. Só que essa daqui nunca exerceu.

M: Na Philips não era com isso que você trabalhava? Trabalhava no administrativo?

A: Não. Trabalhava com informática. Minha área sempre foi informática.

T: Ela virou uma engenheira informática!

M: Dentro de Alphaville, essa questão do espaço público, vocês estão ampliando esse espaço público? Porque aquela Praça São Pedro vocês usam com o clube, o coral e tem agora o Rotary... Você acha que Alphaville supre o espaço público? Falta um ponto de união espontâneo para as pessoas?

A: A praça, o banco...

T: Você já foram no centro comercial à noite recentemente?

M: Não.

T: Gente, você não sabem o que que é! Vocês não sabem o que que é aquilo!

M: Porque? Virou uma...

T: Não! Eles criaram uns lagos lá dentro! Tens uns laguinhos e fizeram tudo aquilo (...). Ficou uma pracinha lá dentro! (...)

M: E o pessoal vai?

T: O pessoal vai. O pessoal tá curtindo a noite lá no Centro Comercial. Mudou!

A: Mas é pouco, né? O Centro Comercial é pouco...

T: Mas tem...

A: Em termos culturais, a atividade é pouco.

T: Ah, sim. Bem pouco. Deixa a desejar.

A: Deixa a desejar. Você tem então salas de cinemas dentro do Shopping Tamboré, provavelmente quando vier esse Shopping Iguatemi vai ter também umas outras tantas salas tudo aí. Mas culturalmente...

M: Vocês acham que seus filhos são típicos de Alphaville ou são figuras fora de Alphaville.

A: O que você definiria como "típico Alphaville"? *(risos)*

M: Você encara que os anseios deles são os mesmos que de outros meninos de Alphaville? Ou a formação de vocês trouxe alguma diferença?

A: Ah, foi um pouco diferente. Eu acho assim...

M: Eu também acho.

A: (risos)

T: Para você ver: o menino típico tem seu carro logo cedo. Nossos filhos não tiveram...

A: ...Não tiveram as facilidades...

T: Tiveram motos!

A: Eu sempre fui mais rigorosa... Acho que assim: alguns valores meus, algumas coisas minhas que eu achava, isso foi um pouco diferente para eles, mas não deixa de ser Alphaville: viveram num ambiente protegido. Com certeza viveram, né? Mas mesmo assim, se você for olhar pro Paulo, por exemplo, cada um é um jeito, não é? Ele foi se envolver muito mais com o pessoal de fora, ao passo que Márcio e Peter eram mais daqui de dentro mesmo, os amigos eram mais daqui. O Paulo já foi pra uma outra área...

T: O Paulo tinha amizade em Carapicuíba, em Jandira...

A: ...lá na Armênia... Esses negócios assim que você não sabe direito onde ele foi buscar

M: Foi a música também que fez com que ele...

A: Talvez um pouco a música, talvez o estilo dele, o jeitão. A cabeça dele é um pouco diferente, um pouco mais preocupada com essa diferença, com a parte social, né?

T: Então, por exemplo, ele tem uma empatia enorme com os operários, você nota. E esse lado bom dele foi bom por isso: superar a norma[10]! É um líder! Ele se impõe lá...

A: Mas eu acho que assim em termos de Alphaville, você vai ter vários tipos de pessoas aqui também, né? Em termos de Alphaville, muitas famílias que, por conta daquela crise de empregos, tudo, muitos engenheiros que perderam emprego, que acabaram depois tendo que se adequar também, né? Aí agora vem os novos ricos com essas mansões, tem todo esse..

M: O que você percebe dos primeiros vizinhos? Muitos continuam aqui? Você acha que teve uma migração[11]?

A: Teve uma migração.

T: Um vizinho antigo aqui que a gente tem... a... V(...) e o Valdir da Cleide colchões lá! Ah e o do norte lá!

A: ...o Maguary lá... o... Esqueci o nome dele. É, eu sei.

T: É. Sabe quem é...

A: Sei. Que leva (...) passear... Da transportadora.

EM: Tem o Pedro F(...) também...

A: O Pedro... Não, tem assim (...) Mas bem daquele tempo do início, muita gente mudou, né? Dentro daquela turma de CEASA, muita gente mudou... Perdemos o grande casal de amigos!

T: Não, a gente tem amigos daquela época ainda como o P(...) que ficou viúvo... *(susurro):* Você acredita que a casa dele, se você entrar lá, parece que ela está lá? A mesma coisa!

M: Mas acho que é característica dele próprio.

T: É ele.

M: Voltando um pouquinho pra casa. A casa ia atender... Vocês já tinham dois filhos quando vieram pra cá? Não? Só tinha o Peter

A: O Peter e o Marcinho.

M: Não tinha o Paulo? O Paulo tava no programa ou não? Foi planejada pra três filhos, a casa?

A: Pra três filhos.

M: Em algum instante ela ficou pequena? Em algum instante ela ficou grande ou não?

A: Pequena eu acho que não ficou não. Acho que foi um tamanho bom.

T: Porque quando sua mãe veio morar aqui eram dois...

A: Eram dois, então tínhamos quatro quartos. Cada um... Mas ela faleceu antes do Paulo.

T: Então a casa nunca ficou pequena.

A: É. Grande... Agora sim que pode dizer que tem vários quartos vazios, porque os filhos todos saíram... *(risos)* Mas a Mara vem, por exemplo, e passa o final de semana, vem com neta...

T: Tem uma amiga alemã que passa aqui também...

A: E os filhos todos fora também tem que ter quarto pra eles...

T: Peter esteve aqui recentemente. Peter está trabalhando na HP na Califórnia, e veio dar um treinamento em Porto Alegre.

M: Ele está em Palo Alto na HP ou não?

A: Não, ele está em San Diego. Na unidade de San Diego.

M: Uns dos que modificou a região de Alphaville foi a HP...

T: Sim.

A: Porque Alphaville ia fazer... Era planejado pelo Takaoka alguns terrenos imensos e a HP sugeriu que fosse menor pra... oportunidade de serviços (...) A idéia de se criar um residencial foi a partir de um engenheiro da HP.

A: Ah é? Ah...

T: Que aliás é o que tem nos Estados Unidos!

M: Exatamente, exatamente.

T: Só que aí depois eles foram distorcendo, não é? A ganância imobiliária principalmente do Albuquerque... (Eu to falando mesmo porque...)...

M: Pode falar. É pra falar. É pra isso mesmo.

T: Eu acho que a ganância era mesmo do Albuquerque...

M: Por isso talvez que o Takaoka talvez tenha se retirado.

T: Exatamente. No final da vida dele, a menina dos olhos era a Aldeia da Serra.

M: Talvez ele tenha jogado a toalha pro Alphaville.

A: É, porque a Aldeia ficou mesmo mais ou menos no estilo que ele imaginava. Não cresceu tanto também, né? Ah, Alphaville... o *bum* dele está demais, né? Você olha assim, você não sabe pra onde ver...

M: Vocês andam pro lado de cima ou não? Você vai até lá em cima? (...) Quase chega na Anhanguera já...

A: Você tem cada estrutura de condomínios de prédios agora... (...) o trânsito agora (...)

T: Só não chega na Anhanguera agora porque por razões de segurança estão segurando, mas já está pronto! É só abrir.

A: Como é que chama? A rede viária não cabe. (...) Não cabe. A sorte aqui é que nós estamos num loteamento perto e na cara, né?

(várias conversas paralelas dos homens discorrendo o assunto do trânsito)

T: Você já viu como está o Rodoanel? O Rodoanel está ficando congestionado. (...) Três faixas só...

T: Você já esteve em Washington?

M: Já.

T: Tem um Rodoanel lá de quatro faixas que na hora do *rush* não dá conta! (...) Agora que eles abriram esse pedaço que sai da Imigrantes-Anchieta e vai pra Mauá. já está dando problema de congestionamento no Rodoanel.

M: (...) o projeto dessa casa. Bom, esse projeto é de 1978 e tem uma ocupação no terreno que é superadequada para o uso que a vida inteira foi?

T: Sim.

M: E hoje? Você sente que esse projeto dentro do perfil do Alphaville, ele é um projeto que te atende ou um projeto comercial também?

T: Já não é tão comercial.

M: Ele é pequeno?

T: Por exemplo, os quartos não são com suíte. Alphaville é assim: "Como? Não tem suíte? Só tem uma suíte? Não, não interessa." Entendeu? Mudou o conceito do público.

M: O que eu vejo é que é assim: a garagem é a rainha de uma casa, não é?

T: Em algumas casas sim.

M: Talvez esse projeto não atenda.

A: A nossa casa, para os padrões atuais não vai atender comercialmente. (...) ou é muito diferente. Ou vai comprar para derrubar e reconstruir, entendeu?

M: É o que acontece muito hoje. Você vê, o teu visinho da frente tem uma casa extremamente simpática e leva um susto hoje.

A: Você olha e não acredita como pensar ver um monstro desses, né?

T: E dentro de todos os monstros que podia fazer, acho que fizeram o pior deles. Essa paredona aqui não tem sentido.

M: Eu volto aquela mesma coisa do jardim. É uma mudança de intensões, eu vejo aqui, não é?

A: É, eu acho que sim. Mas se for falar em termos de área ocupada dessa casa que está aí em frente, ela não tem assim salas enormes e coisas enormes. Mas eu acho que a cabeça é diferente. Ela quer total privacidade. É a impressão que tem, não é? Porque você põe um murão desse frente... É fechada. Quer dizer: é uma privacidade total.

T: Agora porque resolveram (...) fazer uma só eu não sei.

A: Mas, falando da nossa casa, não é nada comercial.

M: Mas é uma casa que você sempre gostou dela e continua gostando dela.

A: Assim, eu gosto... Às vezes eu penso...

M: Eu particularmente selecionei a conversa, além da amizade e do carinho, porque é uma casa que eu sempre achei muito simpática. E tinha uma mão, uma arquitetura que sempre me agradou, tinha uma mão, e por isso foi um dos projetos que eu achei que está dentro de uma área, de um tamanho ou de uma escala comum pro Alphaville e ela era muito bem elaborada. Sempre me agradou.

A: Ah, que bom.

M: E eu posso falar alguma coisa mais: eu acho que vocês ficam muito bem dentro dela! Combina com vocês.

A: *(risos)* Combina muito com a gente, né?

M: Eu acho isso é um mérito do arquiteto...

T: Acho que o Hector foi feliz!

A: Acho que assim: teria algumas coisas que a gente poderia fazer...

M: Isso, fala.

A: Por exemplo, mudar um pouco o lavabo, aumentar. Fazer talvez mais uma suíte. A nossa não tem *closet*...

M: Mas é possível fazer isso também, não é?

A: Mas assim, eu espero voltar de... *(risos)*

M: Muita bagunça...

T: Tem alguns detalhes que a gente considera erro. Por exemplo, não tem um ralo dentro na cozinha e na área de serviço. Nada, nada. Então por exemplo, já teve vazamento de água e a água veio parar bem aqui no nosso famoso tapete de fibra de... carésimo! ...de fibra de banana.

M: Mas no *lay out* da casa vocês colocariam mais uma suíte?

A: Não mais uma suíte! Transformar talvez em uma suíte.

M: Teu quarto tem um banheiro.

A: Tem um banheiro.

A: Só o meu. Os outros não.

M: Não usava *closet* naquela época.

M: Só usava uma suíte. Todos eram quartos... E um pouco antes disso, não tinha nenhuma suíte. Era um banheiro pra todo mundo.Mas o que te impede é um pouco a preguiça da bagunça, da sujeira, da despesa... Você não sabe se você vai querer mesmo aquilo, então você fala: “é muita bagunça!”.

A: Primeiro eu preciso tirar a minha bagunça, pra depois fazer outra bagunça... *(risos)* Porque é muita bagunça. Mas, assim, é legal!

M: Eu acho que é um projeto feliz isso aqui, que atendeu há 30 anos e continua atendendo.Eu acho que se existe uma preguiça, uma vontade de mudar... Mas se existe uma preguiça é porque essa vontade não é tão grande, não é isso?

T: Sim! Não é uma coisa do outro mundo! Depois, gente, nós estamos... A cabeça ficou atrapalhada nesse ano.

M: Você não tem cachorro mais? Não tem mais nada?

T: Não, eu tenho! Eu tenho uma *seter islandesa* linda, gente!

M: E a questão da segurança? Você fecha a casa e vai embora? Avisa a portaria?

T: Nós não temos avisado, porque teve gente que andou avisando e as casa foram assaltadas

M: Como que tá a segurança agora aqui? Tá tendo algum problema ou não?

A: ...nós tivemos alguns casos..

A: Sabe aquela da Bety Ballet? Você soube que entrou, né? Ah... na casa que é da Maria Rosa que é aqui na Suíssa... teve aquele casal de estrangeiros que moravam, também... Então agora eles estão pondo câmeras...

M: Então vocês preferem não avisar quando vão viajar? Fecham a casa... Empregada tem ou não?

A: Não, não tem mais empregada.

M: Comem em casa todo dia?

A: Come em casa todo dia

T: Hoje, por exemplo, eu trouxe o almoço. Uma parte veio de fora, a outra tinha aqui. Ela fez uma Acelga... (...) o macarrão transparente?

A: (...) do broto de feijão!

M: O que me interessa dessa questão da casa é que o (...) ficou super legal... O que me interessa dessas entrevistas é captar o modo de vida e essa seqüência... Então eu te agradeço.

TAÍS CAVINE RODRIGUES
Alameda Ubatuba, n°29 Aphaville 3 – Santana do Parnaíba/SP

MAURO: Taís, em que ano vocês mudaram para cá?
TAÍS: Foi em 82. A Gabriela nasceu em 81. Maio de 82 a gente mudou prá cá.
M: O Caio não tinha nascido ainda?
T: Não. Nasceu aqui.
M: Nasceu aqui. Depois de quanto tempo?
T: É... Um ano e sete meses.
M: E por que vocês resolveram vir prá cá? Pro Alphaville.
T: Porque nessa época o Wellington trabalhava na IBM e o lançamento desse residencial aqui, de alguma forma, um dos sócios da IBM[12] tinha alguma coisa haver com esse condomínio "do 3". E foi uma parte dele lançado dentro da IBM Casa Branca. Todo mundo comprou lote. É, todo mundo. O Petroninho... Todos aqueles do pessoal lá da agência comprou.
M: Eles que fizeram publicidade de Alphaville?
T: Eu acho que na época foi. Porque tinha alguma ligação.
M: Mas a produtora era lá em São Paulo ainda?
T: Não, ele trabalhava numa agência lá no Centro. Na General Jardim. Ele era...
M: Ele comprou pensando em mudar prá cá ou não?
T: Não. Comprou como *business*. Como negócio todo mundo comprou. E era muito barato.
M: Foi lançado em que ano? Você lembra?
T: Então, ele deve ter sido lançado em 80 e 81. Porque a gente comprou no lançamento. Tanto que nós pegamos a planta pra escolher os lotes.
M: Tanto que eu (.....)[13] em 80 e não tinha.
T: É.
M: E vocês compraram os três lotes já? Ou não?
T: Não. Nós compramos os dois da frente. Porque era super barato. E a gente pagava no carnê, lembra? Ia pagar lá na (...).
M: Eu ia pagar lá também.
T: E nós compramos. E nessa época que foi logo que a gente casou, antes da Gabriela, antes de eu ficar grávida, tudo, nós mudamos pro Rio.
M: Depois de comprar o terreno aqui?
T: É nós fomos pro Rio de Janeiro. Quando nós voltamos, aí eu logo em seguida fiquei grávida. E a gente morava no Brooklin. E eu... cidade pequena, morei em casa a vida inteira... – "Vamo morar numa casa. Vamo morar numa casa. Ah! Vamo construir lá naquele terreno..." – O Jorge Cognisberg[14] trabalhava na Olivetti, que era cliente...
M: (...) do Jorge?
T: A conta da Olivetti era da IBM. E o Jorge era um contato da Olivetti. Era o cara que ia na agência pra ver tudo o que tinha que fazer, as prop..., o trabalho anual de revista não sei o quê, tal, tal, tal. E ele era simplesmente um arquiteto que tinha deixado de ser arquiteto e virou publicitário.
M: Tinha deixado de ser arquiteto naquela época?
T: Tinha deixado de ser.
M: E vocês conheciam o trabalho dele como arquiteto?
T: Não. Só sabia que ele era um arquiteto e era colega. E ele fez o projeto pra gente. O Jorge. Aí a gente ia toda semana para São Paulo e ficava conversando com ele. Aí ele vinha, trazia uma caixa de pizza e falava: - "Que tal a gente fazer assim sua casa aqui no meio do terreno e cortar que nem fatia

de pizza?", - "Não, eu quero casa tudo com canto. Não quero nada arredondado, uma coisa que começa fino e que acaba grosso. Não me confunde." Aí ele vinha com outra. Aí eu falei: - "Eu não quero sobradinho. Eu quero morar em casa térrea. Você vai fazer a casa aí. Não sei como, mas é térrea." E assim foi indo.
M: Então vocês encomendaram três quartos...
T: Então, aí ele começou a perguntar um pouco do que a gente pretendia. Então eu falei que eu gostaria de ter dois filhos. No máximo três. Mas que eu gostaria de ter dois, porque aí eu segurava um em cada mão e tal, tal, tal, mais ou menos já sabendo o marido que eu ia ter... que eu ia ter que carregar cada um em cada mão mesmo... não ia ter aquele outro... Eu falei: "Eu quero um em cada mão, então eu vou ter dois..." E assim foi a conversa. Sabe? – "Do que você gosta?" – "Eu gosto de bastante quintal, de bastante jardim. Eu quero ter muita planta."
M: A fatia de pizza ele apresentou antes ou não?
T: Ele apresentou antes desse projeto. Não, aí ele apresentou as caixinhas de fósforo. Pegou três caixinhas de fósforo a olho e colocou assim: "Que tal se a gente fizer a casa dos cantos quadrados. A gente põe uma caixinha de fósforo aqui, outra caixinha de fósforo aqui e uma caixinha de fósforo aqui. Eu falei: "Ah, essa eu já gostei." Porque é tudo quadradinho, vai dar tudo certinho.
M: Uma caixinha de fósforo era de serviço, uma a parte social...
T: ...E a outra dos quartos. Então aí ficou as três caixinhas de fósforo. E, em cima das caixinhas de fósforo, foi desenvolvendo o projeto.
M: O Wellington trabalhava na sua agência?[15]
T: É. Aí quando a gente mudou pro Rio, ele foi para trabalhar na Alcântara Machado, que era uma super agência que estava precisando de um cara de rádio e TV lá. Aí logicamente não deu certo porque o Wellington ia trabalhar às sete e meia da manhã e a agência abria as dez, né... começava a trabalhar depois do almoço só... Aí neguinho chegando lá pra por todo mundo pra trabalhar, obviamente não deu certo. Puxaram o tapete dele nos primeiros seis meses que ele estava lá. Aí que ele veio pra cá e falou: "Acabou. Não vou mais fazer agência. Vou trabalhar diretor *freelancer*." E aí a gente morava no Brooklin. Tinha uma produtora super boa e ele ficava fixo em algumas produtoras pra dirigir os comerciais, entendeu? Aí foi o tempo de eu ficar grávida, acabar a faculdade.
M: Teve uma produtora que teve sede produtora na Vila Mariana, não teve?
T: Na Vila Mariana? Não. Tinha da Vila Nova Conceição. Na Jaques Félix. Aí eles alugaram uma casa lá... Antes de lá, foi uma casinha de vila. Ela deu uma andada. Foi até na casa do Jorge, porque ele morava na Padre Manoel da Nóbrega numa casinha linda! (Eu falava pra ele: "Putz! Você mora nesse charme e quer me vender uma pizza?" Eu disse: "Escuta! Eu quero igual a tua! Essa coisa gostosa, né!" Uma graça a casinha dele!)
M: E depois aí o Wellington alugou um galpão ali na Alameda Amazonas pra fazer...
T: Foi.
M: Depois que ele comprou o terreno e veio pra cá?
T: Depois que foi. Porque aí montou-se a produtora na Jaques Félix. Ele deixou de ser diretor *freelancer* e resolveu montar uma produtora onde ele era o diretor. Era do lado ali do Lorenço Castanho. Aí deu certo. Aí... "Onde que filma?" Tem que locar tudo. Aí então alugou o estúdio aqui. Naquela avenidona lá.
M: Aí estava se consolidando o Alphaville já?
T: É.
M: Você já estavam morando aqui?
T: Exato. Aí já começou a construir a casa. A Gabriela nasceu. E aí a gente já veio. O estúdio já era aqui.
M: Você já começou a fazer amizade por aqui...
T: É. Aí a vida foi rodando pra cá. Aí até que eles compraram... porque produtora foi super bem... O galpão era bárbaro. Mas aí eles queriam ter equipamento, tanto que eles começaram a construir, a

montar mesmo, a fazer os tripés de cinema e tudo mais. E aí apareceu o terreno lá naquela avenida que não era nada, né? Ninguém queria nada. Eles compraram e o Jorge fez o projeto...
M: Então o Jorge fez lá também?
T: Fez, lá também. Um projeto bem bacana.
M: Essa casa aqui, quando você combinou o projeto com o Jorge e pediu três quartos, você tinha idéia de área pra construir?
T: Não, Mauro. Eu não tinha idéia de nada. Quando ele falou pra mim "baldrame", eu falei "Muito prazer, Taís Rodrigues". Eu não sabia nada, Mauro! Eu nasci numa casa que já estava construída e morei lá e nunca soube o que que era NADA...
M: Sei. E você acha que essa tamanho de casa te atendeu a vida inteira?
T: A vida inteira. Nossa!
M: Não faria maior?
T: Nunca! Nunca. Minha casa vivia cheia, Mauro. Eu tinha quarto de hóspedes. Minha casa era um hotel! A vida inteira foi. Entendeu? Não tinha essa de que... Vinha as crianças dormir, colchão no chão! Dormia seis no quarto do caio, três no quarto da Gabriela. Minha irmã morou comigo. Os meus sogros vinham e ficavam hospedados aqui. Minha cunhada, minha mãe... Minha cunhada quando foi pra Portugal...
M: Você nunca sentiu falta de (...)?
T: Nunca! Nunca! Nem de *home theater* nem de nada! Não sentia falta de nada!
M: Mas é uma casa que não é padrão em Alphaville?
T: Não. Hoje ela é totalmente defasada para o padrão daqui, né?
M: Mas acho que nós somos defasados...
T: É. Nós também não somos do padrão. Então isso complica porque não tem nada de Miami, de tecnologia de ponta...
M: Você tem mais terreno e menos casa...
T: É lógico! Quem faz uma casa de 300 metros num terreno de 800? Ninguém faz isso. Ninguém faz. Né? As pessoas ocupam o máximo de área porque tem que pensar que a casa é boa pra ser vendida depois, de que...
M: (...)
T: Nada. Nós nunca pensamos em nada.
M: Isso era uma característica tua e do Wellington também?
T: Também. De ter uma casa do nosso tamanho. E do nosso padrão. Do nosso jeito. Nunca foi uma coisa de procurar... Sabe? Nunca me lembro de pegar revistas importadas pra olhar. Não. Era tudo do jeito da gente. E o Jorge foi grudando. Sabe? A janelinha de veneziana que nem foi na casa do meu pai até hoje, que nem foi na casa dele... adaptada pra esse projeto, mas era uma coisa bem simples... Entendeu? Por isso acho que ela dá um pouco do aconchego, pelo fato de ser um projeto meio frio, né? Porque concreto... aquela laje grande, tudo... Então eu acho que quebrou um pouco isso, sabe?
M: E na escolha de materiais que seriam usados na casa vocês participaram também?
T: Participamos de tudo. A gente escolheu um marceneiro muito bom e procurava pegar a melhor madeira que tinha. Porque eu morei em casa de praia. Ele deve ter tido os problemas lá dele. Não sei qual foi. Mas a exigência era a madeira da casa. A madeira tinha que ser muito boa. Mauro, outro dia tirei um pedaço da madeira da Tereza, porque ela queria tirar pra por vidro numa das venezianas de cima... Se quebra a madeira, a madeira tem o perfume dela até hoje, Mauro! Essa casa tem trinta anos
T: Ah, olha, é uma peroba muito especial. Uma coisa muito especial. Eu não sei o que que é. Eu não lembro mais. Mas nunca teve um cupim, um bicho. Todos os banheiros eram de sucupira. Tudo! A madeira da casa era impecável. Entendeu? Porque era cimento e madeira. Cimento é cimento, né gente? A madeira tem que ser muito boa. E a gente pegou um marceneiro de Sorocaba maravilhoso. Mas eu não tinha muita noção de nada, pra te dizer a verdade.
M: Sei. E você adora cozinha. E a cozinha não era tão grande, era?
T: Não é, mas é uma cozinha muito ajeitada. Muito ajeitada!

M: Você sempre cozinhou...
T: Eu sempre cozinhei! A casa sempre viveu na cozinha. Todo mundo empoleirado na cozinha. A gente tomava café na cozinha, era lanche na cozinha. A cozinha sempre foi a *muvuca* da casa. Mas aquela bancadona era uma delícia! Todo mundo... As crianças sentavam em cima pra comer pipoca... Sabe, Mauro, tinha um jeito da casa que era muito simples. Mas, ao mesmo tempo, muito gostoso, né? Porque... Sabe? A televisão era aquele sofá do-lado-da-lareira. A gente via televisão, colocava batata doce pra assar na lareira, dormia vendo filme... Então eu acho que tinha essa coisa integrada que era legal, sabe? Então não tinha assim: cada um se tranca num lugar e fica. Era uma casa...
M: Vocês não tinham televisão em todo lugar da casa, né?
T: Tinha no meu quarto. Mas a gente tinha por hábito assistir televisão todo mundo junto na sala, sabe? Então, sei lá. Era...
M: Mas quando mudou pra cá... (...) era bem começo o Alphaville 3?
T: Bem, eu fui a sétima residência a ficar pronta.
M: ...Do Alphaville 3?
T: Eu fui a quinta moradora e a sétima casa a ficar pronta.
M: Nesse tempo, o Alphaville já tinha posto de gasolina, já tinha supermercado?
T: Não. Não tinha nada. Não tinha nada. Nada, nada, nada. Quando eu mudei, inclusive, acabava aqui no 3. Porque se entrava lá era tudo floresta. E na frente era tudo floresta. Tanto é, que a gente saía e entrava, né? Não tinha essa avenida do 4 pra lá. Ela acabava no 3.
M: E as compras você fazia em Barueri?
T: Não, não tinha em Barueri também. Os Supermercados Joel veio muito tempo depois. Eu ia pra São Paulo. Tinha em Barueri uma quitanda, porque era na época uma cidade-dormitório total, Barueri. Então era lugar de caminhoneiro parar pra dormir pra seguir ou pra parar pra entrar na cidade.
M: Ou pra pessoal que trabalhava em São Paulo morar...
T: Não tinha... Barueri era desse tamanho, Mauro... Não tinha Campos Salles, não tinha nada do lado. Não tinha esse Jardim Bel Val do lado, esses lugares, não tinha nada! Tinha aquele centrinho pequenininho. E tinha uma mulher que tinha na frente da casa dela sabe aquelas tábuas que se coloca assim? E ela vendia banana, uns quatro pés de couve, um maço de salsinha, sabe? Que nem a horta do fundo? E os guardas da portaria, quando vinham de manhã, traziam isso pra mim. Era a bananinha, a couve e a salsinha /cebolinha.
M: O aspecto de segurança não pesou pra vir pra cá? Não era isso que você queria encontrar aqui. Veio pra um lugar com espaço, natureza...
T: Não. Eu queria morar num lugar que fosse uma casa térrea. Em São Paulo eu tinha muito medo. E, era engraçado isso, eu tinha um pouco medo da cidade grande, na verdade. Não era só o medo de ladrão. Era o medo da cidade grande.
M: (...) a vida inteira em Guarujá.
T: A vida inteira. Eu nasci na mesma casa. Eu saí da minha casa pra vir morar nessa casa. Então eu tinha muito medo da cidade grande. Eu tive um pequeno estágio em São Paulo. E eu lembro que eu sentia assim... Era uma desolação. Porque eu não me sentia fazendo parte do mundo. Eu me sentia um párea. Eu chegava em casa, eu chorava. Eu falei: “Eu andei o dia inteiro, ninguém falou ‘oi’ pra mim. Eu não conheço ninguém nesse lugar”.
M: Quando você chegou aqui, você não se sentiu isolada do mundo? Nada disso?
T: Não, não me senti isolada. Porque na época em que eu vim pra cá, eu também tinha um bebê. Então eu já vivia em função do bebê. E eu tinha uma casa pra montar, porque eu mudei e eu não tinha uma mesa na minha casa. Eu mudei com uma cama. Então eu tinha que montar a casa inteira e tinha que acabar a obra. Porque quando eu mudei ela também estava em obras. Tinha pedreiro na minha casa todo dia. Então eu não sentia isso.
M: E aqui as pessoas te cumprimentavam?
T: Todos! Eu vim no primeiro dia, uma veio e trouxe água, outra veio e trouxe um bolo...
M: Aqui do Alphaville 3?
T: É, os sete. Os cinco que tinham...

M: Mas aí você começou a conhecer o pessoal do Alphaville 1 e 2?
T: Sim.
M: Vocês se encontravam onde?
T: Sempre assim... Quando abriu a padaria. Na Araguaia tinha uma padaria. Comprava pão. Qual era a escola que tinha? Só tinha o Mackenzie. Você vai pro Mackenzie e conhece as pessoas na porta da escola. Era sempre assim no dia-a-dia.
M: Não tinha um lugar onde encontrar as pessoas? Era na padaria ou na casa de alguém?
T: Não. Então tinha a Vera que dava balé. Então eu levava a Gabriela na Vera Schwartz pra dar balé. A gente esperava, conhecia as pessoas. Sempre em função...
M: Saía na rua, você não encontrava alguém?
T: Não. Não porque no Centro Comercial só tinha a Farmácia Patrícia. Só tinha ela. Era um terreno e a farmácia. Patrícia.
M: (...) no Centro Comercial (...)
T: Não, então. Nem dava. Quer dizer, era só grama... Só se fosse pra pastar um pouco, porque não tinha NADA! Né? Aí abriu a primeira quitanda da japonesa naquele redondinho, lembra? E aí foi. Então não tinha um ponto de encontro. Aí eu comecei a conhecer os moradores, porque como eu ia no CEAGESP duas vezes por semana – tinha uma feira às cinco e meia da tarde, e que tem até hoje só era em outro lugar – e eu ia fazer as compras com a Gabi pequenininha pendurada aqui, e aí o pessoal resolveu começar a comprar: uma ia, comprava e aí a gente dividia. Então você acaba conhecendo as pessoas porque era tanta deficiência, né? Um ajuda o outro... Entrava cobra na minha casa. Então eu tava de noite... Um grita, vinha o Emílio pra me socorrer, pra matar a cobra no quintal, entendeu? A Amélia tava em São Paulo, o menino quebrava o queixo, não tinha nada! Eu catava o menino e levava o menino. Então nessa integração da necessidade, você acaba criando laços com quem morar. Então tem uma coisa do desbravamento que eu gosto bastante. Entendeu? Pra mim a dificuldade ou a distância não é problema. Eu adoro encher o carro de coisas e fazer, montar...
M: Esse crescimento do Alphaville, no começo não era tão acelerado como é agora. Ele foi crescendo bem naturalmente e durante um tempo foi bem... E essa vida que você tinha ficou por alguns anos?
T: Ficou.
M: Você acha que por quantos anos (...)?
T: Olha, Mauro, acho que até assim uns oito anos assim...
M: (...) 90?
T: É Ainda era isso. E aí eu acho que foi meio que se perdendo...
M: E você se assustava com as casas que eram construídas?
T: É. Principalmente com a maneira das pessoas virem aqui, né?
M: Acho que mudou o perfil do pessoal, né?
T: Mudou. Muito! Eu acho que quando eu vim pra cá, as pessoas que eu encontrava era assim: estavam no começo de vida, aqui era um lugar relativamente barato pra se construir uma casa confortável e todo mundo com filhos nascendo, então era um lugar onde se tinha esse começo de vida. Então eu acho que isso se perdeu um pouco e aqui virou um pouco um lugar meio de ostentação. E... eu não sei o que que aconteceu de verdade, né? Mas...
M: Você não tinha afinidade com esse pessoal?
T: É. Eu convivia; convivo até hoje, mas...
M: Você se sentiu quase como se fosse aquela pessoa alienada lá de São Paulo aqui?
T: Exato. E aí eu quis muito ir embora daqui. Teve uma época que eu queria muito ir embora. E foi nessa época quando eles tinham uns oito ou nove anos. Eu queria ir muito embora porque eu ficava muito brava...
M: E que lugar você imaginou?
T: Eu? Eu queria morar em Pinheiros. Era o lugar que eu queria morar. Eu já não tinha mais coragem porque aí eu já estava... Eu sabia que ia ter que viver com aquelas crianças sozinha, cuidando delas de fato. Porque o Wellington nuca estava, viajava muito, estava sempre ausente... E eu falei: “Não. Eu vou abrir mão...” Eles já acamparam no quintal, já jogaram taco e agora eles vão estudar no Santa Cruz...

M: Eles foram estudar em São Paulo?
T: Não!
M: Sempre estudaram aqui?
T: A vida inteira estudaram aqui. Foram só pra lá na Faculdade. E aí eu quis muito ir embora, mas foi na época em que eu me separei. E aí ficou mais difícil pra todo mundo, porque AQUI eles tinham os vínculos e eles tinham os seus amigos...
M: (...) o que?
T: Agora não lembro. Mas faz tempo, né?
M: *(risos)* Que bom, né?
T: Fui procurar... Muito, muito eu queria ir... Aí eu me separei. Aí era muita quebra, eu achei. Porque a minha casa era uma delícia, né? Todos os meninos, o final de semana, as crianças, todo mundo dormia...
M: Já muda a estrutura familiar... Muda a casa, muda tudo...
T: É. Eu falei: "Vai ser muita mudança..." Sabe? A empregada gorda, com as tetas grandes, que desde sempre embalou as crianças... Aí eu falei: "Não. Agora não é mais hora. Agora eu vou ter que esperar." E aí acabou indo, indo, indo e acabou dando no que dando, entendeu? Mas eu quis mudar. Me incomodava muito, Mauro. Muito.
M: E as crianças ficaram com você até...?
T: A Gabriela saiu daqui quando ela entrou na faculdade e foi dar aula lá na Stance Dual que era lá na Avanhandava. Então ela saía de casa às cinco e meia da manhã e depois ia...
M: Quantos anos ela tinha?
T: Ah, dezoito pra dezenove... E aí a faculdade, a PUC, era em período integral. Então ela voltava pra casa às onze horas da noite. Não tinha mais sentido. O Caio tinha ido para os Estados Unidos. O Caio ficou morando quase três anos lá.
M: Você ficou quase sozinha nessa casa, então?
T: Quase sozinha nessa casa. Quando a Gabriela mudou pra São Paulo, eu mudei aqui pra trás.
M: Sei. Aqui pra trás você tinha um... era um atelier?
T: Era.
M: Que foi feito depois... E você resolveu reformar esse atelier pra... sua casa?
T: Pra virar minha casa. É. Porque aí era uma casa enorme que...
M: E tem um espaço maravilhoso aqui!
T: Maravilhoso! Não tem que não venha nessa casa até hoje...
M: Às vezes eu acho isso aqui até mais gostoso porque...
T: Mas é uma fase!
M: Porque é tua casa... Você que cria tua casa... né?
T: É lógico! E até hoje, Mauro, as pessoas param na porta pra falar: "Eu posso entrar?"
M: Quando eu vim aqui no condomínio, acho que há uns três anos, eu entrei aqui e a primeira coisa que eu via assim era o charme que é a tua casa! Com cada coisa no lugar. Com o teu jardim que você sempre gostou... né?
T: É. É todo mundo que entra aqui...
M: Acho que aquela arquitetura é muito mais fixa, não é?
T: É lógico. Sem dúvida. Não, e aqui é uma casa que você pode ter uma família. Aqui não dá pra você criar uma família, né?
M: Você (...) desse espaço (...) uma coisa maravilhosa! Isso está na sua mão eu acho...
T: É verdade. Sem dúvida nenhuma.
M: Teu jeito de viver... E aí você alugou lá? Aquela casa te ajudou na sua renda depois de separada?
T: Sem dúvida nenhuma. E penei muito. Mas finalmente achei uma inquilina maravilhosa.
M: O Caio e a Gabriela nunca pensaram em morar aqui?
T: Nunca. Eles odeiam Alphaville. Odeiam os dois. Eles odeiam. A Gabriela agora está mudando. Mas eles tem verdadeiro horror de ver nesse lugar.
M: Por que?

T: Eu não sei porque. Bom, primeiro que a vida em São Paulo é muito mais rica. Sabe? O Caio é um cinéfilo. O Caio lê um livro a cada quatro dias. O Caio vai em tudo que é lugar. Então é isso daqui é muito difícil... É muito limitado. Não dá pra... Os amigos estão lá! Entendeu? Os amigos estão lá. Então...
M: Fica difícil ele ter um ambiente de pessoas de afinidade[16]...
T: Exato. Muito difícil. E a Gabriela mesmo...
M: Mas você mantém essas pessoas da sua afinidade[17]? Tanto as que foram embora, quanto as que ficaram por aí.
T: Sem dúvida. Tenho. Aqui manteve... Depois que passou todo esse meu horror de Alphaville, aquela fase... Sabe? Dolorida... (EM: ...da separação). E mesmo a fase da ostentação. Depois que passou... Né? Quanto que já não passou por debaixo da ponte daqui, né? De todo mundo... Parece que...
M: ... tudo o que uma pessoa pode viver também, que foi...
T: ...do fubá ao fuá ra... (risos) Não é?
De tudo. Mauro, eu não troco a minha vida hoje por nenhum helicóptero encima do prédio...
M: Por nenhum instante do seu passado?
T: Nenhum!
M: Com toda riqueza que você já viveu?
T: Com toda riqueza que eu já vi... Não troco por nada, por nada. E do que eu peguei daquela riqueza toda, eu acho que eu uso todos os dias da minha vida! Todos os dias! Meu trabalho...
M: Você se sente protegida aqui?
T: Eu? A mais protegida do mundo!
... a chave no contato, o vidro aberto, a casa absolutamente aberta... E, fora isso, os meus grandes amigos que ficaram aqui... Eu sou uma mulher sozinha... Eu fico resfriada, a Teresa (do Cassinho) vem com a bandeja de noite, o pratinho, com a sopa, o pãozinho torrado, o suquinho de laranja, com lencinho... Vem me trazer na cama.
M: Ela (...) aqui faz quantos anos?
T: A Teresa? Há vinte e... cinco anos. Então os visinhos são muito bons! Todos são. Todos são. Hoje de manhã eu estava – porque quarta-feira é um dia que eu fico, já passou uma pra tomar café, já veio a outra pedir galho de louro porque eu tenho fresco, à tarde vem mais uma, à noite a Renata vem pra cá porque ela tem que esperar o rodízio...
M: E tem os amigos antigos...
T: Tem. Você e a Marcela são meus amigos antigos... Então tem essa coisa do interior que, de alguma forma, eu consegui manter. E se vocês estivessem aqui, vocês teriam igual. Porque a gente é do interior, Mauro. Então essa coisa das pessoas virem pra tomar um cafezinho sem avisar... e saber que a porta está sempre aberta! Sem cerimônia. Isso é muito gostoso! Converso muito com a Renata, a gente se vê bastante!
M: Você falou que o apartamento da Gabriela e do Caio é um ponto que você consegue viver a urbanidade... Então isso é importante pra te completar aqui também?
T: É. Muito!
M: (...) aquela diversidade cultural, urbana...
T: Tudo! Eu adoro ir pra São Paulo. Eu amo!
M: Isso te completa?
T: Me completa! Eu pego um metrô em São Paulo, eu estou em casa, eu me sinto na minha casa, eu vou para o Mercado Central comprar queijo, azeitona, pego o metrô de volta... Eu preciso da cidade grande!
M: Então (...) você está achando um jeito de viver também? Com a tua casa, com o teu jardim que você cuida maravilhosamente bem, com teu charme todo...
T: E eu trabalho em São Paulo também...

M: (...) um jeito de continuar, né?
T: Exato. Têm tudo. Eu tenho que ver o que está acontecendo. Vou lá no Mundo Verde. Eu fui numa quitanda de um alemão maravilhoso, no Alto da Boa Vista... Eu sei das coisas que acontecem, entendeu? Porque eu estou muito lá. Eu vivo lá o meu trabalho e vivo a minha vida aqui. Entendeu? Então contrabalança.
M: Você acha São Paulo longe?
T: Eu não acho nada longe. Pra mim é como ir até o correio. Eu vou com prazer.
M: Não é um peso[18] dizer: "Hoje eu vou pra São Paulo!"?
T: Não. Imagina, Mauro. No ano passado, eu trabalhava todos os dias em Moema. Eram 48 km pra ir 48 pra voltar. Eu ia cantando e voltava cantando. A-do-ra-va! Adorava trabalhar lá e adorava vir pra casa. Oito horas da noite estou sempre descalça, sempre. Sabe? Molho o jardim, fico ali fora, tomo café... E eu não tenho medo, Mauro. Eu não sei o que é medo... Isso... Eu trabalho naquelas casas no Morumbi, naquele City Boaçava... Gente! É uma loucura! É uma loucura aquilo!
M: (...) essa fortaleza, né? Você teve que sobreviver (...) forte assim... Você era casada também ou não?
T: Não, eu era mais amedrontada. Eu era muito mais amedrontada. Eu fiquei forte depois que eu fiquei só. Ué, é obvio né, eu não podia ter medo, não tinha ninguém pra me socorrer... Não tinha *piques*, né?
M: Eu queria voltar um pouquinho pro negócio dos projetos. Vamos falar um pouquinho da Ubatuba, depois daqui do fundo também. Da Ubatuba, você acha que o Jorge não impôs um estilo? Soube entender o que vocês queriam, soube montar um...[19]
T: Não! (.....)[20] O Jorge era muito moderno, entendeu? Pra vender o peixe pros outros.
M: Mas essa casa que ele fez é moderna e é a tua cara também...
T: Mas eu falei pra ele... Mas quando ele mudou pra cá ele me trouxe uma orquídea. Tem coisa mais velha que orquídea? Sabe? Ele não me trouxe um antúrio estilizado, sabe?
M: Você não acha que hoje, depois de trinta anos, essa é uma das casas mais modernas que tem em Alphaville ainda?
T: Olha, eu não sei te dizer, mas ela tem uma coisa que é muito legal, ela tem uma mistura perfeita. Eu acho que ela não é um excesso de modernidade, mas ela é de um a-con-che-go.
Ela não fica velha. E que nem o texto do "Friends". Você assiste? Não fica velho nunca! É interessante isso, sabe? Toda vez eu entro lá... Eu vou lá, nossa, quase todos os dias, e...
M: E quando você alugou, quando entrou um inquilino na sua casa aí não tinha mais... A colocação do mobiliário era diferente, os quadros eram outros... Você acha que a casa perdeu? Que a casa foi se modificando?
T: Eu tive alguns inquilinos. Você está falando do meu último inquilino?
M: Não sei. Qualquer um.
T: Tá. Os meus primeiros inquilinos também fizeram da casa um dormitório, porque era de passagem, né? Então, obviamente.... Eles eram filhos de alemães, eles eram de Curitiba. Ele até... morreu, né? E ele veio porque a empresa veio pra cá. Então ele veio fazer um teste pra saber se ele ia gostar ou não. Então não pensando... E o outro porque estava acabando de construir. Então eram inquilinos que iam passar... Essa inquilina veio para ficar. Então a casa é simplesmente um deslumbre porque ela cuida de cada grama. É a casa é dela.
M: Você gosta da casa do jeito que ela cuida?
T: Eu amo. A Teresa... A casa é linda! A casa é um aconchego. A casa não é minha, a casa é dela, sabe? É muito legal isso.
M: É outra casa, não é mais aquela casa...
T: Não. Eu acho que é a mesma casa, não é outra casa. É a mesma casa.
Eu acho que ainda tem. A casa ainda tem.
EM: (...) mais de você? Você é mais *low profile*...

M: Estou perguntado isso porque eu tive experiência de casas que a gente deixou (...) transformado, né?
T: Ah, não. Eu entro naquela casa, me sinto na minha casa. É de verdade isso.
M: Quando você veio de lá pra essa casa... Isso era um atelier, você pintava cerâmica, dava aula de cerâmica...
T: Dava. Antes de ser aula de cerâmica era uma área que a gente... Porque como minha casa sempre foi meio um hotel, né? Porque as vizinhas iam viajar e deixavam os filhos na minha casa... Só que uma tem três e a outra tinha três. Então não é que vinha um filhinho, eles ficavam os seis na minha casa além dos meus dois. A minha casa era um hotel, então eu sentia falta, por exemplo, pra quando eles vinham todos... Ai a gente fez isso daqui... A gente não, você fez pra ser um lugar de brincar. Eles andavam de patins aqui dentro, eles faziam... montavam barraca, eles faziam o que eles queriam aqui, porque era pra eles brincarem. Depois virou a época dos bailinhos, porque eles começaram a crescer... Bailinho de todos, né? Não só dos meus filhos...
M: E quando você chega em Alphaville hoje: aquele trânsito, congiestionamento... Em alguns horários você evita sair daqui? Pra evitar o trânsito?
T: Eu sempre evito. Por exemplo, a padaria. Eu nunca mais comprei o pão das cinco horas. Esquece. Isso risca. Ou eu compro pão às quatro, ou eu não compro mais, porque não dá mais pra entrar na padaria depois das cinco. Então, por exemplo, eu tenho uma amiga que mora no 2, quando eu saio de São Paulo porque eu estou trabalhando, e ela sempre fala: “Passa aqui pra tomar um café!”. Se eu vejo que eu estou chegando às cinco, eu não vou na casa dela. Eu só vou à casa dela depois das oito, ou não vou. Então algumas coisas estão vetadas na vida.
M: Sei. Esse crescimento, esses prédios, quando você vê crescendo, isso chega a te irritar ou não?
T: Eu? Eu fico muito triste. Muito triste com a falta de critério e como as pessoas vendem os espaços com dinheiro, aleatoriamente. Você acha que é normal na beira de uma Reserva, de um rio que está cheio de capivara fazer esses elefantes que eles estão fazendo? Esses monstros? Sabe? Invadindo a privacidade de quem mora aqui há trinta anos numa tripa de terreno. Que vamos dizer que ali não é um lugar amplo pra você construir, né? Porque atrás tem toda aquela parte que você tem que deixar pro manancial do rio e da nascente... E os caras construíram... Eles vendem a alma para o diabo, né? É de chorar de triste. É muito triste.
M: E essa seqüência de loteamentos que vai abrir com (...)...
T: Aquilo lá, Mauro, você sabe que não faz parte da minha vida, porque eles vêm por uma outra estrada, entendeu? O que está pro lado de lá desses Tamboré 99, dessas coisarada que vai crescendo ai, que já grudou na Anhanguera, que já tá lá, pra mim pouco me importa, porque é um pedaço que já não faz parte da minha vida, entendeu? É que nem montar o bairro, um bairro novo... Vila Mascote, né, na USP... Não é um bairro que tem novo lá? Oh, não to, não preciso passar por ele, entendeu? Não preciso. Meu banco continua aqui, minha farmácia aqui, o correio aqui e nisso continua muito bom em Alphaville. Porque tem outros núcleos, né? Então o que eu faço em meia hora, em São Paulo eu não faço em três horas. Essa coisa do dia-a-dia é muito legal. Porque é uma concentração de coisas boas num lugar pequeno
T: É. Isso é muito gostoso, entendeu? É diferente, Mauro! Eu vou no Banco Real – no falido, no finado, agora essa porcaria de Santander, você vai, você conversa... Em São Paulo o cara não tem tempo pra falar “Oi Julio! Tudo bom? Tudo! Não sei o que... Vou entrar de férias”. Tem uma diferença no comportamento das pessoas. Eu sinto que tem. Entendeu?
M: Em São Paulo você é mais anônimo, né?
T: Você é. É. As pessoas têm menos tempo pra você. E eu acho que essa coisa do dia-a-dia aqui é fácil. Você vai no sapateiro, no banco, no supermercado, no correio, no Seu Luís arrumar o liquidificador... Tudo isso você faz muito rápido e é tudo de muita qualidade, porque a gente tem muita coisa boa concentrada num lugar só, sabe? Então isso eu acho a grande vantagem de Alphaville. Sabe? Se você vive e mora aqui como hoje a dona de casa que não trabalha, você ainda tem muito tempo sobrando, porque é tudo muito fácil no dia-a-dia.
EM: É, e aí a solidão machuca porque aí tem muito tempo sobrando, né?

T: Bom, também tem isso, né? É, mas quem não sabe o que fazer com o tempo, não sabe fazer em lugar nenhum. Eu nunca tive muito tempo sobrando, você também não, você também não, não é?
M: Você sempre procurou algo coisa pra fazer, na cozinha, sempre cuidou do jardim... Você gosta de assistir filme... Tem os amigos...
T: Você gosta de tanta coisa... É... Sabe? Então pra mim pouco me importa se vai vir o Iguatemi pra cá, se não vai vir. Eu não vou no Iguatemi lá! Eu detesto! Entendeu? Então pra mim tanto faz! Eu prefiro ir na Paulista no cinema. Continuo gostando de lá... Lagar o carro e ir a pé no cinema. Eu continuo gostando até hoje, entendeu? Essa coisa não me comprou. Eu gosto de ver essa coisa da cidade, entendeu? É um prazer ir lá.
M: Esse teu universo te acolhe a tua personalidade do jeito que ela é?
T: Exato. Eu acho que o jeito que eu consegui manter esse pedaço de Alphaville e da minha casa, é uma coisa que alimenta a minha alma!
EM: É um tesouro.
T:Isso pra mim é muito gostoso, sabe? E o fato de eu ter um trabalho que eu poça também ficar alguns dias e as pessoas saberem que eu estou aqui. Eu tenho amigas que trabalham em São Paulo e que não recebem ninguém. Porque o tempo integral delas está voltado para o trabalho e a noite é pra viver a família e o marido. Eu não. Como vocês também de certa forma tinham isso. Vocês tinham um espaço na casa, onde vocês tinham pra acolher os amigos de vocês. E eu mantenho isso até hoje. Então eu tenho um pedaço de Alphaville assim, que muito pouca gente tem. Então eu acho que isso é um tesouro.
M: Isso não é o normal de hoje.
T: Não é normal. Não é normal. Eu acho que eu sou anormal.
...e os filhos foram ficando por aqui. Eu não tenho nenhuma esperança que algum dia algum filho meu venha pra cá, sabe? Se um dia a Gabriela tiver um filho, tenho certeza de que eu vou me locomover pra São Paulo, entendeu? Porque ela é uma pessoa tão integrada naquela cidade, que ela realmente não pertence aqui. É outra massa.
M: Um lugar bom (...) opção dela...
T: Eu sei, mas... É... A não ser que eu vá e traga pra cá e... Mas eu sei que vai ser lá. Eu não tenho essa coisa da Cidinha, né? Que os filhos vieram, casaram e ficaram por aqui, né? Como a Teresa Machado... Os filhos foram casando e ficando por aqui. –"Pega a casa minha, que é grande. Eu vou mudar pra uma outra, pra você criar o seu filho..." Esquece! Eu não... Os meus filhos não vêem.
M: Tá bom do jeito que é agora?
T: Tá bom do jeito que é agora. Mas eu não estou fechada a mudanças. De verdade, entendeu? Seu eu tiver que ir pra São Paulo hoje, eu vou, de verdade eu vou. Porque tem um lado lá que eu gosto muito! MUITO! Eu adoro passar naquela Vila Madalena e falar "Gente! Mas como é que essa mulher fez esse cabeleireiro! Me explica?". Com aquele bom gosto, com aquele talento que não é com riqueza, é com criatividade, sabe?
M: Isso não te alimenta pra voltar pra cá?[21]
T: Ah, mas não tenha a menor dúvida! Eu não vivo sem! NUNCA eu mudaria pra Sorocaba... Ah, uma cidadezinha do interior me dá até arrepio de pensar naquele povo no alpendre, pro lado da tarde, sem fazer nada! Ah! Deus me livre!
M: Aquele mau gosto ambulante...
T: Ah aquele mau gosto! Aquele tédio! Eu vou pra Santana do Parnaíba, eu vou arrepiada! Que tristeza aquela cidade, fazia, fantasma! É um horror, Mauro! Aquilo é bonito pra passar, tirar fotografia, olhar e vir embora
Eu gosto muito da cidade! Sábado a gente foi lá pro Cidade Jardim. Fiquei lá em cima olhando a cidade com aquele jardim impecável, aquele madeiramento... Você olha, você fala: "Meu Deus! O que é isso?!" Que coisa, sabe? Eu adoro ver. Adoro ver coisa bonita... Que é meu passado pregresso, porque eu vi tanta coisa bonita na minha vida! E eu não olho com saudosismo, mas tudo impresso dentro de mim, entendeu? Eu estava lavando as minhas conchas, eu disse: "Gente! Eu mergulhei,

catei isso do fundo do mar do Taiti, trouxe dentro da mala fedendo bicho, vim e lavei. Eu sinto o cheiro, a cor do mar, o biquíni que eu tava, o pepino que eu comi assado, recheado. Tudo eu lembro. Então isso está tudo dentro do meu pacote! Eu não fico chorando porque eu não posso mais ir para o Taiti. Não fico mesmo, Mauro. De verdade. É difícil? É difícil. Mas é outro momento da vida agora! Muito mais em paz. Eu deito e durmo feliz. Não tem preço a paz da gente. E essa casa é uma paz.
M: Eu fiquei muito feliz de chegar aqui hoje e ver isso, ver você assim, ver essa casa charmosa, bonita, gostosa. Me senti super bem aqui e de ver você bem aqui.
T: Muito bem, Mauro. Tô muito bem! E to aberta pra outras coisas, sabe? “Ah, vamos pra Bahia?” Porque não? Sei lá pra onde esse bicho sopra? Pra onde a vida leva a gente? Não sei! Se a Gabriela resolver fazer um projeto agora, que ela tá vendo umas coisas, e falar “Mamãe, to vindo pra morar em Trancoso!” Eu vou morar lá com ela. E com ela não, perto dela. Com ela nunca, né? Mas perto dela eu vou! Pra cuidar de um neto, ou pra dar um suporte até, eu vou, Mauro. Eu não tenho nada que me segure. A não ser meus afetos. Mas esses eu não perco, entendeu? Esses eu não perco nunca!

Guilherme Mendes

Alameda Polonia, n° Aphaville 1 & Tamboré

GUILHERME: É, eu cheguei em Alphaville em dezembro de 79.

E a gente mudou em 21 de dezembro de 79. Eu tinha 11 anos e agora estou com 43 e ainda moro lá. Mas quando eu cheguei lá era totalmente diferente do que é hoje. Muita gente ia passar só o final de semana lá... e o cebolão não existia... Era bem diferente.

M: Tinha isso de morar em São Paulo passar o fim de semana em Alphaville ?

G: Tinha algumas pessoas. Eram poucas, eu imagino, porque também tinham poucos moradores. Tinham pessoas que que moravam em São Paulo, como hoje a pessoa vai pra Boituva, no sítio e tal, e iam pro Alphaville passar o final de semana.

M: E você casou há quanto tempo?

G: Eu casei tem dois anos...

M: E você continuou morando na casa de seus pais até se casar?

G: Não, eu saí um pouco antes. Eu saí... eu demorei... Quando saiu aquela reportagem da revista Veja daquele cara de trinta e tantos anos sentado no colo da mãe na capa, eu tinha 37 anos já, se não me engano, 36 ou 37. Eu falei: “Agora preciso ir embora já”.

M: Você foi pra onde?

G: Fui pro Tamboré 5, onde eu moro hoje.

M: Você nunca saiu dessa região?

G: Nunca saí da região.

M: Nem quer sair?

G: Ainda não... Mas eu tenho meus conflitos com Alphaville aí na questão de trânsito hoje.

M: Você participa de uma associação que se chama Viva Alphaville?

G: Não, chama DROPS! É Desenvolvimento Responsável, Organizado, Planejado e Sustentável.

M: Aqui no Alphaville?

G: É uma associação que foi fundada por uma dúzia de moradores da mesma idade assim, com o mesmo perfil meu: moravam lá há bastante tempo, moravam há algum tempo e começaram a perceber o crescimento desordenado... A gente começou a perceber que o Alphaville não tava tendo um planejamento que foi o que originou. Alphaville foi sempre um bairro muuito planejado. Então a gente lá no Alphaville não tem hoje por exemplo relatórios de impactos de vizinhança, áreas de recuo, áreas de estacionamento condizentes.

M: Esses relatórios são feitos pela sociedade (...) de Alphaville?

G: Não, não. Isso (...) do poder público.

M: Mas quem faz isso? A prefeitura de Barueri?

G: Não, não. Quem faz é o empreendimento que está sendo construído.Eu estou falando de médios e grandes empreendimentos. Uma casa, acho que não tem necessidade e tal. Mas quando você vai construir um empreendimento médio ou grande em São Paulo, você é obrigado a se encaixar em diversas diretrizes que o poder público te passa que vão desde área de carga e descarga de caminhão de mudança, etc, número de estacionamento condizente com o número de pessoas que vão visitar ou que vão trabalhar naquele empreendimento ou morar. Na área, por exemplo de Alphaville, os empreendimentos não respeitam por exemplo a questão do ônibus fretado. Então você tem lá um prédio que você constrói pra três mil pessoas que vão lá trabalhar, sendo que irão vir 80 ônibus de São Paulo pra trazer as pessoas e você joga esses ônibus na rua. Então um prédio manda oitenta, outro manda quarenta. Hoje tem em Alphaville ônibus fretado espalhado na rua... Você não tem...

M: Tem estacionamento público ou não?

G: Tem... Estão estacionando lá trás no Parque Ecológico uma parte, uma parte em Barueri, uma parte outra parte... Mas eu digo: os projetos que estão sendo aprovado já há algum tempo em Alphaville e Tamboré, assim, acho que meio lavando as mãos. Não estão tendo um critério de aprovação que perceba que o Alphaville está caindo na qualidade de vida. Hoje você vem, você sai de São Paulo às cinco horas da tarde de Pinheiros e você vem muito bem na Castelo Branco. Você vem a oitenta por hora, carregado, mas vem e quando você entra em Alphaville e você trava. Aí você pra chegar da Castelo Branco até o Alphaville 1: você leva 30 ou 40 minutos, então você vê que até o Poder Público de São Paulo tem feito coisas: Marginal, etc e tal... Mas entra em Alphaville está tudo travado porque cada hora sai mais uma torre gigante, vem mais um acréscimo de população flutuante, que hoje já deve ter passado dos...

M: Mais outros tantos loteamentos residenciais...

G: Que estão saindo lá do fundo... Empresariais... Empresarial Tamboré e etc. E Barueri... E Alphaville é caminho ali pra Santana do Parnaíba, é rota... Então trava tudo! O Alphaville é uma região pouco vascularizada em termos de rua! É diferente de São Paulo em que você está aqui numa rua que está ruim e você fala “Vou virar na próxima à direita e tal”! Você tenta achar um caminho. Alphaville é um caminho só! Então naquele caminho trava tudo! Não tem estacionamento suficiente, as pessoas... São duzentas mil pessoas flutuantes que vêem trabalhar em Alphaville.

M: E o DROPS? O DROPS age junto com o poder público, ele pressiona as entidades?

G: Na realidade, Mauro, vou te falar: o DROPS hoje está dormindo. A gente montou em final de 2008 e a gente atuou bastante em 2009 e atuou até o meio... não 2009. Em 2010 a gente já... Nós montamos uma coisa com uma idéia, a gente fez um marketing acho que bacana, a gente apareceu, fizemos eventos, saímos nas revistas, demos uma mexida, o pessoal conheceu, fizemos um site que é www.euamoalphaville.com, já temos 400 pessoas lá... Só que a gente não conseguiu trabalhar, porque não tinha experiência com isso, questão financeira. Então no começo a gente ficou cada um dando lá R$ 200,00 ou R$ 300,00 por mês. Tem uma hora que você fala: eu não vou ficar dando, não tenho o resultado... Aí eu casei, o outro nasceu a filha, o outro também nasceu a filha, o outro mudou, também foi embora... Então a coisa adormeceu, perdeu força.

A gente teve audiências com o prefeito... A gente trabalhava assim: conversando, propondo soluções... E tivemos audiências com o secretário do planejamento, secretário segurança, que cuida do trânsito... Mas eles nos ouvem todos muito educados, né? Mas não têm atitude nenhuma.

M: Parece que os empreendedores querem vender o produto, ter um retorno imediato e acabou. Agora o poder público me parece que este está mais preocupado...

G: Exato. O que está acontecendo no Alphaville, é que está se nivelando por baixo: porque quando as regras são fracas, nesse sentido de sustentabilidade da qualidade de vida, todo empreendedor vai cumprir o mínimo que é passado pra ele porque tem um mínimo de custo. Tudo o que gera sustentabilidade, gera custo. Então uma obra que vai custar vinte milhões, quando tiver que preencher outros requisitos que é o que a gente quer, vai custar vinte e cinco e o empreendedor não vai ter lucro, não vai conseguir vender porque o apartamento dele ou sala comercial é mais cara, etc. Então a gente acaba nivelando por baixo, porque o empreendedor tem feito o mínimo.

M: O DROPS, pelo o que você falou, é constituído por pessoas mais ou menos da sua idade que amam Alphaville, mas estão insatisfeitos com o desenvolvimento que está acontecendo...

G: Exatamente. Exatamente.

M: E essas pessoas são de varias áreas?

G: São de várias áreas.

M: Mas vocês tiveram algum apoio de profissionais de alguma área específica, arquitetos e engenheiros? Ou dentro do próprio DROPS tem esse pessoal?

G: Nós temos um que é Rogério L(...)O Rogério é agora um arquiteto urbanista... E ele cuidava dessa área, vamos dizer, ele que analisava o plano diretor...

M: Vocês tinham um apoio técnico dentro do DROPS?

G: Tinha um apoio técnico dentro. Mas, assim, todos voluntários gastando um pouco do tempo disponível, fazendo as reuniões mensais, semanais, entre nós pra acertar o que a gente ia fazer pra depois sair pra rua.

Só que faltou a gente acertar a grana, porque a idéia era bacana.

M: O problema era financeiro então?

G: Eu acho. Porque a nossa idéia era assim, Mauro: a gente tinha que ter o corpo técnico de arquitetura urbanística e o corpo técnico jurídico. No começo, um de cada. Um arquiteto urbanista e um advogado.. Ele teve uma secretária só esse tempo que era a pessoa que fazia o dia-a-dia, a papelada e tal... Então a nossa idéia era ter essa secretária, um arquiteto, um advogado para analisar os projetos, analisar as leis e dar sugestões para o Poder Público, entrar com uma coisa mais concreta.

Então a coisa se modificou muito e a tendência é piorar. Essa é que é a nossa aflição. Se eu saio de casa às 7:30 da manhã, eu atravessei aquela decidona entre o Mackenzie e o Alphaville zero, fico ali uns dez minutos. Minha casa é no Tamboré 5 é lá no fundo, onde tem os prédios da (...). Ali é uma via só. Aquela via, ela traz o pessoal da frente, todo o pessoal do Tamboré, do Shopping e tal, pro lado de trás. Só tem aquela via de ligação. São duas vias que sobem, e uma que desce. Então só tem aquilo pra você ligar a parte de frente de Alphaville, se você olhar por cima, com a parte de trás. Tem uma outra volta que dá pra UNIP lá, mas é uma outra coisa. Fica comprido e você cai nessa também. Acaba caindo na Marcos Penteado Rodrigues que é...

M: O DROPS chegou a pesquisar as similaridades internacionais?

G: Sim! Na Dinamarca nós vimos, Noruega... Nós levamos inclusive esse projeto pra ser uma cidade que foi construída pra ser uma Vila Olímpica.

M: Lá as regras são muito mais rigorosas.

G: Mas é o que a gente pretende se tivesse no Alphaville: olha as regras... Nós não somos contra o desenvolvimento...

M: Uma regra bem elaborada favorece o empresário a longo prazo...

G: Eu expliquei isso, eu falei para o Furlan... Falei: “Olha...”, o dono da Polishop é meu amigo, é uma empresa que tem quatro mil funcionários. Ele tá procurando uma nova sede. Veio do Alphaville, olhou e foi embora. Falou: “Eu não vou ficar aqui.” A Johnson&Johnson que eu conheço atrás do shopping aquele prédio atrás do Shopping Eldorado veio analisar Alphaville e foi embora. E os jornais estão dizendo cada vez mais, vem empresas para o Alphaville. E vem mesmo. Porque vem os desavisados.

M: Ainda existe isenção fiscal ...

G: Existe.

M: No município de Barueri?

G: Barueri.

M: Alphaville é muito mais ligada a tua história emocional? A proximidade dos pais? Ou uma questão mais financeira?

G: Olha Mauro, foi um caminho que acabou de um certo modo um pouco acontecendo. Mas tem um pouco de tudo: tem a parte emocional, tem um carinho por Alphaville e tem 70% da minha família tá lá: quem saiu de lá foi só uma irmã e um irmão. Ficou minha mãe, minha outra irmã, fiquei eu. E o Alphaville apesar de tudo isso, tem um benefício muito bom que é a segurança.

M: Existe uma qualidade de vida que supera o ônus de se chegar ao local...

G: Sim. E você fica indignado com essa situação desordenada, mas isso não tira outras qualidades. Alphaville tem muitas outras qualidades. Tem uma tranqüilidade, tem um silêncio. Minha casa é um silêncio.

M: Você cresceu já em Alphaville?

G: Sim.

M: A necessidade urbana, da vida urbana, de ser anônimo ,você nunca teve? Você nunca viveu isso?

G: Eu fui para o Alphaville com 11 anos, mas eu também estudei a minha vida toda até os vinte e dois em São Paulo.

G: Eu estudava no Colégio Pio XII no Morumbi a vida toda, até o terceiro colegial e depois eu fiz faculdade Mackenzie, engenharia, até meus vinte e poucos anos.

M: E como é que você veio para a cidade.

G: Eu convivi com a cidade... Eu tinha bastante relacionamento.

M: Isso não te atrai?

G: Não. Não, eu gosto, às vezes eu penso. A minha irmã mora ali no Jardins, na Consolação, do lado da Oscar Freire, me atrai. Mas pesando, na hora de pesar, olha, talvez eu prefira viver aqui.

M: E da tua geração, como você avalia? Teus amigos. Como essa... Quem foi para São Paulo e quem ficou? Você podia avaliar (...) A grande maioria prefere ficar? Como é que foi?

G: Olha, mais ou menos isso: metade foi, metade ficou. A metade mais agitada, mais... Que curte essa coisa mais urbana foi. E uma metade ficou. Quem tinha... os pais seguiram negócio em Barueri, por ali ficaram. Acho que hoje muito tá valendo a questão do trabalho, né? O cara que trabalha na Paulista em banco. Não adianta ele ficar morando em Alphaville hoje. É uma loucura. Então vai morar no jardins. Fica ali mais perto...

M: E seus pais? Estão totalmente acomodados? E aí permaneceram? Naquela casa maravilhosa, deliciosa?

G: Exatamente.

M: Eles não estão envolvidos com igreja, com tanta coisa?

G: Também não tem como ir para outro lugar. Meu pai vai fazer 80 anos. Vai fazer 78 na verdade.

Minha mão vai fazer 67. Ela é 11 anos mais nova. Então não tem muito que sair. A maioria dos (...), porque o (...) separou e foi morar em São Paulo de novo, mas os filhos dele estão em Alphaville com a ex-mulher, moram lá. Então...

M: Eu queria que você falasse só um pouquinho dos primeiros anos em Alphaville. Você chegou adolescente, moleque, aproveitando todos esses marcos que a gente tinha por aqui. Fala um pouquinho.

G: Era muito legal, a Maurão. A gente tinha possibilidade de passeios de bicicleta, à pé... Às vezes a gente saía com carne e carvão nas costas com meia dúzia de amigos pra fazer um churrasaco num matinho ali onde hoje é o Alphaville zero, por exemplo. Então a gente juntava uns bloquinhos, levava uma grelha, beber não bebi porque era moleque, depois começamos a beber cerveja e tal. Então a gente tinha uma proximidade, era um grupo, era uma cidade do interior. Vocês viveram... Tinha lá 50, 60 famílias. Depois aumentou um pouquinho, mas continuou fechado. O clube era um ponto de muito encontro que a gente passava a manhã na escola... Tinha o um e o dois... Então a gente passeava muito de bicicleta, saía às vezes de bicicleta ou depois vieram as mobiletes, né? Empinava pipa, jogava bola, na rua, em qualquer lugar...

M: Você falou uma coisa bem interessante: o clube era um ponto de encontro. Hoje continua?

G: Você acha que existe outro ponto de encontro em Alphaville ou não? Olha, os residenciais tornaram um pouco um ponto de encontro, né? Nos residenciais, nos clubes, nos clubinhos. A maioria dos residenciais hoje têm um mini clube. Quase todos, o 1 talvez um único que não tenha. O dois tem a parte lá que é um parque que eles assumiram pra cuidar... Nos projetos não sei se vale a pena você procurar aí... Tá o PG. O PG, depois a gente volta nesse assunto, o PG ele conseguiu o maior feito de Alphaville tendo sustentabilidade e conservação que foi o... Ele promoveu... Ele conseguiu passar oito ações na justiça contra se não me engano a Tamboré S&A que era dona da fazenda, dona de tudo. E essas oito ações na justiça, com o promotor público etc que gerou a reserva biológica Tamboré que hoje a gente tem em Alphaville lá trás onde tem os prédios que iam perder que são três milhões e meio metros quadrados cercados de mata nativa que não pode ter nenhum tipo... Foi obra do PG. Foi essas ações que ele começou a cutucar, porque ele é advogado também, né? Começou a perturbar, que geraram um acordo na justiça... e aí a Tamboré doou esses três milhões e meio de metros quadrados pra regularizar todo o restante que é o centro empresarial Tamboré e vai lá para trás. Vai até a Anhanguera e tal.

M: A sua mulher é de Alphaville?

G: Não. Ela veio de São Paulo. Ela ama Alphaville, a tranqüilidade, não quer outro lugar. É louca por Alphaville.

M: Ela veio pro Alphaville bem depois. Já nessa situação...

G: Já nessa situação caótica.

M: Aí ela chegou nessa época e gosta da situação que ela encontrou?

G: Gosta. Ela morava no Jardim Majaroara.

M: Queria perguntar mais duas coisas aqui. Esses lugares públicos que estão sendo (...), pra quem mora... Público restrito... Associados, mas há um lugar nos residenciais. Fora os residenciais, existe um lugar público que tem acesso e não mora em Alphaville? Um lugar que vem pessoal de Barueri ou de São Paulo, existe um centro cultural, alguma coisa assim? Algum lugar pra ser encontrado?

G: Maurão, não que eu me recorde. Apesar que eu com os meus 43 anos e o meu ritmo de vida é: trabalho, casa, casa, trabalho, parente casa da mãe e do pai.

M: E a vida cultural, como é que está?

G: Muito pouca. Muito pouca. A vida cultural em Alphaville... A única pessoa que fez alguma coisa lá e que ainda faz, é a tal da Revista Vero, através do Marcos, o japonês lá o Bansa e o Marcelo que são moradores antigos que fazem o *tendences*, que é um evento legal que tem realmente em novembro que junta mais ou menos 15 mil pessoas visitando que ele faz no centro comercial que ele enche de barraquinhas, de lojas, depois tem a parte cultural, um show de jazz aqui, do outro lado tem uma banda de samba, lá do outro lado do palco comercial, tem uma banda que toca rock, aí no final tem uma banda que daí uma vez foi do Nando Reis, no outro ano foi da Paula Lima aí o show de fechamento do evento é um evento de três dias. Que tem bastante cultura, que tem livros e tal, que tem o parquinho para as crianças, uma área só de brinquedos, então os pais levam os filhos e integra bastante a comunidade. Mas Alphaville teria o potencial, no meu ponto de vista, pra ter eventos mesmo de peso que criasse um nome como é o Skol Beats da vida... Esse uma vez, fez um evento de Axé, de show de Axé que foi lá no centro comercial do Tamboré. Veio gente de fora pra caramba, foi um negócio que poderia ter uma continuidade anual que seja, podia ter um evento que marcasse, que a prefeitura bancasse. O Alphaville não tem no meu modo de ver nada se... Se você me perguntar assim: anualmente tem a casa cor... Lá até tem... A Vero faz também... Mas você não tem um evento que você fale cultural em nenhum lugar. Dizem que vão fazer um museu aí atrás de Alphaville 2. Parece que ali onde o Alphaville 2 tomou conta, que é uma área do D(...), que foi o PG que conseguiu também isso que é de uma família (...). É anexo ao parque ecológico. Ali tem uma área que o Alphaville 2 cuida dessa área, mas também usa. Então tem um lago, tem uma pista de Cooper, tem um campo de futebol.Então ali tem uma área que vai virar um museu, centro cultural, o Furlan disse isso há uns cinco anos e não fez nada até agora. Mas não tem, que tem eu não me recordo.

M: A paisagem hoje te assusta? Aquele tempo você via verdes campos, hoje... Eu também não sou assim eco..., adoro praia, essas coisas, mas não me assusta não. Acho que quando você entra dentro do residencial, tem uma tranqüilidade, tem árvores, não é como era antes, mudou muito, mas eu acho que não me assusta tanto. Mas eu acho que deveriam mudar as regras, deveriam ser regras estilo européias. Regras mais rígidas. E vocês pretendem acordar o DROPS ou não?

G: Pretendemos. A gente não tinha experiência, então faltou a gente casar com alguma outra... Virar um braço da A(...), virar um braço da S(...), de associações ricas. A gente tentou pelo menos em uma meia dúzia de residências, fazer uma explanação sobre o DROPS e tal. As pessoas adoram: legal, bacana e tal... Só que na hora de se filiar e de dar 2 mil reais por mês cada um: aprovação da assembléia, tem que chamar os condôminos, então a coisa foi muito morosa nesse sentido até que a gente falou: não vou ficar botando R$ 500,00 por mês do meu bolso lá pra não estar havendo nada e tal, mas a gente pretende acordar num outro formato. Tem só a questão polêmica, porque é difícil

você montar uma associação que ela vai bater de frente com algumas coisas: com o público, com empreendedores... O DROPS bate no fundo um pouco de frente com isso. Então nossa coisa não é conflito: é trabalhar junto, mas você vai estar incomodando essas pessoas de certo modo.

M: Quem sabe uma nova consciência desses empresários, pode financiar o DROPS. Esse teu trabalho não tem a pretensão de trazer a solução alguma, mas quem sabe consiga montar um diagnóstico pode ser útil.

G: E nessa conversa toda, qualquer idéia vai ser anexada. Mas esse trabalho que você está fazendo, pretende anexar um diagnóstico inteiro: nacional, internacional, local. Essa história de lutar pelos moradores que eu acho bem interessante. O que você puder contribuir, eu te agradeço, tá bom? Eu conheço duas pessoas que trabalham de uma empresa chamada Loyal Tics, eu não lembro tão bem assim, mas eles trouxeram uma idéia de Londres da Inglaterra: é um Softwere que ele recondiciona áreas que urbanisticamente estão depreciadas, é através de um Softwere. Então ele me demonstrou lá que isso foi feita numa área portuária de Londres. Que era uma área que nos anos 60, 70. E depois a coisa através de umas intervenções, eles trazem de volta o povo pra morar, monta não sei o quê tal, depois de uns dez ou vinte anos, a coisa revalorizou. A esposa desse rapaz que é o Otávio. Ela fez um trabalho gigante sobre o Alphaville. Porque você me falou que está buscando trabalho, ela fez um trabalho gigante tipo o seu que era de mestrado acho e eu vou procurar trazer. Tá bom?